UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

ELVIRA RIBA HERNÁNDEZ

Alianças trans-fronteiriças: memória política de ações de solidariedade na Costa Rica no contexto
da ditadura militar somozista

São Paulo
2015

ELVIRA RIBA HERNÁNDEZ

Alianças trans-fronteiriças: memória política de ações de solidariedade na Costa Rica
no contexto da ditadura militar somozista

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós Graduação Mudança Social e Participação Política.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 21 de outubro de 2014. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH-USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD) de acordo com a Resolução CoPGr6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Soares da Silva

São Paulo
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Hernández, Elvira Riba

Alianças trans-fronteiriças : memória política de ações de solidariedade na Costa Rica no contexto da Ditadura Militar Somozista / Elvira Riba Hernández ; orientador, Alessandro Soares da Silva. – São Paulo, 2015
173 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, em 2014
Versão corrigida

1. Mulheres – Aspectos sociais – Costa Rica. 2. Mulheres – Aspectos sociais - Nicarágua. 3. Feminismo – Costa Rica. 4. Feminismo - Nicarágua. 5. Participação política. 6. Psicologia política. 7. Revoluções – 1979-1990 – Nicarágua. I. Silva, Alessandro Soares, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 305.4097286

HERNÁNDEZ, E. R Alianças trans-fronteiriças: memória política de ações de solidariedade na Costa Rica no contexto da ditadura militar somozista. Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Aprovado em: 21 de outubro de 2014.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alessandro Soares da Silva

Universidade de São Paulo-USP

Profa. Dra. Mirta González Suárez

Universidade da Costa Rica - UCR

Prof. Dr. Agustín Espinosa Pezzia

Pontificia Universidad Católica del
Perú - PUCP

DEDICATÓRIA

A todas las mujeres que desde diferentes partes de mundo creyeron que otra Nicaragua era posible, que vieron en la solidaridad, en la militancia y en las armas las maneras de sumar fuerzas para hacer realidad la revolución.

A la memoria de todas las mujeres asesinadas por la dictadura somocista. Especialmente a la memoria de Yamileth López Ballesteros, mujer joven costarricense, obrera y militante, que cayó en Segovia, Nicaragua en 1983 defendiendo la revolución sandinista.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de pesquisa que pretende falar em solidariedade só é possível se fazer em solidariedade. Agradecer aqui passa a ser um ato de reconhecimento a esse apoio solidário de todas as pessoas que participaram desta pesquisa.

Desta forma agradeço ao Programa de Estudantes Convênio de Pós-Graduação e a CNPq pela bolsa de estudos que me permitiu levar em frente e concluir a presente dissertação.

À professora Soraia Ansara quem deixou em mim a inquietação para pesquisar desde o viés da memória política.

À professora Mirta González por me mostrar os caminhos possíveis para fazer um trabalho comprometido com a realidade das mulheres latino americanas.

À professora Miriam Santos Sepúlveda por aceitar participar da banca do exame de qualificação, e pelo cuidado e a atenção para ler o texto.

Ao professor Agustín Espinosa por aceitar o convite para fazer parte da banca de defesa, obrigada pelo aprendizado e pelas contribuições ao trabalho.

Ao professor Alessandro Soares da Silva, orientador e amigo, pela confiança e carinho postos neste trabalho.

A Thiago, Carlos, Marcos, Vanessa, Cristiane e Jussara, funcionários/as da Secretaria de Pós-Graduação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, pelo bom trabalho.

Às/os colegas e amigas/os do Grupo de Estudos em Psicologia Política, Políticas Públicas e Mudança Social da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, e companheiros do mestrado Dennis de Oliveira, Salvador Sanoval, Débora Cidro de Brito, Eliete Edwiges, Felipe Corrêa, Rogério Ferro, Fábio Ortolano, Ana Rita dos Santos Ferreira, Tatiana Oliveira, Maria Eugenia Augusto Gregório, Gabriela Pudenzi, Tâmara Pacheco, Babel Hajjar, Danilo Oliveira, Aline Carmo, Fábio Bosso, Paulo Bittencourt, Fernanda Santos, Andrea Nunes, Salete Perroni, Thiago Bonfim dos Santos, Ramon Zago, Laís Assis. Especialmente a minha grande amiga e interlocutora Semíramis Costa Chicarelli pelo aprendizado e o companheirismo.

A minha mãe e meu pai, cuja luta cotidiana foi a primeira escola de formação política, especialmente a militância feminista da minha mãe.

A minhas irmãs e amigas Alicia Riba, Lucía Riba, Laura Riba, Paulina Torres, Carmen Campos, Soledad Díaz, Marcela Rojas e María José Rojas, por cuidar de mim desde a distância.

A Laura especialmente pela complicidade necessária para sobreviver à estranheira. Aos meus irmãos queridos Pablo Riba e Rodolfo López.

Às amigas e amigos do CRUSP por fazer do dia a dia um laboratório de solidariedade, obrigada Suzana Lourenço, Sarah Azevedo, Luciana Borges, Simone Santos, Kellin Zornita, Pedro Rubro, Michel Rocha, Márcia Mura, Daniel Vasconcelos, Mateus Araújo e Ángela Grillo.

Ao meu companheiro Bruno Pinheiro pelo cotidiano amoroso, pela leitura e a interlocução sempre carinhosa, pelos mapas.... Sempre grata!

A Marta María Bandón por abrir para mim sua casa em Managua. A Alondra, Irene, Katia e Indira pela carinhosa recepção na Nicarágua.

Finalmente, às mulheres entrevistadas que compartilharam suas memórias, este trabalho é de vocês.

RESUMO

HERNÁNDEZ, Elvira Riba. Alianças Trans-fronteiriças: memória política de ações de solidariedade na Costa Rica no contexto da ditadura militar somozista. **2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciência e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.**

A presente pesquisa de mestrado, trata sobre um processo coletivo de construção de uma memória política sobre ações de solidariedade na Costa Rica durante os últimos anos da ditadura militar somozista, período identificado como o mais sangrento desse capítulo da história política recente da Nicarágua. Trata-se de um estudo qualitativo que tem como base para suas análises, as narrativas de 13 mulheres, da Costa Rica e da Nicarágua, que foram coletadas por meio de uma entrevista semiestruturada, aplicada no país de origem de cada uma delas. Para uma melhor compreensão sobre o contexto no qual se deram as ações de solidariedade, apresentamos brevemente um capítulo histórico com fatos relevantes sobre a história política de ambos países para assim entender como na Nicarágua se instaura uma ditadura e quais eram as características da Costa Rica para que a solidariedade, com o povo nicaraguense, acontecesse no país. Em relação à memória, trouxemos a autores contemporâneos que dialogam com os clássicos, e nos apresentam as formas como ela tem sido estudada através da história das ciências sociais. Para posteriormente incorporar um enfoque psicopolítico, que nos permite desdobrar a memória na sua dimensão política, e assim entender essas ações de solidariedade como formas de participação política. A memória, desta forma, constitui-se como um lugar de resistência em que mulheres dos dois países, imersas em diferentes grupos políticos e condições socioeconômicas, resignificam e desconstróem seu lugar na história e explicitam sua função como agente coletivo de mudança política.

Palavras chave: Nicarágua, Costa Rica, solidariedade, memória política, participação política, mulheres, história.

ABSTRACT

HERNÁNDEZ, Elvira Riba. Trans-border Alliance: political memory of solidarity actions in Costa Rica in the context of Somoza's military dictatorship. **2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciência e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.**

This master's research deals with a collective process of building political memory, about solidarity actions in Costa Rica while the last years of the Somoza's military dictatorship, identified as the most bloody period of this chapter of the recent Nicaragua's political history. It's a qualitative study that analyses the narratives of 13 women from Costa Rica and Nicaragua, collected by semistructured interviews, applied in the country of each one of them. For a better comprehension about the context in which did happen the solidarity actions, we present a historic chapter with important facts about the political history of both nations, for then, understand how was established a dictatorship in Nicaragua and what are the particularities of Costa Rica that made possible the solidarity of “ticos” with “nicas”. Regarding memory, we brought the contemporary writers who dialogue with classics, showing us the ways in which memory has been studied throughout the history of the social sciences. To further embed a psychopolitical approach that allows us to deploy memory in its political dimension, and thus to understand these solidarity actions as forms of political participation. Memory, therefore, is constituted as a place of resistance in which women of the two countries, immersed in different political groups and socioeconomic conditions, deconstruct and reframe their place in history and explain its function as a collective agent of political change.

Key words: Nicaragua, Costa Rica, solidarity, political memory, political participation, women, history.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Memória do Apoio à Luta Sandinista na Costa Rica	88
Mapa 2 – Memória do Apoio à Luta Sandinista no Vale Central da Costa Rica.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Guia de entrevista semiestruturada.....	76
Tabela 2 – Perfil das mulheres entrevistadas.....	79
Tabela 3 – Memória do Apoio à Luta Sandinista na Costa Rica.....	88
Tabela 4 – Narrativas sobre a Solidariedade na Costa Rica.....	89
Tabela 5 – Memória do Apoio à Luta Sandinista na Costa Rica.....	90
Tabela 6 – Narrativas sobre a Solidariedade no Vale Central da Costa Rica.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 UM OLHAR PARA O PASSADO: ELEMENTOS HISTÓRICOS DA REVOLUÇÃO SANDINISTA NA NICARÁGUA.....	19
1.1 Nicarágua: intervenção e ditadura.....	19
1.2 Novos atores no processo revolucionário nicaraguense.....	27
1.3 A Insurreição.....	31
1.4 O mito da democracia costarrriquenha e as relações do país com a Nicarágua.....	34
2 UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA À MEMÓRIA.....	43
2.1 Memória e História.....	52
2.2 Memória Individual e Memória Coletiva.....	56
2.3 Memória Coletiva e Memória Política.....	60
3 OS CAMINHOS METOLÓGICOS DA PESQUISA.....	70
3.1 Revisão bibliográfica e construção de um corpo teórico-metodológica.....	72
3.2 Coleta de dados por meio da entrevistada.....	72
3.3 A experiência do campo.....	74
3.4 Procedimento para a análise das entrevistas.....	84
3.5. Os Lugares da memória.....	86
4 MEMÓRIAS DE SOLIDARIEDADE: UMA ANÁLISE SOBRE A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES COSTARRRIQUENHAS E NICARAGUENESES NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR SOMOZISTA.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
REFERÊNCIAS.....	164
ANEXO 1.....	171

INTRODUÇÃO

A história recente da América Latina está marcada pela presença de forças militares e políticas, endôgenas e exôgenas, que ao longo do século XIX e grande parte do XX, mantiveram-se no poder na forma de governos ditatoriais, que tinham como fim garantir, reproduzir e ampliar os benefícios econômicos para as classes dominantes. Como aponta Alejandro Arratia “Los siglos XIX y XX se caracterizaron por constituciones de corta duración, caudillismo, golpes de estado, dictaduras y, en general, gobiernos autoritarios.” (2010:34)

Para Arratia (2010) a ditadura militar era a característica de América Latina durante a época da Guerra Fria. O autor faz uma breve referência a alguns dos regimes ditatoriais que se instauraram durante o período acima citado: no Paraguai Alfredo Stroessner governou de 1954 a 1989. Manuel Odría ocupa a presidência do Peru em 1948 depois de um golpe de Estado, convoca a eleições e deixa o poder em 1956. No caso da Colômbia, a ditadura de Gustavo Rojas Pinilla estendeu-se de 1953 a 1957. Na Venezuela foi o Coronel Marcos Pérez Jiménez quem trás liderar um golpe de estado em 1948, ocupa cargos importantes de decisão na direção do país até 1952, momento em que passa a exercer o poder absoluto e só seis anos depois, em 1958, é derrocado por um movimento cívico militar. Em Cuba, Fulgencio Batista protagonizou dois golpes de Estado, o primeiro em 1933, sendo “eleito”¹ para o período de 1940 a 1944; o segundo golpe de Estado vem em 1952 e se “re-eleger”² para o período de 1955 a 1958. Na República Dominicana, Rafael Leónidas Trujillo Molina, ocupou o poder de 1930 a 1961 (Arratia, 2010:35-36). Augusto Pinochet encabeçou a ditadura militar chilena desde 1973, até que em 1990 um plebiscito popular o obriga a deixar o poder.

1As Aspas são do autor.

2As Aspas são do autor

No caso da Argentina, podem ser identificados varios periodos ditatoriais sob o mando de diferentes figuras. Sendo impossível neste trabalho detalhar todos esses processos, fazemos menção ao periodo considerado como o mais sangrento, a chamada última ditadura no país: de 1976 até 1983 (Barros, 2009). No Brasil a ditadura militar se estendeu desde 1964 a 1985. Na Bolívia, por sua vez, identifica-se um periodo de governos militares que vai desde 1964 até 1982.

Na América Central, a Guatemala teve um periodo marcado pelo massacre da sua população dos povos originários em mãos de governos militares, entre 80.000 e 100.000 pessoas foram assassinadas em 14 meses (Torres, 2010), os militares ficaram no poder entre os anos de 1954 e 1985. No caso de El Salvador, em 1932 dá-se um golpe de Estado e os militares ocupam o poder até o ano de 1981; posteriormente o país enfrentou uma guerra civil que acabaria com os Acordos de Paz de Chapultepec (Torres, 2007). No Panamá o periodo reconhecido como ditatorial, por estar sob poder dos militares, compreende o ano de 1968 até 1989. Em Honduras o primeiro golpe militar aconteceu em 1933, a partir dessa data o país passa por uma série de golpes e governos militares, até o último em 2009 quando é derrocado Juan Manuel Zelaya.

Na Nicarágua, que o caso que nos interessa aprofundar nesta pesquisa, a dinastia da família Somoza se manteve no poder desde 1937 até 1979, ano em que triunfa a revolução sandinista. Em contraposição, a Costa Rica, que desde 1948 aboliu o exército, apresenta-se no panorama centro americano com o país cuja tradição democrática lhe otorga estabilidade social e política em relação ao resto dos países da região (Álvares, 2010).

O texto que a continuação apresentamos é o resultado de un processo coletivo no qual assumi o lugar de mediadora de relatos para construir uma memória coletiva sobre as ações de solidariedade que se deram na Costa Rica nos últimos anos da ditadura somozista na Nicarágua. Surgiram assim as vozes das mulheres costarriquenhas e nicaraguenses que na época se

organizaram desde distintos lugares para apoiar o projeto revolucionário que buscava acabar com a tirania da ditadura e devolver a paz e a dignidade ao povo nicaraguense. Como canta Mercedes Soza: “todas las voces todas, todas las manos todas”³ foram dando forma a um tecido que é a memória, e que vem dar lugar ao reconhecimento dessas mulheres como sujeitas políticas da sua própria história e de um dos mais tristes momentos da história política centro americana. A construção dessa memória seria o nosso objetivo geral, mas para isto foi necessário, por um lado, identificar as características das mulheres de ambos países e as formas de participação em contextos de repressão militar, para participar em ações políticas de solidariedade; e por outro lado, identificar os lugares de participação política desde os quais atuaram essas mulheres .

Na minha labor de pesquisadora, me deparei com que estava percorrendo os caminhos da minha própria história: antes de resolver fazer mestrado já me identificava com algumas práticas do feminismo, muito pela minha militância em organizações de mulheres, outro tanto pela militância da minha mãe no braço feminino do partido de esquerda da Costa Rica nos anos da minha infância, organização que depois de alcançar a autonomia partidária se consolidaria como uma das organizações de mulheres mais importante do país até a atualidade; acredito que nenhuma dessas militâncias está desvinculada.

No trabalho feito na especialização em Psicologia Política, Políticas Públicas e Movimentos Sociais, propus-me fazer um trabalho sobre o lugar da mulher em diferentes experiências latino-americanas e em contextos de repressão política contidas em estudos de memória. Isto me levou a tomar uma postura sobre uma corrente teórica do feminismo que dera respostas não só às inquietações metodológicas como aos questionamentos éticos sobre a participação da mulher nos eventos que marcaram a história política da América Latina.

3Armando Tejada Gómez e Cesar Isella, 1969. Interpretada por Mercedes Soza, Argentina.

Neste processo de voltar estudar depois de muitos anos de trabalhar em organizações feministas, meu feminismo que ainda era muito empírico começou a ser questionado pela teoria fazendo com que surgissem inquietações relativas à importância de se pensar na dimensão política da ciência e no papel político do/a pesquisador/a social. E mais ainda, como conciliar militância com o trabalho acadêmico no trabalho de produção de conhecimento para a transformação.

Uma característica que quase sempre acompanha às análises do feminismo é a intenção de ir além da argumentação crítica para a ação social e política transformadora, que tenta deslocar às pessoas dos lugares a elas socialmente construídos. Surgem assim vários problemas não atendidos pelas ciências disciplinares tradicionais, como a História escrita aqui questionada pelos estudos de memória, que põem de manifesto políticas de exclusão que delimitam campos menos privilegiados para as mulheres, e a invisibilidade quando alguma delas sobressai em campos tradicionalmente masculinos.

A memória como campo teórico e metodológico se constitui numa área de conhecimento dentro das ciências sociais desde a qual podemos pensar na dimensão política e social de um passado que fala de processos de conformação de sujeitos coletivos comprometidos com processo radicais de transformação, que se desenvolvem nas margens da vida pública.

Mas antes de entrar nas questões teóricas sobre a memória, faz-se necessário apresentar brevemente alguns dos elementos da história política da Nicarágua e da Costa Rica para poder entender o contexto em que estavam inseridas as mulheres que participaram do processo de pesquisa. Assim, no capítulo 1 partimos do momento em que começam a se dar as primeiras intervenções políticas e militares dos Estados Unidos de América no território nicaraguense, fato que, como apontam algumas das mulheres entrevistadas, é chave para entender como se instaura

e se mantém uma ditadura na Nicarágua por pouco mais de quatro décadas. Em relação à Costa Rica, destacamos o processo reformista da década de 1940, para entender como é que se instala no ser costarricense o mito do país da paz e da democracia, mesmo que posteriormente será fundamental para explicar por que uma grande maioria da população chega a simpatizar com a causa sandinista.

No capítulo 2 propomo-nos traçar um breve percurso pelas principais ideias de três pensadores que se repetem nos estudos de memória, eles são: Henri Bergson (1859-1941), Maurice Halbwachs (1877-1945) e Frederic Charles Bartlett (1886-1969) desde a ótica de pesquisadores que atualmente e desde a América Latina fazem uso da pluralidade da memória para desenvolver trabalhos que vão desde articulações teóricas das diferentes correntes científicas do pensamento, até trabalhos empíricos que trabalham seja com a memória do trauma ou com memórias de eventos políticos públicos não necessariamente geradores de traumas emocionais. Resgatamos nesse sentido o trabalho de um pesquisador e duas pesquisadoras cujo trabalho foi auxiliar na articulação teórica aqui apresentada: Ignacio Dobles na Costa Rica e Soraia Asara e Myriam Santos, ambas no Brasil.

Partimos de uma perspectiva psicopolítica para entender as relações entre as condições histórico-políticas e o processo de formação de uma consciência que leva às pessoas se engajar em ações de apoio ao projeto revolucionário nicaraguense. Assim num terceiro capítulo, explica-se qual foi o caminho metodológico para chegar ao que Ansara (2009) chama de uma memória política. Para isto analisaremos 13 entrevistas feitas a mulheres da Costa Rica e da Nicarágua à luz do Modelo de Análise de Consciência Política de Salvador Sandoval (2001-2011) para dar resposta aos objetivos que nos propomos atingir.

As correspondentes análises serão desenvolvidas num quarto e último capítulo, onde

articulamos as narrativas das mulheres entrevistadas com as sete categorias que compõem o citado modelo de análise de conciencia. Por último apresentamos algumas considerações finais, assim como campos que consideramos ficam em aberto uma vez concluído o trabalho de análise.

1. UM OLHAR PARA O PASSADO: ELEMENTOS HISTÓRICOS DA REVOLUÇÃO SANDINISTA NA NICARÁGUA

O propósito deste primeiro capítulo é contextualizar histórica e politicamente os principais acontecimentos que levaram a Nicarágua a uma revolução e entender a dinâmica das relações com a Costa Rica, tendo como mediadora a política externa dos Estados Unidos durante os tempos da ditadura somocista.

Diante do objetivo, é imperativo lembrar que a presente pesquisa trata de um estudo de memória política. Assim sendo, a história se constitui, aqui, numa área de conhecimento coadjuvante na tarefa de entender os diversos mosaicos nos quais estão inseridos os relatos das mulheres que participaram da pesquisa.

Trata-se, então, de um capítulo histórico dentro de um estudo de memória que ajuda no entendimento do contexto político da época. Isto sem pretender aprofundar na história política de ambos os países, mas levando em consideração dados-chaves para construir uma leitura psicopolítica dessas atrizes políticas, isto é, conhecer o sistema de referências desde o qual constroem seus discursos.

Para Jelin (2001), sem história não pode haver memória, como para Lowenthal (1998) sem memória não pode haver história, pois o presente é feito de repetições e ressignificações do passado. A memória inclui relatos do passado pertencentes à história, e a história baseia-se em testemunhos e recordações, quer dizer, em memórias. Por isto resolvemos começar com um relato histórico, para depois reconhecer o papel dessa história na construção da memória política das mulheres que participaram do presente trabalho de pesquisa.

1.1 Nicarágua: intervenção e ditadura

Assim como em outros países da América Latina, a história política da Nicarágua está marcada pela política exterior dos Estados Unidos. Desde finais do século XIX reconhece-se a importância militar e econômica que a América Central representava para este país. O interesse particular na Nicarágua começou pela sua privilegiada localização geográfica com pretensões de construir um canal transoceânico através do Lago de Nicarágua e do Rio San Juan. Já em 1903 o

congresso dos EUA olha mais para o sul e coloca a atenção em Panamá, o que não evitou que a Nicarágua sofresse constantes intervenções nos seus assuntos.

Onofre Guevara (2008) em seu livro “Cien Años de Movimiento Social en Nicaragua”, aponta a um período anterior à década de 1900 como o antecedente do que seriam as sucessivas intervenções dos Estados Unidos na Nicarágua. Após um ano de ter sido declarada a independência da Nicarágua da coroa espanhola (1821), o presidente James Monroe documenta sua intenção de dominar o continente americano através da proclamação da “Doutrina Monroe”, que começou com a posse dos territórios mexicanos de Texas e Califórnia.

Para o autor, os primeiros passos desse “Destino Manifiesto” na América Central (Guevara, 2008:16) foram dados pela presença da diplomacia estadunidense na Nicarágua em 1849 na representação de E.J. Squier, e posteriormente com a presença armada de William Walker (1952).

O mesmo Squier (Guevara, 2008), registrou num livro as impressões da missão diplomática que dirigiu. Nele expressa o servilismo indigno de Norberto Ramírez, o Chefe de Estado da época:

Hace tiempo Nicaragua sentía la necesidad de abrigarse bajo el esclarecido pabellón de Norte América; pero no había llegado aún la hora en que el Árbitro de las Naciones debía levantarnos a tan alto grado de dicha y prosperidad (Squier 1989, em Guevara 2008:17).

No começo do século XX, internamente o país vinha passando por encontros entre liberais e conservadores. Ganha destaque nessa época o nome de César Augusto Sandino na história política da Nicarágua. Ele era uma figura reconhecida pela sua liderança na oposição ao intervencionismo dos Estados Unidos.

Com antecedência ao processo de articulação de uma oposição popular armada, durante o governo de José Santos Zelaya (1893-1909), dá-se o que González (2009) chama de revolução liberal, momento em que, na escala nacional, agudiza-se a separação entre o Estado e a Igreja e se retomam os territórios na costa atlântica que estavam sendo ocupados pelos ingleses.

Internacionalmente, aconteceram, neste período os primeiros investimentos diretos vindos dos Estados Unidos “en transporte fluvial, minería, exportación de bananos y madera” (González, 2009:3). Guevara (2008) explica como surge o trabalhador agrícola com a consolidação de empresas estrangeiras em território nicaraguense, particularmente vindas dos

Estados Unidos e da Inglaterra, que, previamente ao processo de industrialização, era um peão servil que dependia da autoridade do fazendeiro ou latifundiário.

O enorme desejo expansionista dos Estados Unidos fez com que as relações entre os países se enfraquecessem e o governo da Nicarágua se negasse a assinar o tratado que outorgava aos Estados Unidos o direito exclusivo para a construção do canal interoceânico. Somado a isto, a Nicarágua se aproximou de outros mercados, como o japonês (González, 2009). Em decorrência destes fatos e com o intuito de apaziguar as relações com os Estados Unidos, o presidente Zelaya entregou seu cargo aos conservadores em 1909 (Guevara, 2008).

Mais tarde, entre 1912 e 1926, as forças armadas dos Estados Unidos invadiram o território nicaraguense em diferentes ocasiões, a primeira delas a pedido do então presidente Adolfo Díaz (González, 2009). É neste momento que se organiza o exército popular de luta e defesa da soberania nicaraguense liderado pelo Sandino, formado em sua maioria por camponeses e operários.

Ao processo eleitoral de 1928 e 1932 acompanhou-se mais uma intervenção dos Estados Unidos, que acabou em acordos entre as forças liberais e conservadoras para a criação de uma polícia militar chamada Guarda Nacional (Santiago, 2009). Sandino seria uma dessas figuras da revolução liberal que se opôs à intervenção dessa nova força militar, por meio da articulação de um movimento de resistência armada camponesa e popular chamado Ejercito Defensor de la Soberania Nacional de Nicaragua (EDSN) que buscava defender a soberania nicaraguense.

O exercito de Sandino enfrentou à Guarda Nacional por seis anos(1927-1933). Após este período, por pressão internacional, em 1933 os marines estadunidenses retiraram-se do país, mas não sem antes deixar na chefia da Guardia Nacional o General Somoza, militar de classe média, servil aos interesses norte-americanos e vinculado a famílias nobres da Nicarágua.

Em 1934 Sandino é assassinado pela Guardia Nacional por representar uma ameaça aos interesses dos Estados Unidos e pelo apoio crescente das camadas populares, o que o converteria em um opositor forte, com eventual possibilidade de concorrer ao poder nas eleições presidenciais. Este evento marcaria a historia do país como o fim da luta contra a ocupação militar dos Estados Unidos e daria inicio a um longo período histórico de intromissões políticas que, segundo Guevara (2008), continuam ocorrendo na região até nossos dias.

Em 1936, o Geral Somoza comandou um golpe de estado que depôs o presidente liberal

Juan Bautista Sacasa. As classes dominantes viam em Somoza uma liderança capaz de manter a ordem social e garantir a continuidade e influência política e ideológica dos Estados Unidos. O golpe legitima tal liderança junto à classe média e, posteriormente, serve de trampolim para a conquista da presidência, em janeiro de 1937 (González, 2009).

A intervenção militar dos Estados Unidos da América nos assuntos políticos da Nicarágua garantiu a dependência absoluta por meio do controle das finanças públicas com a criação e gestão do Banco Nacional de Nicarágua e, também, da administração das ferrovias, portos, alfândegas e outras áreas. Foi assim que se deu a modernização e subordinação do Estado nicaraguense aos desígnios imperialistas do norte.

Com a morte de Sandino (21 de fevereiro de 1934) e o golpe de estado ao presidente Batista (junho de 1936), inaugurou-se na Nicarágua a ditadura da dinastia dos Somoza, que se prolongaria até 1979, ano em que triunfa a revolução liderada pela Frente Sandinista de Liberación Nacional (Guevara, 2008).

Algumas das mulheres que participaram da pesquisa identificam o intervencionismo dos Estados Unidos como o elemento que levou à instauração de uma ditadura na Nicarágua. Uma delas é Georginha, costarriquenha, aposentada e exmilitante de um partido de esquerda na Costa Rica. Na sua entrevista identificamos o seguinte trecho em relação às razões que levaram a que na Nicarágua se instaurasse uma ditadura: “Los gringos, quienes impusieron como presidente a no me acuerdo quien en este momento fue un gringo, este es el traspasio y se querían empezar a adueñar, ahí empezó el asunto...” (Georgina, 17/06/2013).

Outra das mulheres que colaboraram nesta pesquisa, a Lia, costarriquenha, com residência na Nicarágua e que também foi militante de um partido de esquerda na Costa Rica, fala que a ditadura se instaurou na Nicarágua pelo “apoyo gringo que era fundamental y el deseo de los gringos de... de sostener un aliado incondicional, eso fue clave” (Lia, 24/04/2013). Dita ditadura se configurou como uma estratégia para “garantizar los intereses de Washington en Latinoamérica” (González, 2009:4).

Para Clara, costarriquenha, aposentada e exmilitante de um partido de esquerda, tratou-se de uma clara política intervencionista e não de eventos isolados:

Creo mucho en el hilo conductor de todas estas dictaduras desde arriba (EEUU) como fue el intento de filibusteros, no fue un loco filibustero, era una política

clara de penetración lo que ahí había totalmente apoyado por las fuerzas gringas y orquestado desde allá. (Clara, 07/06/2013).

Para Marta, nicaraguense, aposentada e ex-membra da Frente Sandinista de Libertação Nacional “Somoza es un resultado de los gringos.” e acrescenta:

Somoza es un, es un... Surge en un momento en donde están todas estas tensiones entre políticas acá y los gringos necesitan garantizarse a su gente aquí y, y, crean a Somoza! Así es como se comienza, Somoza tiene toditito el apoyo de los gringos (Marta, 01/05/2013).

Segundo Franco e Chamorro (1979) o desenvolvimento econômico da Nicarágua contou com três fontes de crescimento: a exportação de uns quantos produtos, a dívida externa e os investimentos industriais estrangeiros. Neste sentido Somoza favoreceu a permanência dos monopólios que se encontravam sob domínio dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que mantinha a ordem social pela repressão político-militar. O seu poder apoiou-se de alianças com antigas forças do liberalismo, que por sua vez obtinham certos privilégios que os levaram a desfrutar de um rápido enriquecimento. A família Somoza viu sua renda aumentada em um período de três décadas, aproximadamente. Segundo González (2009), na década de 1940 não chegavam a representar as famílias mais opulentas da Nicarágua, mas já em 1974 seu capital somava os 400 milhões de dólares.

No século XIX o café foi o produto que manteve as economias centro-americanas vinculadas ao resto do mercado mundial, gerando certo crescimento contínuo. Santiago (2009) mostra como na Guatemala e em El Salvador (1870-1880) se deram processos de ampla difusão da tecnologia do cultivo do café com grandes extensões de terra em mãos de poucas pessoas. Ao contrário do que acontecia na Costa Rica, onde predominava a figura do pequeno e médio proprietário.

Na Nicarágua, o produto representou junto com o ouro a principal fonte de crescimento até a década de 1950. No período de 1911 até 1930, o cultivo do café experimenta sua época de maior expansão, mas a intervenção militar estadunidense anulou as possibilidades de que isto se refletisse em benefícios para a economia do país.

Entre 1950 e 1960 uma substituição do tipo de produção tradicional transformou o algodão no principal produto de exportação, estimulado pelo preço no mercado internacional. Depois de 1960, com a criação do Mercado Común Centroamericano (MCC) se deu de uma forma ainda muito insipiente o começo do que seria uma relativa industrialização da Nicarágua e

dos outros países da América Central (González, 2009). O projeto do MCC estancou-se apesar do enorme esforço dos países integrantes por reativá-lo. Ele representou uma tentativa de Washington por acelerar o crescimento econômico, por fazer reformas estruturais principalmente no setor agrário e por implementar reformas nas políticas sociais. Seu fracasso, em parte, se deu pelo pouco apoio das classes dominantes. (Santiago, 2009). Segundo Carlos Figueroa (2005) “...la industrialización asentada en mecanismos de integración económica centroamericana, fue la realización atemperada y sin el filo revolucionario de las medidas redistributivas del ingreso o, peor aún, de reformas agrarias (Figueroa, 2005:70)”.

Os interesses dos Estados Unidos estruturaram as bases da economia da Nicarágua durante o tempo da ditadura somocista. A década de 1960 trouxe uma série de mudanças na vida dos e das nicaraguenses. A classe camponesa viu-se afetada pelo rápido crescimento do cultivo de café e algodão que, por sua vez, provocou o fenômeno descrito antes: grandes parcelas de terras concentradas sob o poder de uns poucos terra-tenentes, o que automaticamente levou à redução de áreas de cultivo e aumento do desemprego.

A atividade do cultivo de café trouxe outras consequências citadas por José Santiago (2009). O autor menciona mudanças nos processos de urbanização, nos hábitos das classes proprietárias e nos meios de transporte, pois surge a necessidade de tirar o produto das plantações que se localizavam nas partes altas e no litoral pacífico, para levá-lo até a costa atlântica para sua exportação. A ferrovia constituiu-se numa necessidade, dando abertura privilegiada ao capital inglês e estadunidense na construção da infraestrutura.

Por outro lado, a oligarquia, que usufruiu dos benefícios dos primórdios da industrialização, foi perdendo poder frente à consolidação da família Somoza como grupo econômico forte e que, neste período, já começava a ganhar controle do sistema bancário nacional (González, 2009).

Um pouco antes destes acontecimentos, em 1956, Anastasio Somoza García é assassinado pelo poeta nicaraguense Rigoberto López Pérez, (González, 2009) deixando duas gerações de ditadores representados nos seus filhos Luis y Anastasio Somoza Debayle. Este fato que Guevara (2008:102) reconhece como “el principio del fin de la dictadura”, e o triunfo da revolução cubana em 1959, influenciarão o ritmo organizativo e a orientação da resistência. A luta política contra a ditadura se intensifica. A revolução cubana será inspiradora política e

ideologicamente para a posterior articulação de uma frente de luta armada.

Em 1972, a cidade de Managua, capital da Nicarágua, sofreu um terremoto que deixou grandes perdas econômicas e sociais para o país. Segundo González (2009), morreram mais de 10 mil pessoas e 75% das famílias tiveram suas casas destruídas. No momento a cooperação internacional dedicou ajuda monetária para a reconstrução da cidade, mas o dinheiro foi retido pela família Somoza.

Lia guarda nas suas lembranças o terremoto de 72 como o fato que lhe fez entender que na Nicarágua estava acontecendo uma ditadura:

...la memoria maaaaas más clara fue en el 72 cuando vine a la cuestión del terremoto. Porque la cuestión del terremoto era como bien brutal, o sea, el papel de la guardia era una cosa que para mí en aquel entonces era como impensable, o sea, yo vi en el terremoto cadáveres del terremoto y a la par un cadaver fresco con un balazo. ¿Verdad? Entonces... porque alguien había querido quitarle una prenda al muerto del terremoto y después vino el guarda y raquitibun a quitarle él la prenda pues, entonces.... qué es esto?! (Lia, 24/04/2013).

María, costarriquenha e sem filiação partidária, quem também foi convidada a participar como depoente nesta pesquisa, lembra também como a família Somoza aproveita-se da ajuda internacional que é destinada para levantar a cidade destruída pelo terremoto: “Bueno en la época del terremoto también ya uno, verdad? Este empieza a oír como llega la ayuda internacional para el pueblo de Nicaragua y la ayuda internacional no llega al pueblo de Nicaragua. ¿Verdad?” (María, 22/06/2013).

O descrédito no regime estava chegando não só das classes populares que estavam empobrecidas e que estavam sendo militarmente reprimidas. A unidade do governo também começava a se enfraquecer pelo fato de que alguns setores dentro dela perceberam seus interesses econômicos deslocados.

O aumento das manifestações populares de oposição ao regime coloca o país numa situação de insegurança econômica perante o investimento privado nacional e estrangeiro. Uma crise econômica anunciada pela queda do crescimento, pelas dificuldades na solvência e pelos desequilíbrios econômicos (González, 2009) marca a década de 1970, especificamente a partir de 1975, situação que vai se refletir nos escassos avanços em termos de desenvolvimento humano.

Por outro lado, a crise é agravada também pela violência e a repressão exercida pela Guardia Nacional contra os grupos de oposição. Situação que se recrudesce quando em 1974 são

suspensos os direitos constitucionais (González, 2009).

Muitas das lutas populares na América Latina gestaram-se tendo como inspiração o triunfo da revolução cubana de 1959. Os ideários que guiaram a luta de resistência armada na Nicarágua encontraram na experiência cubana um exemplo bem sucedido de organização armada, popular e anti-imperialista de corte filosófico marxista. Foram três os nomes, que aparecem no texto de González (2009), dos homens que desde a clandestinidade começaram a pensar na articulação da luta contra a ditadura somocista: Carlos Fonseca Amador, Silvio Mayorga e Tomás Borge, fundadores da Juventude Revolucionária Nicaraguense (JRN).

Carlos Fonseca viu-se envolvido em enfrentamentos com a Guardia Nacional na fronteira com Honduras, onde participava de movimentos guerrilheiros de oposição ao regime militar. Por este motivo teve que se exilar na Costa Rica por um tempo e ali estabeleceu vínculos com grupos de esquerda do país para discutir estratégias de organização clandestina. Neste período concebeu-se um grande projeto urbano-rural insurgente para ser implementado na Nicarágua.

Piedad, umas das mulheres costarriquenhas entrevistadas, dona de casa, quem depois de militar em um dos partidos comunistas da Costa Rica passa a ser colaboradora da FSLN, lembra como descobriu quem era Carlos Fonseca: “yo me di cuenta que Carlos Fonseca se llamaba Carlos Fonseca hasta que lo agarraron en Alajuela⁴, para mí era Jacobo” (Piedad, 09/05/2013). Para Guevara (2008) Carlos Fonseca militou em partidos de esquerda, mas também seria uma das lideranças fundadoras e gestoras do projeto revolucionário sandinista.

São estes os antecedentes do que em 1961 chega a ser a Frente de Libertação Nacional, que em 1962 adota o nome de Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN), incorporando assim no nome e na luta os ideais anti-imperialistas de Augusto Cesar Sandino.

Com a chegada do John F. Kennedy ao poder, em 1961, os Estados Unidos põe em marcha o programa “Alianza para el Progreso”, que consistia em uma estratégia para impor, na região, reformas econômicas, políticas e sociais que no fundo pretendiam “conjurar la revolución popular, contener la difusión de las ideas comunistas y aislar a la Cuba revolucionaria” (González, 2009:240). A aliança oferecia combater o analfabetismo, diminuir a pobreza, ajudar

⁴Carlos Fonseca é preso na Costa Rica, na provincia de Alajuela onde morava durante os periodos de exílio.

economicamente, realizar uma reforma agrária e promover a diminuição da força dos movimentos revolucionários.

Nesta década, outros presidentes foram eleitos na Nicarágua, mas historicamente reconhece-se a dinastia dos Somoza como principal figura da ditadura, porque sempre foram os detentores do poder por meio da repressão militar.

Com o descrédito internacional da ditadura e o país enfrentando internamente um crise política que afetava principalmente às/aos mais desfavorecidas/os, o FSLN toma força como uma opção política ao regime e ganha legitimidade e apoio popular. Na entrevista de Fernanda, nicaraguense, ex militante da FSLN, relata como para ela a luta armada se converte na única saída viável para resistir e enfrentar a ditadura, depois do terremoto de 1972:

...y ya de ahí vimos que no había salida pacífica porque se comenzó una represión, una robadera de Somoza para conseguir e aprovecharse pues de la ayuda internacional que nos juntamos todos (aquí fala do grupo católico de jovens) y decidimos pues que definitivamente no había de otra que meterse al Frente Sandinista porque no teníamos opciones. (Fernanda, 02/05/2013)

Assim como a Fernanda, muitas pessoas jovens que pertenciam a grupos de corte católico, e vindas de famílias de classe média, acabam se engajando no projeto revolucionário sandinista, tanto no frente de luta armada, como na retaguarda em atividades clandestinas de correio, de conseguir carros para transportar pessoas e armamentos, na compra de armas e de mantimentos, e na solidariedade internacional como portavozes.

1.2 Novos atores no processo revolucionário nicaraguense

Foram muitas e diversas as forças sociais que se somaram ao projeto revolucionário, assim como os papéis que nele desempenharam. Nas características gerais da estrutura social nicaraguense no começo da ditadura, Santiago (2009) destaca o papel da educação pública, do exército, dos partidos políticos e dos sindicatos. A educação ficou num segundo plano. A maioria da população rural não estava alfabetizada, embora esta tenha sido uma das prioridades que o projeto liberal prometeu atingir. Os orçamentos estatais priorizaram os gastos militares e as instituições de ensino superior dedicaram-se a formar profissionais que servissem aos interesses hegemônicos dos liberais.

A forte repressão das forças armadas provoca uma tardia aparição dos sindicatos.

Segundo Santiago (2009), na década de 1930 estas formas de organização social dos/as trabalhadores/as articularam-se em volta das greves nas zonas onde se plantava banana e nas mineradoras, o que resulta no nascimento dos partidos de esquerda na região. Os mesmos que, mais tarde, sob os regimes ditatoriais terão que passar à clandestinidade.

Aqui trazemos uma parte da narrativa de Estrella, mulher nicaraguense, aposentada e que igual que Piedad inicia-se como colaboradora da FSLN pela sua militância no partido de esquerda. Ela nos conta como a família toda teve que migrar a outra cidade pela perseguição que o pai dela sofria por estar envolvido com a luta operária:

...mi papá se metió en un movimiento para ayudarle a los estibadores Del Arco de San Juan Del Sur para que ganaran un poco más de dinero, mi papá trabajaba para la aduana en San Juan Del Sur y en ese tiempo haberse opuesto a la dictadura fue lo que nos obligó a salir de San Juan del Sur porque era sindicatos, era la vida sindical...(Estrella, 09/05/2013).

Numa publicação da época posterior ao triunfo da revolução no contexto social nicaraguense, Villagra (1982) faz uma análise histórica desde o ponto de vista da produção capitalista para diferenciar as duas classes sociais majoritárias: a burguesia e o proletariado (Villagra, 1982:151). A burguesia seria para o autor aquela classe dominante nacional subordinada ao imperialismo, responsável pela manutenção da dependência econômica e política.

Villagra (1982) explica como a tardia industrialização da região centro-americana fez com que o setor camponês e artesão crescessem mais do que outros setores produtivos. O desenvolvimento maioritariamente agrícola e não industrial provoca um desenvolvimento precário do proletariado.

Com o desenvolvimento do comércio e dos serviços do estado surgem trabalhadores/as que, segundo Villagra (1982), não pertencem à classificação sociológica de proletariado. O mesmo que acontece com o desenvolvimento tecnológico e científico que faz aparecer na cena à pequena burguesia: “el sector de profesionales, de especialistas técnicos” (Villagra, 1982:152). Por último, o mesmo autor identifica outros grupos sempre relacionados ao subdesenvolvimento da economia, os quais na época não eram considerados como agentes produtivos, mas sim era reconhecida sua importância e participação política: mulheres donas de casa, mulheres integradas a empregos fora do lar, juventude, estudantes, trabalhadoras/es informais, entre outros.

Todos estes grupos enfrentaram as contradições do eixo burguesia-imperialismo,

portanto os questionamentos a este sistema opressor vêm desses grupos e do conjunto total de forças sociais que conformam o que Villagra (1982) sociologicamente denomina como povo. Para o autor o proletariado faz parte do povo. Neste último, está incluída toda a classe trabalhadora que não usufrui do “paraíso capitalista” (Villagra, 1982:153), que estando ou não diretamente relacionada aos processos de produção conforma uma força social que se vê afetada pelas desigualdades econômicas, políticas e sociais, conseguindo identificar interesses e demandas comuns.

Vale pontuar que tanto a bibliografia quanto o conjunto de entrevistas, indetificam a ditadura militar nicaraguense como a adversária e defensora de interesses antagônicos, o que reforça nossa escolha do modelo de análise da consciência política de Sandoval (2001 2011). O povo como descrito por Villagra (1982) articula-se “buscando a veces conscientemente a veces inconscientemente un nuevo mundo, sin saber cual es ese nuevo mundo, pero abraza el proyecto del pueblo, el proyecto de la revolución simplemente”(Villagra, 1982:155).

Para ele, o conceito de povo não concebe a ideia de homogeneização e de harmonia. No interior dele há contradições e diversidades que derivam das composições sociais dos grupos que nele se juntam e que trazem consigo reivindicações e interesses particulares para se unificar no projeto revolucionário.

A força majoritária em termos quantitativos esteve representada na revolução sandinista pelos/as 600 mil camponeses/as e proletários agrícolas e por 1.563.822 pessoas menores de 19 anos (Villagra, 1982). Essa juventude integrou-se não só na luta armada, eles/elas participaram da coleta de algodão e dos processos de alfabetização, projetos estes que seguindo o modelo cubano foram incorporados no programa revolucionário nicaraguense.

A revolução nicaraguense foi uma revolução popular, com uma importante participação do proletariado, campesinato, juventude e intelectuais que abraçaram o projeto revolucionário para se somar à causa do sandinismo. Tal projeto é levado a cabo pela Frente Sandinista de Liberación Nacional, movimento de luta armada que, uma vez derrocado o somocismo, converte-se em partido político e assume o poder até as eleições de 1990.

Voltando aos atores sociais que foram fundamentais no processo revolucionário, é importante trazer a reflexão de González (2009) sobre a participação de certos setores da igreja católica como força crítica e opositora ao regime militar. Neste contexto, foi importante para o

momento político da Nicarágua a declaração dos bispos no encontro em Medellín em 1968, no qual se decidiu por utilizar a influência da igreja católica em favor dos pobres e da luta pela sua libertação (Gonzalez, 2009:241).

Resultado dos acordos no dito encontro criam-se as comunidades de base religiosas em diferentes zonas urbanas e rurais do país, as quais na sua maioria iriam apoiar a oposição aos militares.

No âmbito da igreja católica nicaraguense era possível identificar duas correntes: uma que se opunha à ditadura, mas sem participação e comprometimento político, e outra vinda da Teologia da Libertação que, sendo mais politizada, se envolveu diretamente na luta junto ao FSLN no projeto revolucionário. Algumas das entrevistadas vêm de grupos da juventude católica, mulheres oriundas de famílias de classe média que, influenciadas pelos princípios de justiça desses grupos, acabaram se envolvendo nos trabalhos da resistência. Este é o caso da Fernanda. Para ela a Teologia da Libertação passa a lhe influenciar, como se vê, na adolescência:

Cuando yo tenía talvés doce años el colegio comenzó a tener una influencia de la Teología de la Liberación, entonces recibía una cierta influencia de ellos y de los jesuitas porque eran los que nos daban los retiros espirituales que nos mandaban las monjas (Fernanda, 02/05/2013).

Na mesma entrevista Vanessa explica como começou a trabalhar com populações menos favorecidas:

Yo comencé a paricipar en manifestaciones, en movilizaciones, debo haber tenido 14-15 años, trabajábamos en barrios los sábados, nos íbamos todos un poco partenalista con la cuestión de ayudarle a la gente a hacer pozos, letrinas; no estábamos pues realmente contribuyendo a que ellos crecieran de una forma más integral, si no ayudando y pienso ahora que soy una mujer realmente mayor, que había culpa, o sea la culpa de los chavalos que se saben privilegiados que de alguna forma quieren compensar lo que no pudo... Pues salvar! (Fernanda, 02/05/2013).

González (2009) descreve entre esses grupos que se articulam desde a oposição à ditadura, a iniciativa de um pequeno grupo de partidos políticos com uma série de demandas de reformas políticas, econômicas e de diálogo nacional, ele refere-se à Unión Democrática de Liberación (UDEL), que conseguiu articular tanto a investidores estrangeiros como a setores das elites nacionais que entraram em desacordo com o grupo Somoza. Segundo González (2009) a UDEL (1974) não pretendia somar-se ao FSLN na resistência à ditadura. Sua postura era contra a violência própria do regime mas não contra o modelo político-econômico do país. Eles buscavam

um somocismo sem Somoza que lhes garantisse como classe burguesa a livre competência entre eles. Buscavam um Estado liberal sem perder poder político.

Nesta corrente crítica da ditadura, mas não partidária de mudanças radicais, agruparam-se a imprensa, as empresas privadas, a hierarquia da Igreja e um pequeno setor camponês anticomunista. Se bem é verdade que no começo de 1970 existia um consenso entre setores da economia e da política que amparavam o regime militar, no final da mesma década as contradições pela luta de poderes e interesses fazem com que essa unidade se torne frágil e os diferentes grupos declarem uma posição contrária à ditadura, como aconteceu com a UDEL.

O regime militar somocista entra em crise e os grupos opositores radicalizam as ações de resistência e denúncia. Esta oposição se caracterizou por ser muito heterogênea. Tanto dentro do FSLN como entre as outras agrupações, aumentaram as manifestações públicas que desafiam o governo e pressionam para que Somoza deixe o poder.

1.3 A insurreição

Na década de 1970, uma mudança social radical como vinha sendo pensada pelos/as revolucionários/as começa a se tornar mais real perante o esgotamento de um modelo de acumulação agroexportador que precisava de um regime autoritário para se manter no poder (Figuerola, 2005).

Como já foi dito, o regime militar somocista é criticado até por aqueles que em algum momento lhe foram leais. Para estes o regime já não representava seus interesses econômicos. Era grande o descontentamento na parcelas da burguesia e dos investidores nacionais e internacionais. Por outro lado, a violência, a repressão, e as condições desiguais de vida que atingiam às camadas populares fizeram com que a resistência e luta armada ganhasse força e reconhecimento público. Como aponta González (2009) essas “clases más desfavorecidas, quienes sufrían principalmente de los abusos y corrupción del sistema, se unieron a sindicatos, comunidades cristianas de base, colaborando con el FSLN o integrándose directamente a la lucha revolucionaria” (González, 2009:242).

O somocismo, que em princípios da década de 1970 mantinha-se em unidade com outros setores econômicos e políticos, para 1977 mostra-se claramente enfraquecido pelos desacordos e

contradições entre o grupo Somoza e os aliados.

Os diferentes grupos de oposição não radicais, como a UDEL, endurecem suas posições e levantam uma série de exigências, como liberdade de imprensa, anistia para exilados e presos políticos, liberdade para se organizar politicamente, entre outras. Nesta época surge um coletivo conhecido como o “Grupo de los doce” integrado por artistas, intelectuais, figuras da iniciativa privada e da igreja. Este se declarava contra a violência da qual assinalava como único responsável ao regime ditatorial dos Somoza. O grupo demandava uma “nueva forma de organización democrática y social (González, 2009:243)” e apoiava abertamente ao FSLN, convertendo-se em intermediário deste (o FSLN) entre os diferentes setores antagônicos da sociedade.

Segundo González (2009), em 1978 diferenciam-se dois grupos de oposição ao somocismo: o Frente Amplio Opositor (FAO) do qual participavam O Grupo dos Doze, alguns partidos políticos e o Movimiento Pueblo Unido (MPU). O outro grupo chamado Frente Opositor que estava conformado pela UDEL, o FSLN e outros movimentos sociais. Na FAO estavam representados os interesses burgueses que se opunham tanto ao regime ditatorial quanto ao posicionamento político e ideológico do FSLN, que tinha como estratégia a mudança pelo caminho da revolução. A estratégia da FAO buscava organizar e mobilizar as classes populares e proletárias por meio das grandes organizações de massa, as quais iriam derrocar o regime somocista e somaria-se-iam ao projeto socialista de transformação democrática unitária (González, 2009). Este grande objetivo plasmou-se na publicação de um programa que continha como principais metas a democratização, a alfabetização e a redistribuição das terras que se encontravam sob o poder do grupo dos Somoza, além da desarticulação da Guardia Nacional.

São vários os episódios que marcaram o início da insurreição: a perda em combate de várias das figuras emblemáticas do FSLN, entre elas Carlos Fonseca e Camilo Ortega; a tomada de cidades-chave para a oposição e do Palácio de Nacional, sede do legislativo, em 1978 (González, 2009). Por outro lado, no mesmo ano a FAO, que era partidária de práticas conciliatórias, fez um chamado de greve geral para exigir a mudança do regime e a imediata democratização.

O ano de 1978 foi marcante na história revolucionária nicaraguense. Como assinala González (2009), a crise do regime permite que a insurreição tome força e que os diferentes

grupos de oposição, até os que eram críticos da revolução, radicalizem ainda mais suas posições. Várias foram as ações que o FSLN organiza com sucesso nesse ano, o que provocou uma forte reação de repressão da Guardia Nacional. Como saldo da repressão, mais de cinco mil pessoas morreram e outras doze mil foram feridas.

Os setores da burguesia contrários à ditadura acabaram por estabelecer alianças com a causa revolucionária armada do FSLN. A estes acordos internos se somou o apoio das massas para conseguir que, em 1979, fossem realizados uma sucessão de atos que acabariam na acertada ofensiva de junho-julho. Exemplo das alianças que ajudaram a executar os planos do FSLN foi a Frente Patriótica Nacional (FPN), conformada pelo MPU, o Grupo dos Doze, o Partido Comunista de Nicarágua, o Partido Liberal Independiente, entre outros (González, 2009).

A Costa Rica, que em 1978 rompe relações diplomáticas com a Nicarágua (González, 2009), teve um papel estratégico de apoio à revolução sandinista e de denúncia dos abusos e violações dos direitos humanos perpetrados pelo regime somocista. Foi desde o país vizinho que, no dia 10 de julho de 1979, anunciou-se um governo provisório integrado por representantes das alianças. Nesta oportunidade se consolidou o Programa de Gobierno de Reconstrucción Nacional que propunha “la instauración de la economía mixta, el pluralismo político y el no-alineamiento, la formación de un ejército nacional y la confiscación de los bienes pertenecientes a Somoza y sus allegados (González, 2009:253)”.

O dia 17 de julho, Anastasio Somoza Debayle se vê obrigado a fugir do país pela pressão de um movimento insurrecional bastante fortalecido. Enfraquecido politicamente pelo fim do apoio dos Estados Unidos e com uma Guardia Nacional fragmentada, Somoza encontra-se desprestigiado internacionalmente frente a organismos como Nações Unidas e a Organização de Estados Americanos (González, 2009).

Dois dias depois, em 19 de julho, “los muchachos” (como eram chamados os combatentes do FSLN) entram triunfantes em Managua, capital da Nicarágua. Até hoje a cena da recepção das tropas guerrilheiras é lembrada pelas pessoas, que viam nesses homens e mulheres militantes heróis e heroínas que enfrentaram e acabaram com a ditadura. A Dirección Nacional del Frente Sandinista e a Junta de Gobierno de Reconstrucción Nacional (JGRN) assumem a direção do país no meio de um panorama político-institucional fraturado pelo regime ditatorial.

O dia do triunfo da revolução ficou na memória de algumas das mulheres entrevistadas.

Blanca é uma delas, ela é costarriquenha e exmilitante de um partido de esquerda na Costa Rica. Na sua narrativa aparece o 19 de julho de 1979 como um dia vivido com muita alegria:

Pero me acuerdo el día del triunfo, casualmente la muchacha que te conté que fui a ver, la gorda esta que se acaba de operar, era la muchacha que trabajaba conmigo en ese tiempo, ella era muy jovencita tenía como 16 años y las dos llorábamos en la puerta de la casa con la bandera del frente sandinista y ella me decía "váyase, váyase usted para el parque", y le decía yo "no, vaya usted" y bueno... Total me fui yo, me fui yo para el parque porque es que era, era... Era algo tan hermoso lo que estábamos viviendo, pero tan maravilloso, maravilloso! Era increíble! (Blanca, 24/06/201).

Para Marcela, enfermeira aposentada, costarriquenha e militante de um partido político de esquerda, a lembrança mais importante é precisamente o triunfo da Revolução Sandinista:

¿Mi recuerdo más importante? El día del triunfo! El 19 de julio del 79. ¿Verdad? (risas) Como vas a creer, yo sentía que estaba viendo como la gente bajaba... La muerte de Somoza en otro país, yo lo viví como un acto importante, que terrible, como necesario. (Marcela, 12/06/2013)

As novas instâncias políticas enfrentaram o desafio de distribuir os poderes entre os/as representantes dos grupos da aliança que possibilitou o triunfo da revolução. A expectativa estava posta sobre quanto ia ser possível satisfazer os interesses da ampla coligação. O novo governo revolucionário se depara com um país açoitado pelas perdas materiais e humanas, com falta de alimentos, desemprego, uma dívida externa que serviu para sustentar a guerra e uma precária economia que precisava de se reinventar.

1.4 O mito da democracia costarriquenha e as relações do país com a Nicarágua.

Alguns elementos da história da revolução sandinista nos indicam que a Costa Rica teve uma participação importante no processo de luta e resistência do povo nicaraguense que enfrentou a ditadura militar somocista. Nas memórias das mulheres entrevistadas, tanto da Costa Rica quanto da Nicarágua, estão presentes relatos que dão conta do envolvimento de diferentes setores da sociedade em ações de apoio ao povo nicaraguense. Sobre isso vamos a aprofundar no capítulo IV deste texto.

A fronteira terrestre que divide a Costa Rica e a Nicarágua tem uma extensão de 300 quilômetros. No capítulo 3 desta dissertação, incluímos dois mapas com informações detalhadas que ajudarão na localização geoespacial da solidariedade na Costa Rica, mas também para

identificar essa fronteira da qual estamos aqui falando.

Essa proximidade é, sem dúvida, fundamental para entender a dinâmica das relações dos dois países, como também é importante conhecer o contexto político da Costa Rica no fluxo da sua história, para assim poder entender os elementos políticos que propiciaram um ambiente de colaboração desses setores da Costa Rica com o projeto revolucionário sandinista.

Contrário à maioria dos países centro-americanos, a Costa Rica tem a peculiaridade de não ter vivido uma ditadura militar. Neste sentido cabe se perguntar pelas particularidades de um país cujo sistema democrático é internacionalmente reconhecido e ao mesmo tempo se encontra numa região que ainda sofre as consequências de processos de ocupação militar e de regimes ditatoriais.

No imaginário da sociedade costarriquenha e da comunidade internacional há uma tendência a idealizar o modelo de democracia costarriquenho (Muñoz 2001). Criou-se uma ilusão de país sustentada por um discurso que, de encontro à realidade, apagou uma série de elementos formadores do ser costarriquenho. O mesmo acontece com o suposto antimilitarismo que veste a identidade costarriquenha, colocando, muitas vezes, o ano de 1949 quando o exército foi derrotado, como ponto de partida para contar a história política democrática do país.

Desta forma a história oficial apaga os artifícios que estiveram por trás da construção da democracia como alternativa pacificadora para disfarçar disputas de poder diretamente relacionadas ao expansionismo dos Estados Unidos na região centro americana, sem deixar de falar do anticomunismo próprio da política exterior do país.

Mais uma vez temos que voltar, assim como fizemos com a breve explanação da história da revolução sandinista, para a política exterior dos Estados Unidos e sua relação com os eventos políticos da história costarriquenha.

Como explica Mercedes Muñoz (2001), a intenção aqui não é a de estabelecer uma simples relação entre guerra fria, reforma do estado, democratização e desarmamentismo. Mas sim vislumbrar esses nexos como ponto de partida para fazer o que a autora propõe como uma releitura dos momentos chave da democracia costarriquenha; para posteriormente entender as condições política nas que se dão as relações entre a Costa Rica e a Nicarágua no período da ditadura militar somocista.

Para compreender as mudanças políticas que se dão na Costa Rica a partir do momento

em que se inicia a Guerra Fria é preciso voltar para a época anterior, à fundação do Partido Comunista em 1931. Se seguimos a sequência das análises feitas por Muñoz (2009), vemos que no final dos anos 40 o partido comunista foi identificado como inimigo pelo partido reformista.

A identificação de um inimigo foi necessária para a instauração do mito da democracia. Foram os ideários da Segunda República, os reformistas no contexto da Guerra Fria, os responsáveis por definir as alianças com os aliados e a consequente identificação dos inimigos.

Nos seus estudos, Muñoz (2009) procura atingir os sentidos dos discursos e das ações dos fundadores da Segunda República. Sua proposta de análise da relação amigo-opositor é central, nela o opositor de hoje pode chegar a ser o governo de amanhã e o governo de hoje a oposição de amanhã.

Explicaria assim porquê o partido comunista foi identificado, em determinado momento histórico, como inimigo e não como oposição. Explicaria também porque este teria que ser eliminado na medida em que representava uma ameaça aos interesses geopolíticos dos Estados Unidos sobre a região (Muñoz, 2009).

Durante a Segunda Guerra Mundial o partido de esquerda da Costa Rica dispõe de certos espaços de legitimidade e reconhecimento por defender uma visão de mundo antifascista, e porque o anticomunismo da época no era um grupo homogêneo nem articulado, o que lhe permite a esta primeira agrupação na representação do deputado Manuel Mora, ganhar uma posição na areia política e estabelecer uma aliança eleitoral, democrática e antifascista com o partido conservador que se encontrava no poder, e com a igreja católica (Muñoz, 2009); um “casamento contra natura” como expressa Torres (2000).

Dessa aliança resulta uma política social que promove o sistema de segurança social (1941), uma reforma constitucional com a promulgação das Garantias Sociais e o Código de Trabalho (1943), conquistas que se deram no meio de uma mobilização popular significativamente fortalecida e que chega a se consolidar como uma força social com participação direta na esfera política nacional (Bolaños, 1989). Nas palavras de Edelberto Torres (2000:25), “las nuevas políticas sociales en Costa Rica movilizaron un respaldo popular más coherente por la existencia de una cultura política más inclusiva, con actores sociales mejor organizados”.

O novo instrumento de defesa dos direitos trabalhistas teve sua inspiração nas encíclicas

papais Rerum Navarum, de León XIII, e a Quadragésimo Annos, de Pío XI (Torres, 2000:24). Não por acaso a participação de uma parte da igreja católica nesse processo foi fundamental. Ela não só deu legitimidade à nova agrupação, como favoreceu a imagem do partido comunista na opinião pública.

Uma vez que se conclui a Segunda Guerra Mundial, o anticomunismo ressurge como produto das deterioradas relações entre a União Soviética e Estados Unidos. A Costa Rica mostra neste momento uma clara tendência a ser complacente dos desígnios da doutrina norte americana e sua política exterior intervencionista (Muñoz, 2009). Nestas condições o Partido Comunista Vanguardia Popular pouco podia fazer para consolidar-se como uma força opositora às tendências da Guerra Fria. O panorama nacional e internacional era desfavorável à esquerda costarriquenha. Em 1947 os governos da Nicarágua, Honduras, El Salvador e Costa Rica assinam um acordo com os Estados Unidos de combate ao comunismo, comprometendo-se por meio dos seus corpos policiais a realizar funções de monitoramento e perseguição às atividades dos/as comunistas, assim como a qualquer pessoa suspeita de estar envolvida com a esquerda (Muñoz, 2009).

Algumas destas medidas repressivas serão transformadas, mais tarde, em decreto pela “Junta de Gobierno”, entre elas a que “otorgó base legal a los despidos sin responsabilidad patronal en el sector público, de todos aquellos trabajadores desafectos al nuevo régimen (Aguilar, 1989:12)”. Desta forma podia ser demitida toda pessoa que tivesse uma reconhecida filiação comunista, ou “calderonista”⁵. Neste sentido, Yamileth, costarriquenha e exmilitante de um partido de esquerda, conta na sua entrevista como ela e sua família sofreram de perseguição pelos vínculo de seu pai com o calderonismo:

...posiblemente esa vida que yo tuve con mi padre después de la guerra civil del 48 que los republicanos fueron muy perseguidos, inclusive cuando íbamos a misa los domingos mi papá era detenido y se lo llevaban en camiones de carga y nos llevaban a nosotras también (ella y sus hermanas) que íbamos a misa con él, averiguando que era lo que estaba haciendo con las alianzas con los comunistas. (Yamileth, 09/04/2013)

1948 foi ano de eleições. A oposição ganhou e os oficialistas representados na figura de Calderón Guardia interpuseram um pedido de nulidade dos resultados eleitorais. Um Congresso majoritariamente “calderonista” e comunista resolve favoravelmente o recurso do ex-presidente

5 O calderonismo foi uma tendencia política e ideológica que se construiu em volta da figura do caudilho Rafael Angel Calderon Guardia, ex-presidente eleito em 1940 e integrante da aliança que consegue a promulgação do Código de Trabalho e as Garantias Sociais.

Guardia e são anulados os resultados das eleições. Começa aqui a conhecida guerra civil de 1948 na qual as forças do governo são vencidas militarmente por um exército liderado por José Figueres Ferrer. Dito conflito tinha como motivo aparente a denúncia de um processo eleitoral fraudulento, mas para Torres (2000) tratava-se mais de uma forma solapada de tirar da cena política o partido comunista.

Muñoz (2009) aponta para as contradições políticas da Costa Rica na época, pois o país passou de um momento de ativa participação popular, de reformas nas políticas sociais, de alianças estratégicas, para um conflito armado que culminou com a retomada do programa da coligação derrotada para enfrentar a oligarquia, da qual obteve no começo do conflito a ajuda para conseguir se colocar no poder. Foram 18 meses desta nova ordem no poder sob a figura da “Junta Fundadora de la Segunda República” (Torres, 2000:29), sob o mandato de José Figueres Ferrer.

Para Jacobo Schifter citado por Laura Álvarez (2010:58) o resultado desse episódio bélico da história política da Costa Rica é a polarização de classe da sociedade costarriquenha: a classe média alia-se com a oligarquia contra os setores populares representados pelos sindicatos. Polarização que segundo Álvarez (2010) acabou por se consolidar no fim da guerra com a instituição da “Junta Fundadora de la Segunda República”.

Nesse período promove-se uma nova e moderna constituição, extingue-se o exército, nacionaliza-se o sistema bancário privado e cria-se um imposto único para os produtores de café (Torres, 2000). Cabe destacar que nessa nova constituição de 1949 é reconhecido o voto para a metade feminina da população costarriquenha, que até então tinha sido excluída dos processos eleitorais (Bolaños, 1989), contrastando com o artigo 98 de dito instrumento que ilegalizou o Partido Vanguardia Popular, declarado inimigo da democracia (Muñoz, 2009).

Internacionalmente a Costa Rica convergia politicamente com algumas das ditaduras instauradas na América Central, uma delas foi a somocista que era declaradamente simpatizante do “calderonismo”, o que explica o apoio que Figueres Ferrer recebeu de grupos de oposição ao somocismo em armas e instrumentos militares para empreender a defesa dos resultados eleitorais de 1948 (Muñoz, 2009).

Além das versões idílicas que o discurso oficial instaurou sobre os processos de democratização na Costa Rica, é importante reconhecer o papel da desmilitarização na transição

da Primeira República para o segundo período reformista da história política do país. A abolição do exército como uma instituição permanente faz com que sejam outras as instâncias que entrem no jogo político para mediar as relações entre as frações gestoras, entre elas o legislativo, o sistema eleitoral, os partidos políticos e a imprensa (Muñoz, 2009).

A função repressora dos militares não é mais necessária desde o momento em que a nova constituição declara o partido comunista ilegal. Definindo-se uma condição de ilegalidade às classes populares que eram adeptas da esquerda partidária, não se precisava mais do exército para reprimí-las e desarticulá-las. Assim, é o banimento do Partido Comunista que produz as condições para a conformação do mito da Costa Rica democrática.

É interessante reconhecer como operaram na política externa da Costa Rica essas contradições e polarizações políticas mencionadas no momento em que acaba a Segunda Guerra Mundial e se inicia a Guerra Fria. A divisão política e geográfica do mundo em dois blocos chega a ter consequências nos países centro-americanos, tal como apontamos anteriormente. A tendência partidária que funda a segunda república, a mesma que vai se utilizar da ajuda dos antisomozistas na guerra civil de 48 e que ilegaliza o partido comunista em 49, vai se posicionar ideologicamente fiel às políticas imperialistas dos Estados Unidos e, por consequência, critica ferreamente o comunismo. Mas a Costa Rica não é o único país a se declarar ideologicamente anticomunista. Com o objetivo de impedir a expansão do comunismo no hemisfério cria-se, na década de 1960, uma iniciativa de integração regional denominada Consejo de Defensa Centroamericano (CONDECA). Dele faziam parte a Costa Rica e o Panamá como observadores, e como integrantes efetivos a Guatemala, a Honduras, El Salvador e a Nicarágua. O convênio centro americano foi definido no momento da sua criação como um órgão consultivo que velaria pela segurança dos países membros, e defenderia a democracia e a paz dos ataques violentos das forças subversivas comunistas.

Mas como aponta Philippe Schmitter (1969), o que foi pensado pelos Estados Unidos como um órgão de cooperação militar representou uma fonte de recursos econômicos para treinar as forças militares e para profissionalizar os corpos internos de inteligência nas manobras de monitoramento de possíveis agentes subversivos (Schmitter, 1969). Não tratou-se de uma aliança defensiva, mas sim contrarrevolucionária.

Na ausência de um exército na Costa Rica que pudesse dar apoio logístico às ações

contrarrevolucionárias, surgiu em 1961 o Movimiento Costa Rica Libre (MCRL). O MCRL passou a vigiar e a denunciar as atuações dos grupos comunistas no país e a servir como apoio estratégico da contraguerrilha nicaraguense na década de 1980 (Muñoz, 2009). Este grupo não tinha uma orientação partidária e sua estratégia de combate ao comunismo era diferente da exercida pelos governos no poder. Estes últimos, os governos, optaram por deslegitimar internacionalmente a revolução cubana para se encaixar na política exterior imperialista (Muñoz, 2009).

A revolução cubana foi o motivo de aproximação do governo costarriquenho com a ditadura somocista. Lembremos que no contexto da fundação da Segunda República os liberais se utilizaram do discurso anti-ditadura para ganhar o apoio logístico e material para combater militarmente os republicanos calderonistas na guerra civil de 1948.

Na década de 1960, as tensões entre os governos da Costa Rica e da Nicarágua se distendem porque ambos dividem um inimigo comum: a revolução cubana. Estas aproximações ficam bem claras nos acordos antirrevolucionários assinados pelos dois países no marco do CONDECA – Conselho de Defesa Centro Americana, fundado em 1963 por iniciativa dos Estados Unidos. A posição dos presidentes sucessores a Figueres Ferrer vai mudar em função da exacerbação da violência exercida pela ditadura dos Somoza na Nicarágua, principalmente por esta representar uma ameaça para a segurança nacional costarriquenha pelas ações militares na fronteira norte do país.

É importante esclarecer que quando se fala em uma mudança em relação à postura política perante a ditadura somocista, não quer dizer que o governo de turno iria apoiar a revolução sandinista. Na opinião de Muñoz (2009), a maior preocupação estava em defender a soberania e a segurança do território costarriquenho. Para a autora, o presidente Rodrigo Carazo Odio do Partido Renovación Democrática (1978-1982) toma a decisão de apoiar um setor não marxista do sandinismo para não ser diretamente relacionado com a tendência da FSLN mais radical, mas na entrevista da Clara aparecem elementos que dão conta de reuniões do Ministro do Interior do citado governo com lideranças da FSLN e o Partido Vanguardia Popular, o seguinte trecho fala sobre isso: “el partido estaba muy metido y Manuel (Manuel Mora, liderança do Partido Vanguardia Popular) constantemente en conversaciones con Jony (Ministro del Interior), verdad... Definiendo estrategias y se reunían mucho en mi casa (...)” (Clara, 07/06/2013).

A figura do ex-presidente Rodrigo Carazo, quem governou no período de 1978-1982, se faz presente em alguns dos relatos das mulheres entrevistadas, principalmente entre as costarriquenhas. Ele aparece como uma referência de um representante do governo que se declarou contra a ditadura somocista e facilitou condições para a articulação de ações de apoio à Frente Sandinista de Libertação Nacional.

Georgina, mulher entrevistada que foi referenciada no começo do capítulo, resgata a postura antimperialista do ex-presidente quando afirma que “Carazo fue talvés el presidente más valiente para la lucha contra lo que quería Estados Unidos hacer con nosotros en toda América en asunto económico y todo” (Georgina, 17/06/2013). Nessa mesma linha Marcela comenta: “...antes del triunfo de la revolución estaba Carazo... Carazo mis respetos! Carazo se le plantó al Fondo Monetario Internacional” (Marcela, 12/06/2013).

Clara, por sua vez, fala na sua entrevista sobre a sua importância na questão centro americana: “cuando se habla del gobierno de Carazo, fuera de la crisis del dolar no se habla del papel que jugó en la situación centroamericana, no habla, no se contextua ahí y para mí fue lo más valioso que tuvo ese gobierno” (Clara, 07/06/2013).

A tendência que funda a Segunda República volta ao poder em 1982, quando o candidato do Partido Liberación Nacional, Luis Alberto Monge, numa segunda tentativa ganha as eleições. O mandatário vai se deparar com uma situação econômica e social muito frágil, produto do esgotamento do modelo de desenvolvimento impulsionado pelo mesmo partido durante o período reformista. Este panorama oferece todas as condições para que os Estados Unidos intervissem ao resgate com sua política exterior em troca da redução da margem da Costa Rica para manobrar internacionalmente, isto é, alinhar-se submissamente aos Estados Unidos e ceder às pressões para se envolver no conflito contrarrevolucionário nicaraguense. Assim, o país ganha a imagem internacional de “satélite” do império na América Central (Golcher, 1994).

Perante a deterioração da imagem do país, o presidente Monge proclama sua proposta de neutralidade frente a qualquer conflito bélico que atentasse contra a autonomia das nações, que buscava neutralizar a pressão do governo dos Estados Unidos para que o país se envolvesse no conflito armado. De acordo com Erika Golcher (1994), a declarada neutralidade só funcionou como uma fachada para recuperar a credibilidade na diplomacia costarriquenha, pois o país continuou permitindo o uso do território aos Estados Unidos para avançar contra o sandinismo.

No contexto de uma soberania nacional muito erodida chega ao poder em 1986 Oscar Arias, com uma proposta política de desenvolvimento baseada na pacificação do conflito militar, pois o país encontrava-se diante do risco de ser levado pelos Estados Unidos a um enfrentamento aberto com a Nicarágua sandinista (Muñoz, 2009). O plano de Arias foi normalizar as relações com a Nicarágua ao mesmo tempo em que neutralizava a pressão dos Estados Unidos para que a Costa Rica tomasse parte no conflito, pois a crise entre os países estava tendo consequências no desenvolvimento econômico da região. O objetivo então estava em conseguir melhorar as relações comerciais da América Central, garantir a segurança interna e levantar o turismo e os investimentos estrangeiros (Golcher, 1994)

A estratégia de pacificação concretizou-se no conhecido Acordo de Paz de 1987 que lhe mereceu o prêmio Nobel da Paz pelo desarmamento da América Central. Segundo Golcher (1994) este reconhecimento foi interpretado como um apoio da comunidade europeia às gestões de paz iniciadas pelo ex-presidente, postura que não foi compartilhada pelo governo dos Estados Unidos e seu profundo anti-sandinismo. Para os Estados Unidos a ratificação do acordo pelos países assinantes significou a legitimação do Partido Sandinista no poder.

O processo de paz passou por vários momentos chave de negociação entre os líderes políticos dos cinco países centro americanos. A sede do encontro para o diálogo foi Esquipulas-Guatemala, onde aconteceram três reuniões no mesmo ano, até que na terceira delas, em agosto de 1987, os cinco países ratificaram o acordo. Com a reputação internacional da Costa Rica salva, o ex-presidente Arias pode negociar com o FMI, o Banco Mundial e outros organismos internacionais para por em marcha a política neoliberal que caracterizou seu governo (Golcher, 1994).

Desta forma chegamos a um dos momentos políticos da história que dão continuidade e forma ao mito da democracia costarrriquenha, tal como a descreve Mayra Romero (1995), como uma ilusão de uma vida tranquila, de um povo pacífico que cada quatro anos participa da festa cívica de eleger a seus representantes no poder. Imagem esta que é mantida e reproduzida no imaginário social dos/das costarrriquenhos/as e que internacionalmente virou mercadoria para a exportação. Quem não quer conhecer o país sem exército, que cuida da natureza e onde a democracia participativa garante liberdade e direitos iguais para todos e todas?

2. Uma Aproximação Teórica à Memória

A possibilidade latente de apagamento de certos elementos da memória que a história recente da América Latina não contemplou no seu trabalho de escrita, é o que nos leva à elaboração de um trabalho de pesquisa que se propõe saldar algumas pendências com setores sociais cuja participação política foi fundamental nos processos de resistência e revolução. No caminho entre a “sensação de perda à ânsia de recuperar o passado”, “enuncia-se a vontade de memória e, mais, o dever, a ordem de lembrar” (Pimentel, 1998:209).

Santos (2003) retoma a Hanna Arendt para falar da memória como um atributo da condição humana que guarda a sensação de pertencimento a um todo constituinte da pessoa. Nessa linha, a perda dessa memória representa uma ameaça às experiências e aprendizados adquiridos pela interação social, uma ruptura “dos elos entre passado e presente” (Santos, 2003:17).

A nossa “vontade de memória”, como escreveu Pimentel (1998), é alimentada por um presente carregado de lembranças à espera do seu momento, para se tornar conhecimento de domínio público. Trata-se de um exercício coletivo de construção de memórias que vêm dialogar com outras versões da história legitimadas pelos interesses particulares de um setor da sociedade, pouco questionadas por serem estas produtos de estratégias políticas de esquecimento.

É importante, neste ponto, esclarecer que mesmo reconhecendo a importância dos estudos empíricos sobre a memória do trauma, neste trabalho iremos nos ocupar da memória de eventos políticos não traumáticos, sem deixar de prestar atenção para o surgimento de manifestações emocionais relacionadas com a violência e a repressão vividas pelas pessoas que tiveram uma participação direta nos eventos da ditadura somozista.

Kaplan (em Andújar, 2007) chama a atenção sobre como, nas últimas duas décadas esta temática tem se centrado no trauma das vítimas, na repressão da memória, na humilhação pelos abusos, e nas estratégias de sobrevivência. Para a autora, o tema da memória aparece associado aos processos judiciais e ao trabalho das comissões da verdade. No trabalho por ela desenvolvido sobre as comissões da verdade na África do Sul, destaca-se a necessidade de incorporar os relatos de experiências não traumáticas: aquelas que falam de resistência e sobrevivência em contextos de repressão política, e que mostram um engajamento político de atores e atrizes sociais, não de

vítimas.

No Brasil, Ana Paula Araújo (2001), tem desenvolvido uma série de trabalhos sobre estratégias de resistência nos tempos da ditadura. Trata-se de um acervo que recolhe uma série de depoimentos de “militantes comuns” representativos/as de uma geração politicamente engajada, e que eram identificados/as como lideranças, mas não por ocupar cargos de importância na resistência e sim pelo reconhecimento de seus pares.

Para realizar este estudo, Araújo (2001) escolheu do acervo, aqueles relatos que falavam sobre os lugares onde a resistência acontecia: as cadeias, os centros de redação dos jornais alternativos e a rua; lugares identificados como privilegiados para a “ação, a discussão e a reflexão política” (2001:107).

Os lugares de participação, as origens das mulheres envolvidas em ações de solidariedade, e as formas de participação, são os elementos que interessa destacar neste trabalho. É uma leitura presente do passado que mostra a solidariedade como uma forma de ação política para resistir à violência do regime ditatorial somozista. São mulheres costarriquenhas e nicaraguenses, “militantes comuns” como diz Ana Paula Araújo, que aparecem como protagonistas desde a resistência para se deslocar do lugar de vítimas. Eis aqui um exemplo da função política da memória: fazer aparecer essas personagens que a história manteve no anonimato, dar-lhes voz para contar outras versões sobre os fatos políticos e “fortalecer as esferas públicas da sociedade civil e expandir a natureza do debate” (Ansara. 2009:328).

Para trabalhar a memória como conceito e método faremos um percurso teórico pelos seus possíveis desdobramentos propostos por pensadores e pensadoras que têm se ocupado dela. Para logo depois aprofundar-nos nessa função política da memória que dará suporte às próprias análises.

Jelin (2001) chama a não se preocupar por delimitar uma definição de memória, pois estaríamos negando a pluralidade e o dinamismo que vêm ao encontro da pretensão de achar que existe uma memória só. A autora pensa no termo como composto por uma dupla função: como uma ferramenta teórico-metodológica e como “categoria social” (Jelin, 2001:1) com seus usos, omissões e conceptualizações.

Para sistematizar o estudo da memória a autora propõe três eixos: um primeiro eixo que se refere ao sujeito que lembra e que esquece, onde cabe se perguntar pelo caráter social desse

sujeito: “é ele individual ou coletivo?”, questiona a autora sem dar resposta. Um segundo eixo contempla os conteúdos da lembrança ou do esquecimento, do que é transmitido na “interacción social, en los procesos de socialización, en las prácticas culturales de un grupo (Jelin, 2001:1)”.

O como e o quando se lembra e se esquece é o terceiro dos eixos da memória. Lembramos aqui de Pollak (1989) e a ideia de conjunturas favoráveis à “irrupção” de memórias subterrâneas ou marginais, que se encontram em estado de latência esperando o momento político para ocupar o espaço público e passar do “não dito” à contestação e a reivindicação (Pollak, 1989:9).

Podemos dizer que o mesmo acontece com o esquecimento, pois assim como as memórias se ativam em determinados contextos, há condições para que sejam instalados os silêncios e venham acontecer os esquecimentos.

Neste trabalho o ato de lembrar é protagonizado por um grupo de mulheres costarriquenhas e nicaraguenses vindas de diferentes espaços de atuação: ex-militantes de esquerda, acadêmicas, donas de casa, profissionais, artistas, estudantes universitárias, lideranças comunitárias e mulheres vinculadas a grupos da juventude católica. Elas foram provocadas para lembrar sobre solidariedade na época da ditadura somozista na Nicarágua, principalmente aquelas ações gestadas na Costa Rica em apoio ao projeto revolucionário sandinista. A inquietação para lembrar é colocada por um contexto político que hoje se apresenta como uma oportunidade para que essas lembranças ocupem o espaço público como cenário para conversar, como dito acima, com as outras possíveis versões da história.

A memória como campo de conhecimento transita por diversas disciplinas da ciência, dela têm se ocupado a história, a psicologia, a sociologia, a antropologia, as ciências políticas e a biologia (Jelin, 2001). Multiplicidade de enfoques que resultam num riquíssimo arcabouço de modelos teóricos explicativos que denunciam a importância, a atualidade e a abundância de temas que podem ser abordados por meio da memória; assim como os sujeitos protagonistas dessas memórias.

Antes do século XX a memória era estudada como um processo subjetivo que envolvia unicamente o sujeito que lembrava, localizada na mente individual e abarcava principalmente os processos cognitivos que eram passíveis de se conhecer na experimentação (Dobles, 2009).

Santos (2003) aponta o começo do século XX como o momento em que das ciências

sociais surgem as bases teóricas que refutariam a distância prevalecente entre memória e processos sociais. Começou-se a estudar a memória como uma construção social, processo do qual participam sujeitos que interagem com outros e que se constituem em estruturas que também são sociais.

Maurice Halbwachs, desde a sociologia, e Frederic Charles Bartlett, desde a psicologia, são as principais referências da época. Suas contribuições deram seguimento ao que outros intelectuais vinham trabalhando desde cada uma das áreas do conhecimento (Santos, 2003). Henri Bergson por outra parte, com quem Halbwachs estudou por muito tempo, foi um dos pensadores que desde a filosofia estudou a memória como uma instância que ia além da consciência e não podia ser concebida unicamente como produto das funções mecânicas do cérebro; isso sem chegar a negar o caráter “material e biológico da memória” (Santos, 2003:48).

Não pretendendo reduzir a memória ao mecanicismo biológico, Bergson propôs uma teoria que refutava a ideia de estudar a memória no laboratório através de experimentos que objetivassem o corpo humano. Mas sem deixar de defender a possibilidade de localizar os eventos passados em estruturas neuronais, que dada a ocasião ajudariam na sua recuperação pela ação da recordação e os sonhos. Discussão que surge a partir de seus trabalhos, que tratavam das patologias passíveis de comprometer a capacidade de lembrar.

Por sua parte Bartlett, psicólogo britânico contemporâneo de Halbwachs, vai colocar no meio acadêmico a dimensão social da memória, Dobles (2009) cita a obra emblemática do autor *On Remembering, A Study in Experimental and Social Psychology* escrita em 1932 como um dos mais importantes aportes da psicologia ao estudo da memória como um fato social.

A ideia de pertencimento grupal e sua relação com o ato de lembrar foi o ponto central da proposta teórica de Bartlett, assim como a visão de que a memória é o produto de uma construção social, não um ato de recuperação (Dobles, 2009). A memória como construção social foi ponto de encontro teórico entre Bartlett e Halbwachs. Os dois pensadores compreenderam o tempo presente como o lugar de se pensar o passado, assim a memória não seria um fato dado, seria de uma natureza coletiva dada pelas interações entre os indivíduos no momento presente.

Para Bartlett toda função cognitiva tinha como objetivo a obtenção de significados, a memória neste sentido era por ele estudada como um processo perceptivo pelo qual o conhecimento do mundo se define pela busca de sentidos (Santos, 2003).

Esse processo de percepção é em grande medida um ato de rememoração, pois só pode ser conhecido aquilo que é percebido, aquilo que faz sentido, e que vem se acoplar com imagens prévias que ficaram guardadas de outras experiências.

A pesquisa de Bartlett se aproximou a de outros pensadores que estudavam as determinações sociais da conduta dos indivíduos, mesma que era entendida em função das crenças, valores e práticas partilhadas dentro do grupo (Santos, 2003). Desta forma seu trabalho se orientou para o estudo de condutas individuais relacionadas ao entorno social, abandonando segundo Dobles (2009) o campo das representações e práticas coletivas para “afiançar” um recorte individualista dos fenômenos psicológicos que explicavam a memória.

Para Bartlett as condutas dos indivíduos se modelavam no contexto social e não a partir dele como defendia Halbwachs. Assim, para o primeiro autor, a memória coletiva era a memória dos indivíduos no grupo e não a memória do grupo. (Santos, 2003).

Este enfoque teórico defendia a ideia de que a memória era possível de se explicar pela ação de esquemas que organizavam o cenário para a incorporação de novas experiências. Este mecanismo seria explicado como uma “sucessão de experiências interligadas em que cada nova experiência teria vínculos com as precedentes, mas seria utilizada através de reações do presente” (Santos, 2003:59).

Ansara (2009) no seu estudo sobre memória, ditadura e repressão no Brasil, retoma alguns pontos chave da teoria de Bartlett que contribuíram na construção do conceito de memória política. A pesquisadora extrai da obra do psicólogo a importância da noção de pessoa com sujeito da lembrança e as condições sociais na que esta acontece, e não apenas as reações que os indivíduos isoladamente manifestam na experimentação.

Outro elemento que vai ser levado em conta pela autora é a ideia do lembrar como um ato cotidiano que se adapta às exigências do mesmo, dando-lhe um caráter construtivo à memória, pois como já foi falado a memória não é um fato dado.

Um terceiro elemento resgatado por Ansara (2009) é a questão da percepção como pré-condição para que algum evento seja lembrado. Na teoria de Bartlett “nada pode ser lembrado sem que antes tenha sido percebido, ou seja, nada pode ser vivenciado como algo familiar sem que tenha sido apresentado ou vivenciado de algum outro modo” (Ansara, 2009:68). Com isto Bartlett quis dizer, segundo a autora, que nos recordamos do que nos interessa, do que é

significativo para nós. A memória seria neste sentido o processo consciente de conhecimento e reconhecimento do mundo orientado pela busca de sentido (Santos apud Ansara, 2009).

Sem dúvida esses três elementos que Ansara (2009) coloca em destaque na sua pesquisa constituíram precedentes de muita importância para os estudos que abordam a memória como um fenômeno coletivo. Bartlett conseguiu articular processos cognitivos com formas sociais de interação que dão lugar à memória como um ato grupal.

Santos (2003) aponta para questionamentos que não conseguem ser resolvidos desde esta postura, mas reconhece o legado dos estudos do psicólogo para a psicologia social e para o estudos de memória. Para a autora o problemático na teoria de Bartlett está em tentar achar explicações universais para um fenômeno social que é muito mais vasto. Segundo Dobles: “Se hace necesario superar el individualismo metodológico y examinar la memoria cultural, las identidades sociales, las luchas, resistencias y “redenciones” en las tareas culturales de la memoria, así como los marcos en que se elabora, socialmente” (Dobles, 2009:38).

Nestas aproximações aos primeiros estudos da memória, a obra de Halbwachs representa uma importantíssima referência para as ciências sociais. A sua principal contribuição é a compreensão da memória como uma construção coletiva.

Discípulo de Bergson durante sete anos, passou a se interessar pela sociologia por não concordar com os resquícios biologicistas do filósofo. Assim buscou explicações que superassem o paradigma individual predominante nos estudos de memória da época. Segundo Santos (2003): “Halbwachs foi um autor que tinha como objetivo consolidar e desenvolver as bases objetivas e científicas de uma teoria social a ser aplicada para a compreensão da sociedade” (Santos, 2003:41).

Nos seus estudos sobre as representações coletivas, definiu a memória como um processo social que se sustenta em estruturas grupais onde os indivíduos se identificam a partir da reconstrução do passado, mesma que se dá a partir de dados do presente (Ansara, 2009).

Em breve voltaremos sobre o conceito de memória coletiva, pois nos interessa retomar os caminhos teóricos traçados por Ansara (2009) para chegar ao conceito de memória política a partir da sua dimensão coletiva.

Temos feito até aqui uma brevíssima revisão das principais referências teóricas que têm se ocupado de estudar a memória, passando pela filosofia de Bergson, a psicologia de Bartlett e a

sociologia de Halbwachs, através do trabalho de pesquisadores e pesquisadoras que têm se utilizado dos aportes desses trabalhos pioneiros para circunscrever a memória como ferramenta teórico-metodológica num amplíssimo leque de objetos dos quais se ocupam as ciências sociais.

A nossa pesquisa particularmente circunscreve-se nos marcos referenciais da psicologia política como ponto nodal para auxiliar na articulação de uma discussão que nos interessa: a relação entre memória e política.

Neste sentido a pesquisa desenvolvida por Soraia Ansara sob o título “Memória Política, Repressão e Ditadura no Brasil” publicada em 2009, funcionou como fonte de inspiração para desenhar os contornos de uma proposta que, trasladado ao contexto centro americano e em tempos de ditadura, pretende vislumbrar os componentes políticos de uma memória que fala de participação e de ações de solidariedade.

A resignificação pela memória desde este olhar torna as experiências do passado em eventos políticos que, como afirma Silva (2010), podem ser estudados como o resultado de ações que envolvem formas de comportamento político, o que por sua vez remete a uma consciência também política.

Através da memória se torna visível aquilo que não é dito ou legitimado pela história oficial, e a Psicologia Política por sua parte denuncia as relações entre as dimensões macro e micro da vida, ou seja, mostra como os eventos e contextos políticos afetam as subjetividades das pessoas que deles participaram. Para Montero (2009) o político que acontece no espaço público da vida afeta a esfera privada da mesma, assim como os fatos específicos desta última podem chegar a afetar a esfera pública. Trata-se na leitura de González (2008:9) “de la comprensión de los aspectos socio personales de la esfera pública”.

Construir memórias faz parte de um dos grandes objetivos da psicologia política, principalmente se pensamos nela como um fazer crítico de produção de conhecimento comprometido com os processos políticos de transformação e libertação.

Desta forma, trazer elementos do passado para o presente constitui um ato político de reconhecimento da participação de outros/as atores e atrizes sociais na história recente da América Latina, e de outros cenários onde o político também acontece, desmitificando-se o público como lugar privilegiado da vida política e politizando-se o espaço privado.

Michelle Perrot⁶, historiadora francesa feminista que escreve sobre a história das mulheres, questiona precisamente a forma em que se dividiram os poderes a partir da dicotomia público-privado. O que se reflete na nula ou pouca presença das mulheres na história porque “difícilmente acceden al espacio público, que según la concepción grecorromana o judeocristiana, es el único lugar donde ocurren los hechos” (Perrot, 1989:35).

Para Ana Sojo (1985) a divisão social do trabalho explica como a definição do âmbito político se dá na oposição do público e do privado, para a partir daí configurar as lutas pela inclusão da participação política de atores e atrizes sociais cujas ações foram delegadas aos âmbitos privados, tidos como não políticos. Nas palavras da autora,

(..) lo doméstico, desterrado a la individualidad y a la naturaleza se despolitiza mientras que la política se limita a lo público, ocultando el significado político que tienen tanto lo doméstico como lo público en la discriminación de la mujer. (Sojo, 1985: 71).

A politização do espaço privado se dá quando o cotidiano e o doméstico adquirem um valor social. Desde esta perspectiva as mulheres não são mais simples observadoras, elas passam a ser sujeitas políticas protagonistas das suas próprias histórias.

A história oral e a história das mulheres desde suas origens vêm caminhando em paralelo modificando e diversificando os cenários, os métodos e os sujeitos de pesquisa histórica (Salvatici, 2000). Assim, cobram importância as narrativas das mulheres que, por muito tempo, foram desprezadas como fontes confiáveis para escrever a história.

Narrativas em plural porque cobra importância também a diversidade das mulheres. Para Salvatici (2000) falar em singular nesse sentido era apagar as correlações que existem entre “estruturas de gênero, classes sociais, grupos étnicos, ocupações, religiões, regiões, ou nações” (2000:32).

Nesse sentido o uso político da memória pode alçar as memórias marginais dessas novas protagonistas ao espaço público e concorrer pela legitimidade que usufruem os discursos constituídos como consensos (Monsivais em Rodríguez e Szurmuk, M, 2008).

O apagamento de certos eventos da história política responde a uma estratégia de “fabricação de consensos” promovida, segundo Ansara (2009), pelos governos pós-ditatoriais

6 Escreveu a história das mulheres que pouco apareciam nos locais públicos, estudou as primeiras narrativas escritas pelas mulheres: correspondências e diários de vida, e analisou as condições sociais e políticas que se deram para que as mulheres comessem a participar da vida pública.

com o objetivo de recuperar e manter a “harmonia nacional”.

Essa suposta harmonia reconciliatória faz com que não apareçam as vozes de quem, em contextos de conflito político, participaram dos processos de luta e resistência. Neste sentido gostaríamos de voltar para os aportes do trabalho da pesquisadora italiana Silvia Salvatici. Apoiando-se na história oral, ela estudou os efeitos da violência da deportação na época nazi-facista na Itália, nas mulheres migrantes que foram deportadas para os campos de concentração por causa da sua orientação política. Para isto, Salvatici utilizou-se de quatro narrativas contidas no livro “As mulheres de Ravensbrück”, publicado no início de 1980, rompendo com quase 40 anos de silêncio na história nacional sobre as deportações nazi-facistas. Estas narrativas não tinham o propósito de mostrar formas adicionais de sofrimento, e sim as particularidades da experiência feminina reconhecidas como diferentes das experiências masculinas. Para a autora uma das mais importantes contribuições deste trabalho está no encontro da história oral com a história das mulheres e a subsequente crítica à universalidade com que é tratada a experiência humana (Salvatici, 2005).

Por outra parte, no seu trabalho empírico a pesquisadora produz narrativas que falam de experiências de resistência marcadas pela subjetividade de mulheres que sofreram a violência da guerra no Kosovo na década de 1990.

Nestes trabalhos, Salvatici logra retratar para a história narrativas de resistência feminina aparentemente passivas e delimitadas à esfera doméstica, mas que acabaram sendo claramente decisivas para a sobrevivência das comunidades sitiadas pelo conflito, sendo assim uma resistência de característica ativa.

Essas narrativas falam de

(...) episódios, experiências e vivências envolvendo estupros, partos clandestinos, abortos, os cuidados com doentes, a proteção das crianças, o armazenamento de comidas, a produção de vestimentas e até de disfarces, a improvisação para lidar com a fome e o frio em épocas de escassez severa.
(Araújo e Santos, 2007:106)

De formas femininas de resistência se trata o nosso trabalho também. De memórias não contadas pela história, de uma história escrita por homens desde suas próprias experiências, o que também é válido, mas continua sendo uma versão que não contempla as experiências das mulheres. Por isso achamos fundamental as aportações de Salvatici, pois aproxima-nos para

formas de olhar para o passado com uma preocupação política e militante, a preocupação do feminismo e da história oral. (Araújo e Santos, 2007)

2.1. Memória e História

O passado, como matéria-prima, é o que segundo Pimentel (1998) constitui o elemento comum à história e à memória. É pela memória que constituímos o passado. Ela se “imiscui no terreno da história” (Pimentel, 1998) e ao mesmo tempo se afasta dele.

A memória, vista como o processo que se ocupa da constante (re)construção dos fatos do passado, reconfigura a história numa ida e volta do passado para o presente, sem traços conexos, sem linearidade e, como afirma Santos (2000), com a sua própria dimensão de temporalidade.

Para a história o tempo é cronológico e o passado é editado com cortes arbitrários que resultam numa sequência de períodos dispostos um após o outro. A história trabalha com fatos. Para Halbwachs (2012) a memória é uma construção que envolve diferentes correntes de pensamento vinculadas a pessoas que se relacionam entre si, ou seja, “correntes de pensamento coletivo”. O passado existe no presente pela consciência do grupo (Santos, 2003). Desde essa ótica o passado é colocado em movimento pela memória.

O interesse que a memória suscita na história nos anos 80 do século XX deu lugar a trabalhos como o de Pierre Nora (1994), Paul Ricour (2004) e Roger Chartier (2007). Os estudos de Halbwachs da memória como um fenômeno coletivo iriam influenciar o pensamento crítico destes autores que acabariam se afastando das análises da história na sua lógica causal e evolutiva para incorporar elementos políticos, culturais e subjetivos aos estudos sobre o passado (Santos 2003).

Pierre Nora (1984) nos seus estudos sobre os lugares da memória contrasta os usos que tanto a memória quanto a história fazem do passado. O autor chamou a atenção sobre o simbolismo desses lugares e seu papel na formação da identidade nacional francesa dirigida pelo Estado, no contexto pós-revolução. Produto destes estudos o autor estabelece alguns contrapontos entre os dois conceitos:

(...) a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas formações sucessivas, vulnerável a todos os

usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (Nora, 1984: 9).

Halbwachs (2012) parte da afirmação de que o indivíduo participa de dois tipos diferentes de memória: uma memória que se organiza dentro do grupo, que seria a memória coletiva, e outra que abrange a um grupo maior. A memória coletiva corresponderia a uma memória interna chamada pelo autor de autobiográfica, enquanto a memória localizada fora do grupo, ou externa, corresponderia à memória histórica.

Para Halbwachs os contrapontos entre as duas formas de memória são vários: a memória coletiva é uma corrente contínua de pensamentos que não ultrapassa os limites do seu grupo de referencia, que está viva e que se preserva na consciência dos grupos que a mantém. Em quanto que a história situada fora desses grupos, por vezes sobre eles, traça linhas claras de separação que opõem claramente passado e presente, como se cada um deles tivesse uma realidade à parte. Para a memória esses limites são mais difusos, muito mais flexíveis, “irregulares e incertos”, nas palavras de Halbwachs (2012:104).

Um outro ponto de contraste entre memória coletiva e história, ou memória histórica como aponta Halbwachs (2012), é a multiplicidade da memória coletiva frente a unicidade da memória histórica.

A história é escrita a partir da observação de mudanças, longe dos grupos que delas participam, em que importam os detalhes que vão se acrescentando até conformar uma uniformidade, um conjunto de eventos que para dar lugar ao próximo nessa sucessão cronológica do passado é preciso que sejam superados (Halbwachs, 2012).

A memória coletiva, ao contrário, é feita desde dentro dos grupos que a sustentam, cujos membros valorizam as semelhanças que “por traço comum cabem a uma mesma consciência” (Halbwachs, 2012). O que interessa aqui não é a somatória de detalhes, mas os eventos que ocorrem no dia a dia nesses grupos, no tempo que passa sem aparentes modificações e impacta a vida dessas pessoas e de seus grupos. Eventos esses que não têm uma linearidade. Como aponta Dobles (2009), as lembranças no cotidiano não acontecem de forma linear.

O tempo na história é estático como se entre cada evento importante que na humanidade se registra não acontecesse nada, o tempo da memória coletiva é o tempo do grupo.

Dobles (2009) no seu trabalho sobre memórias da dor e as comissões da verdade na América Latina, dialoga com historiadores que relativizam a separação contundente entre memória coletiva e memória histórica. Em Halbwachs podemos entender que as críticas estão direcionadas à prática historiográfica, na qual as versões dos vencedores são as privilegiadas. Mas Dobles (2009) chama a atenção, através de historiadores como Paulo Ricoeur, Olick y Robis, sobre como a história também constrói e propõe a elaboração de narrativas, isto sem deixar de concordar com ideia de imparcialidade-objetividade que tanto questiona Halbwachs.

Neste sentido, o autor coloca no centro da discussão a questão das ferramentas culturais utilizadas para estruturar as memórias, ocupando aqui a narrativa um papel fundamental. Nunes e Vaz (citado por Farias, 2011) apontam para a importância da narrativa na conservação e transmissão de memórias, sendo ela capaz de transformar o passado em um presente vivo e a memória em realidade.

Para Halbwachs a memória coletiva, em relação à artificialidade linear da memória histórica, é um processo “natural” e espontâneo que se dá principalmente no contexto de exigências imediatas, no cotidiano.

Nesse sentido, para Dobles existe um risco na polarização da memória coletiva em relação à memória histórica: a sobredimensionalização da natureza da memória coletiva. Para o autor “ninguna memoria es natural, ya que siempre surge em contextos condicionados socialmente” (Dobles, 2009:120). Assim, a construção social da memória é produto de práticas e acordos sociais que demandam o uso de ferramentas que também não são naturais. A articulação de narrativas também é socialmente condicionada, principalmente se pensarmos no contexto da pesquisa do autor, sendo que a necessidade de narrativas passou a ser uma demanda institucional a partir da conformação das comissões da verdade⁷.

Grossman (2000), no seu trabalho sobre a Comissão da Verdade e Reconciliação na África do Sul, trata precisamente sobre as arbitrariedades na seleção das narrativas para silenciar todas aquelas formas de violação aos direitos humanos que não foram tipificadas como crimes

⁷ No seu trabalho Dobles (2009) dedica um capítulo à institucionalização da verdade e a tensão que implica a demanda de criar informes a partir de dados quantitativos de mortes e repressões, sem que os mesmos percam seu sentido e conservem a lógica do eventos, fazendo com que surja a tensão entre o qualitativo e o quantitativo.

pelos princípios que deram-lhe origem à mesma comissão. O silêncio torna-se “instrumento necessário ao estabelecimento de uma sólida 'base moral' para a nova África do Sul, de tal forma que o livro de atrocidades pudesse ser fechado e uma nação reconciliada pudesse progredir em harmonia” (Grossman, 2000:10). Assim os crimes por assédio sexual e estupro nos locais de trabalho, o controle racista no fluxo de mão de obra, as doenças ou mortes provocadas no trabalho, a alta mortalidade infantil, a pobreza, o desemprego e a falta de assistência médica, entre outros, não chegam a ser contemplados pelos trabalhos da Comissão, ainda que exista uma relação direta com o apartheid e suas políticas econômicas e de criminalização da classe trabalhadora.

Estes trabalhos trazem para as ciências sociais uma nova frente de estudos. Revelam os usos políticos da memória analisando os acontecimentos da repressão política vivida na história recente da América Latina da África do Sul. Neles, além de um importantíssimo trabalho empírico, achamos um referencial teórico que decorre nas formas como a ciência vem estudando as formas como conhecemos o passado, como ele é trazido para o presente e como ele nos é apresentado.

Nesse sentido, e seguindo a linha das memórias consensuadas, Pollak (1989) faz uma leitura do conceito de memória coletiva de Halbwachs como sendo “potencialmente problemático” ao pretender conciliar a memória coletiva com as memórias individuais através de processos de negociação. Isto se entende quando o autor afirma que em Halbwachs é possível traduzir a ideia de “nação como a forma mais acabada de um grupo” e a “memória nacional como a forma mais completa de memória coletiva” (Pollak, 1989:3).

Esse uso da memória viria colocar na sua relação com a história um caráter não problemático de continuidade, se contrapondo à ideia da condição subterrânea da própria memória, proposta por Pollak (1989), na qual se fala de memórias em plural pertencentes aos marginados e oprimidos que, à margem da história oficial, se mantêm em latência na disputa com a versão oficial/nacional dos fatos históricos.

Seja desde uma postura integradora ou mais confrontativa, não podemos negar a reciprocidade entre história e memória na hora de examinar como esta última tem transformado a prática, não só científica, de fazer e transmitir a história.

2.2. A Memória Individual e a Memória Coletiva

No ato da lembrança a primeira referência sempre vai ser a experiência própria, o primeiro testemunho que vem é o nosso. As lembranças seriam, assim, recursos que nos ajudam a reforçar ou a completar acontecimentos do passado que têm como preâmbulo o próprio passado. Para Lowenthal (1998), o conteúdo dessas lembranças é particularmente pessoal por incluir detalhes pormenorizados aos quais só nós mesmos/as teríamos acesso.

Mas o mesmo autor vai dizer que “o passado é tanto individual quanto coletivo” (Lowenthal, 1998:78) na medida em que as lembranças dos outros auxiliam o trabalho de conservação da memória perante à possibilidade da extinção das mesmas pela ação do esquecimento. Essa natureza intrinsecamente pessoal da memória não só a condena a desaparecer, como a torna pouco confiável. A memória ganha credibilidade quando se apoia na memória dos outros/as.

As possíveis dúvidas sobre a veracidade do passado envolvem outras pessoas, pois muitas de nossas lembranças, que acreditamos pertencer a nossa própria experiência, foram contadas para nós e passaram a formar parte de nossa memória. Essas recordações vindas de outras pessoas sobre acontecimentos que acreditamos ter vivenciado no passado, com frequência se mascaram e aparecem como se fossem nossas.

As lembranças alheias se tornam necessárias para confirmar as próprias e para lhes dar continuidade. Segundo Lowenthal (1998), o compartilhamento do passado o torna mais nítido e estimula sua emergência.

Essa noção de complementariedade entre lembranças, ainda não resolve o caráter coletivo da memória. Para isso trazemos à tona os aportes teóricos de Halbwachs e seu conceito de memória coletiva.

É importante neste ponto entender o que é a memória coletiva para o autor. Em Halbwachs (2012) os indivíduos recordam num meio social determinado ao se colocar na perspectiva do grupo de referência. Assim, o passado é feito de percepções atuais dos eventos partilhados dentro desse grupo.

Para que a lembrança surja não é necessária a presença material e sensível das pessoas que conformam o grupo, segundo Halbwachs (2012:30) “sempre levamos conosco e em nós certa

quantidade de pessoas” com quem se dividem ideias e pontos de vista. Então, para a memória coletiva aparecer é necessário poder pensar e lembrar em função do pertencimento a esse grupo.

Nesta ordem o esquecimento viria a acontecer quando já não se pertence mais àquele grupo, quando não se dividem pontos de vista, quando no presente a distância se ancorou entre o grupo e seus membros.

A ideia de pertencimento a um grupo é chave para entender o conceito de memória coletiva. Para seu ideário, esta é o resultado de um fenômeno social que deve ser entendido como um processo de reconstrução do passado e não a somatória de processos individuais (Ansara, 2009). Neste sentido, o grande aporte do pensador francês radica em outorgar-lhe à memória um caráter social através das estruturas coletivas de lembrança em que ela se torna possível.

Ansara (2009) identifica três elementos importantes da memória coletiva, de modo a compreendê-la na sua relação com a sociedade. Um primeiro elemento são essas estruturas coletivas ou, como o mesmo Halbwachs chama, de “quadros sociais” que representam a uma ou várias correntes de pensamento e que constituem a referência para a memória. Esta ideia foi bem desenvolvida numa publicação do autor com data de 1925 na qual o tempo, o espaço e a linguagem são destacados como quadros sociais e se analisa a construção da memória desde diferentes grupos, entre eles a família, os grupos religiosos e as classes sociais.

Um segundo elemento se refere à função social da memória para a identidade de um grupo. Segundo Ansara (2012) a memória é indispensável para a existência de um grupo, assim como os diferentes grupos funcionam como o principal apoio para a construção da memória. Quando lembramos situamo-nos num grupo que em algum momento da vida nos foi significativo, pois se deram dentro dele identificações que influenciaram o encontro de ideias, valores e símbolos sobre a realidade vivida naquele momento.

A reconstrução do passado que fazemos com dados do presente é o terceiro elemento da memória coletiva que Ansara (2009) destaca do conceito de Halbwachs. Segundo o autor, tomamos elementos atuais para fazer uma constante releitura do passado. Tais releituras são feitas por variados sujeitos e grupos, tantos quanto possíveis. Por isso é que não pode se falar de uma única memória coletiva, sendo que são múltiplas as possibilidades e, portanto, em cada momento de elaboração da mesma, surgem novas combinações para interpretar um mesmo evento do passado.

Fazer memória coletiva é tornar presente o passado do grupo, aquilo que teve lugar na vida desse grupo e que é considerado na hora de lembrar. Podemos assim participar de tantas memórias coletivas como grupos aos que pertencemos.

Se as memórias são múltiplas e elas se ancoram nos grupos sociais de referência, podemos dizer que o tempo da memória não é o tempo cronológico da história, é o tempo social em que o próprio grupo define uma sequência para os eventos e as referências que limitam suas lembranças, tempo esse que se transforma junto com o grupo. Assim, a memória retém o que está vivo na consciência de cada grupo e seu limite é o mesmo que o limite de existência do grupo. (Ansara, 2009).

O caráter construtivo da memória que Ansara (2009) destaca como um dos principais elementos da memória coletiva, constata-se no envolvimento entre as pessoas, e das pessoas com o grupo, condição necessária para que a memória seja reconhecida e reconstruída. A autora aponta que “se a memória desaparece é porque os grupos que dele guardavam a lembrança desapareceram ou deixaram de manter viva essa memória” (2009:72).

A memória entendida na sua dimensão coletiva não pertence a indivíduos particulares, uma vez que repassa as experiências de outros/as que vão influenciar as próprias formas de percepção dos eventos. A memória permitiria, assim, uma “pluralidade de versões do passado” (Ansara, 2009:73).

Neste sentido para Halbwachs a memória individual não é apenas um auxiliar da memória coletiva, os pensamentos e sentimentos mais pessoais aos que referencia uma memória individual têm sua origem em meios e circunstâncias sociais definidas. Esses meios seriam, na proposta teórica do autor, os quadros sociais da memória. (Santos, 2003).

O fato da lembrança acontecer muitas vezes solitariamente não significa que a memória seja um fenômeno individual que envolve só processos cognitivos de recordação. O encadeamento das lembranças, até as mais pessoais, “sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto” (Halbwachs, 2012:69).

Santos (2003) aponta para a dificuldade da proposta de Halbwachs em associar a memória intrinsecamente aos quadros sociais, pois seria o indivíduo quem faz a escolha das “memórias

socializadas disponíveis”. Em comparação com os quadros sociais de Halbwachs e sua importância no processo construtivo da memória, Bartlett deixou também uma grande contribuição a esse processo, destacando que os sujeitos atribuem significados ao mesmo tempo em que constroem a memória. Com isto Santos (2003) quer lembrar do papel fundamental do indivíduo na organização do material para a construção. Nas palavras da autora: “nem a memória é um atributo meramente individual, nem ela é capaz de recuperar um passado original e finito; é necessário associar os fenômenos relacionados à memória a estruturas e práticas sociais intersubjetivas e ocorridas no presente” (Santos, 2003:71-72).

No começo deste capítulo apontamos para os aportes teóricos de pensadores como Halbwachs e Bartlett aos estudos da memória desde as ciências sociais. Embora esses aportes tenham sido fundamentais para pensar a memória na sua dimensão social, Santos não deixa de chamar a atenção para a pertinência de refletir sobre a dicotomia paradigmática desde a qual a psicologia e a sociologia compreenderam o fenômeno da memória: a memória foi pensada ou como ação ou como estrutura (Santos, 2003)

A produção teórica da época atribuiu à memória ou um caráter coletivo ou um caráter individual, diminuindo drasticamente “as influências do passado sobre o presente em suas premissas básicas” (Santos, 2003:72).

Em relação aos autores acima citados, que desde a psicologia e a sociologia influenciaram enormemente a abordagem científica da memória, Santos (2003) faz uma leitura de possíveis origens dessa dicotomia nos princípios essenciais do apriorismo Kantiano, para o qual no processo de construção da memória há uma parte objetiva e outra subjetiva, sendo que a parte objetiva é aquela onde se acumulam os fatos vivenciados anteriormente e a parte subjetiva associada aos processos e “práticas reiterativas de recordação e interpretação do passado” (Santos, 2003:72).

Para Dobles (2009), Halbwachs não chega a resolver a tensão entre o individual e o coletivo na memória e, em resposta às noções homogeneizantes, propõe um intersubjetivismo que problematize o individualismo metodológico nos estudos de memória. Uma proposta de mediação entre o caráter individual e o coletivo da memória pode ser encontrada na abordagem psicopolítica que faz Ansara (2009), nos seus estudos sobre a repressão política e a ditadura brasileira, em que a pesquisadora estabelece uma relação entre memória coletiva e

comportamento político procurando elaborar uma noção de memória que contemple tanto a dimensão coletiva quanto a dimensão individual, sem reduzir o “indivíduo a um agente passivo da vontade coletiva” (Ansara, 2009:43).

2.3. Memória Coletiva e Memória Política

Em seus estudos empíricos sobre memória política, desde a plataforma da Psicologia Social, Soraia Ansara desvenda o caráter político da memória.

Em seu livro intitulado *“Memória Política, Repressão e Ditadura no Brasil”* (Ansara, 2009), a autora explora em profundidade as relações que podem se estabelecer entre memória coletiva e as consciências políticas dos atores e atrizes sociais relacionados direta ou indiretamente com a repressão durante a ditadura brasileira.

Tomando como referência o modelo de pesquisa em memória política, na perspectiva psicopolítica que sugere a autora, é que propomos nesta parte expor as relações estabelecidas por Ansara (2009) para a compreensão da passagem da memória coletiva para uma memória política capaz de ser estudada através do modelo de análise de consciência de Salvador Sandoval (2001), também utilizado por Ansara.

Esse olhar psicopolítico da memória, levado para a realidade histórica brasileira, ajuda a entender, desde outro lugar que não o da história oficial, como diferentes grupos vivenciaram e incorporaram os fatos ocorridos entre os anos de 1964 e 1985, podendo estas experiências serem a gênese de ações políticas transformadoras que falam de uma consciência política forjada nas relações dadas numa dimensão macro, agrupando aspectos da subjetividade próprios da dimensão micro da vida.

Segundo Ansara (2008), a construção da memória política é um processo que se faz por meio da conscientização em um caminho dialético, no qual a memória coletiva veicula a conscientização, e ao mesmo tempo, essa conscientização leva as pessoas a construir memórias no momento presente.

Este processo de conscientização “(...) proporciona a recuperação da memória histórica que é fundamental para a criação de um novo projeto histórico e de um novo sujeito histórico” (Ansara, 2008:32).

Trata-se de uma memória que é coletiva e que fala de uma consciência política de atores sociais que a história oficial não deu voz. Emergem esses atores e emerge a elaboração de um fato político em sua dimensão micro-social. Para Ansara, a articulação dos aspectos micro-sociais com os macro-sociais constitui a essência do estudo da memória coletiva da repressão, e eis aqui uns dos mais importantes aportes da psicologia política à esta discussão.

A autora enfatiza o caráter interativo que existe entre as esferas macro e micro das relações sociais e o caráter compartilhado da memória. Por outro lado, a autora ressalta a importância de entender a consciência política como a inter-relação entre as “*dimensões psicossociais*” (Ansara, 2009:36), e os significados que permitem aos indivíduos tomar decisões em determinados contextos políticos. Como aponta Sandoval (2001), o modelo de análise de consciência política contempla sete dimensões analiticamente diferentes entre si, mas diretamente vinculadas à história social e cultural, às experiências da vida cotidiana, à interação das pessoas com atores políticos e organizações e às influências das instituições políticas, agentes e eventos mais amplos. Como veremos mais adiante.

Essa interrelação que os diferentes autores estabelecem entre as experiências no social e a interpretação no individual, fala de como as condições objetivas de determinado contexto político implicam na vida subjetiva dos diferentes atores sociais.

Para Mirta González (2008), a análise dos processos políticos e seu impacto sobre a subjetividade é o objetivo da Psicologia Política e, segundo a autora, esta disciplina “(...) constituye un interés transversal multidisciplinario” (González, 2008:7), que procura compreender como os processos de organização política afetam as ações, pensamentos e valores das pessoas na sua história particular e coletiva. Desse modo, pensar a dimensão política da memória coletiva se faz estratégico para uma psicologia política libertadora, como propõem autores como Maritza Montero e Ignacio Martín-Baró.

Maritza Montero (1991) fala de modos de fazer psicologia política na América Latina nos últimos trinta e cinco anos. Segundo a autora, desde 1983, vem se consolidando uma prática multidisciplinar orientada à explicação psicológica dos eventos políticos. Prática que não só inaugura um objeto e campo de estudo, mas também a necessidade de elaborar conceitos teóricos e modelos explicativos das correlações entre os fenômenos já tratados pela psicologia e os fatos políticos.

A orientação desta psicologia política latino-americana seria, segundo a autora,

(...) para la denuncia y para la transformación social. Una psicología que al tomar conciencia de su inserción en una peculiar formación económico-social y en un sistema político y económico internacional, se vuelca hacia los problemas, fenómenos y necesidades propios de las sociedades en que surge. (MONTERO, 1991:9)

Desta forma, iremos nos posicionar a partir de uma psicologia política que permite a articulação entre os elementos do universo micro com os elementos do mundo macro da vida, tentando revelar as interações que ali se dão.

A respeito da interatividade entre o social e o individual, Montero (2009) explica como o âmbito político acontece no espaço público, mas terá consequências que podem modificar o espaço privado. Para ella, “Los hechos públicos afectan las vidas privadas, y hechos específicos de estas pueden afectar la vida pública”(Montero, 2009: 6).

Por tanto, a psicologia política permite entender, no nosso caso, as iniciativas organizativas das mulheres como ações políticas de resistência, desde o cotidiano às estruturas de poder dadas pelo contexto político da época. Trazer da memória coletiva estas experiências é um ato psicopolítico, pois é ocupar conscientemente o espaço público, colocar as vozes e ações das cidadãs e dos cidadãos no espaço que a todas e a todos nos é comum. Neste sentido a psicologia política, como aponta Montero (2009), é transformadora na medida em que torna acessível para todos/as participantes de um grupo aquilo que é relativo a seu comportamento coletivo e individual, vinculados às formas de organização social da vida pública e privada, deixando o espaço para a posterior ação consciente.

Esses atores e atrizes emergentes que passam a ser sujeitos da história, ao se perceberem como sujeitos políticos têm a capacidade de ressignificar as experiências e, por meio da construção de uma memória coletiva, passar pelo processo que Silva (2010) descreve como uma reconfiguração das consciências políticas.

Vanessa Carvajal (citada porAndújar, 2010), na sua pesquisa “Ellas son fuerza. Las mujeres mexicanas con familiares detenidos-desaparecidos”, mostra como um grupo de mulheres se encontram no “Coletivo Eureka” para combater as ações e políticas de esquecimento que o governo mexicano tentou instaurar nos anos 70 para passar impunes frente à morte, tortura e desaparecimento daqueles que lhes eram críticos ou suspeitos de sê-lo. O grupo se organizou para denunciar o desaparecimento, sequestro e morte de seus filhos, esposos, irmãos e namorados;

dando lugar assim a ações de denúncia que resultaram, entre outras coisas, em anistia para 1500 presos políticos e o retorno de um grupo de exilados.

Baltonado (2010), no seu trabalho “Memorias de la Lucha Sandinista”, afirma que quando se lembra a longa luta do povo sandinista contra a ditadura somozista, frequentemente invisibilizam-se milhares de protagonistas. Repetem-se sempre os mesmos nomes de personagens que viraram heróis e mártires da pátria.

Os longos silêncios dos marginalizados/as da história oficial sobre o passado, apresentam-se como uma forma de resistência a um excesso de discursos oficiais, desta forma as memórias subterrâneas chamadas por Pollak (1898) de dissidentes, são preservadas nos “quadros familiares, em associações, em redes de sociabilidade política e/ou afetiva” (Pollak 1989:8).

É o grupo que funciona como suporte da memória coletiva, na medida em que ela se mantém viva nos sentidos que os fatos do passado têm para os membros de um grupo. Os grupos de referência tornam-se relevantes na formação de uma consciência que, segundo Silva (2010), se traduz numa memória política que estimula uma consciência política e esta, por sua vez, propicia ações coletivas. Para o autor, “toda consciência de si é social e por ser social pode vir a ser política” (2001:81).

Essa transição do coletivo ao político da memória é possível de se instrumentalizar a partir do modelo de análise de consciência proposto por Sandoval (2001), sendo possível entender analiticamente a formação de uma consciência política e a passagem para a ação coletiva como um fenômeno psicossocial que integra os aspectos micro e macro. Para o autor as relações e estruturas de classe e de poder têm uma função determinante na possibilidade de emergência de diferentes formas de consciência política.

Sandoval (1994) compreende a consciência política como um “conceito psicossociológico” (Ansara, 2009:46), que é possível organizar em modalidades de percepção da realidade social, na qual cada pessoa dá significado às diferentes esferas da vida cotidiana.

A consciência individual, inserida nas esferas que Sandoval (1994) chama de “não problemáticas da realidade rotineira”, pode se manter no senso comum por muito tempo até se ver interrompida por acontecimentos que geram conflito. É neste momento que a consciência é passível de se politizar, quando, segundo Agnes Heller citada por Sandoval (2001), as grandes transformações sociais da história emergem da vida cotidiana e retornam para modificá-la. Para

Silva (2001), a vida cotidiana funciona com um mecanismo de controle social que dificulta o acesso à uma consciência crítica de si. Essa consciência de si seria a condição necessária para que esse sujeito tenha a oportunidade de romper com o cotidiano.

Inicialmente Sandoval (1994) propõe um modelo de análise de consciência política baseado no esquema teórico de Touraine (1966), para quem seriam três as dimensões básicas que compõe a consciência: a identidade, a oposição e a totalidade. Mas para Sandoval faltava um componente importante: a percepção que tem o indivíduo de sua capacidade de intervenção para alcançar seus interesses. Esse componente é por ele chamado de “predisposição para a intervenção” (Sandoval, 1994:68), e é acrescentado ao modelo de Touraine partindo do princípio de que a consciência é um conceito que está intimamente relacionado ao comportamento social e que fala de um compromisso para alcançar os próprios interesses e os interesses de classe. Em 2001, Sandoval amplia o modelo de análise de consciência política descrevendo sete dimensões psicossociais, a saber: Identidade Coletiva, Crenças e Valores Societais, Identificação de Adversários e Sentimentos Antagônicos; Sentimentos de Eficácia Política; Sentimentos de Justiça e Injustiça; Vontade de Agir Coletivamente e Metas de Ação Coletiva. As categorias articulam de modo dinâmico e dialético e seu conteúdo depende de como elas são articuladas na vida cotidiana de cada sujeito individual e coletivo (Silva, 2001, 2008).

Na sequência, passamos a análise de cada uma delas com base nos trabalhos de Sandoval (2001), Silva (2001-2007-2008), Ansara (2009).

2.4.1. Identidade Coletiva

Essa dimensão refere-se ao sentimento de solidariedade por meio do qual o sujeito desenvolve laços interpessoais que levam ao sentimento de coesão social e fazem com que esse sujeito possa se reconhecer como pertencente a uma ou mais categorias sociais e, ao mesmo tempo, poder ser nelas reconhecido. Esse sentimento de pertença gera a sensação de confiança e credibilidade na capacidade do grupo, criando expectativas sobre as consequências de se manter ou quebrar a solidariedade.

A solidariedade gerada pela identidade coletiva, por sua vez, faz com que os sujeitos possam identificar interesses comuns ao grupo, gerando sentimentos de reivindicação coletiva

que dão sentido às metas de ação coletiva e valor à possibilidade de mudança como um benefício individual e coletivo.

Ansara (2009) faz um paralelo entre a identidade coletiva como dimensão da consciência e a importância, em Halbwachs, da identificação para a construção da memória. Para a autora é possível trazer as experiências do passado se o sujeito se coloca sob o ponto de vista de uma ou várias correntes de pensamento coletivo. Segundo Ansara, “(...) O sentimento de unidade cultivado pelos membros que pertencem a um mesmo grupo – e sentem e têm consciência dessa pertença – favorece a recordação” (Ansara, 2009:51). Vale ressaltar que, como aponta Silva (2008), essa dimensão articula as posições de Henri Tagfel (1982) e Alberto Melucci (1996).

2.4.2. Crenças e Valores Societais

Uma segunda dimensão compreende as Crenças e Valores Societais, representações sociais produzidas nas interações e nas experiências nos diferentes grupos de referência, que refletem uma visão de mundo e uma ideologia política. Silva (2008) fala de um diálogo interno que o sujeito estabelece consigo mesmo a partir da experiência de individuação para responder à dinâmica social da qual participa, lugar por excelência da construção e simbolização de conhecimentos e experiências.

A este respeito, Ansara (2009) retoma o caráter ideológico manifesto nos valores, crenças e opiniões que conformam a memória. Uma memória que não é “neutra”, pois no momento da narração deixa-se entrever uma posição política, num determinado contexto sócio-histórico.

Silva (2006) e Ansara (2009), baseados em Sandoval e Heller, estabelecem uma ligação entre a dimensão de crenças e valores com a vida cotidiana, na medida em que é possível, através da espontaneidade do cotidiano, enxergar as crenças e valores que podem ora manter o comodismo e a continuidade alienante, ora provocar uma ruptura dessa continuidade, fazendo da vida cotidiana um processo dinâmico de ressignificação e reinterpretação do cotidiano.

2.4.3. Interesses Antagônicos e Adversários

Essa é a dimensão que refere-se tanto aos sentimentos do indivíduo em relação aos seus

interesses simbólicos e materiais, quanto aos do seu grupo de pertença, em oposição aos interesses de outros grupos. Dimensão importante na identificação de adversários e na mobilização dos indivíduos para a ação coletiva. Segundo Silva (2006) “sem a noção de um adversário visível é impossível mobilizar os indivíduos a agir e coordenar ações contra um objetivo específico, seja este um indivíduo, um grupo ou uma instituição (2006:28)”.

López, Galicia e Solís (2007) lideraram uma pesquisa sobre a memória de dois grupos de mulheres camponesas guatemaltecas em duas comunidades diferentes. As lutas dos dois grupos se legitimava pela conquista da terra para desenvolver atividades de agricultura familiar para cobrir as necessidades básicas de sobrevivência, mas na memória de um a figura repressiva era um militar e, na do outro, era o patrão

Ansara (2009) aponta para a influência que estas duas últimas dimensões descritas podem ter no conceito de memória política, na medida em que esta pode se localizar na disputa entre diferentes versões antagônicas do passado, manifestando a oposição entre interesses simbólicos e materiais de diferentes grupos sociais. Para Pollak (1989) este seria o ponto de tensão entre a história oficial e as memórias subterrâneas que emergem para discutir com as versões estabelecidas e institucionalizadas pelas políticas conciliatórias de esquecimento.

2.4.4. A Eficácia Política

Esta é a dimensão que fala dos sentimentos das pessoas em relação com a sua capacidade de intervir numa situação política. Para explicar este conceito Sandoval (2001) apoia-se na teoria de atribuições de Hewstone, segundo a qual as causas dos acontecimentos nos quais os indivíduos se veem envolvidos podem ser de três tipos: a) os eventos são resultado de forças transcendentais como tendências históricas, desastres naturais e interpretações divinas, provocando uma sensação de baixa eficácia política, que por sua vez gera conformismo e atitudes de submissão frente a situações de injustiça e angústia social; b) uma segunda interpretação é aquela que atribui a responsabilidade na própria determinação da pessoa e de sua capacidade de lidar com uma situação específica. Desde este lugar as ações são individuais e a não resolução é motivo de culpabilização; c) por último, uma terceira interpretação proposta pela teoria da atribuição, coloca o peso nas ações de outras pessoas ou grupos, responsabilizando-os pela origem de situações de

angústia social, acreditando ao mesmo tempo que as próprias ações podem gerar um efeito de mudança da situação, com a transformação da própria condição de vida e dos outros.

Nesse sentido, Silva (2011), aponta para a noção de resistência à dominação-exploração que produz invisibilidades que se materializam em silêncios subterrâneos, na mesma perspectiva de Pollak. Assim, quando indivíduos e grupos invisibilizados se subordinam ou se rebelam a essas formas de dominação-exploração, ocorre um processo de disputa de sentidos quando se enfrentam oficialismos, ou um processo de esquecimento, quando esses indivíduos e grupos são calados. No primeiro caso é claro o papel da eficácia política da ação que é intensificada pelo desejo de reconhecimento e, no segundo, está claro o papel do sentimento de ineficácia política de qualquer ação indicando, inclusive, a perda dos sentidos da memória não oficial que esses indivíduos e grupos já guardaram, já tiveram.

2.4.5. Sentimentos de justiça e injustiça

Essa é a dimensão que compreende as formas como o sujeito percebe a troca na dinâmica da interação social em termos da reciprocidade. Em Silva (2006) e Ansara (2009) se faz menção ao peso dos processos sócio-históricos na constituição de uma relação equilibrada de reciprocidade, que no caso de ser violentada provoca o descontentamento perante uma situação percebida como injusta.

O ato da lembrança pode ser provocado pela busca da justiça e reparação, como é caso das comissões da verdade que vêm trabalhando em diferentes países da América Latina, como uma forma de colocar no debate público as violações aos direitos humanos perpetrados pelos diferentes processos ditatoriais que marcaram o século XIX e parte do XX. As desapareções, as torturas, os assassinatos, a repressão em geral, são elementos que se mantinham até então nas memórias das vítimas e nos arquivos das ditaduras.

Quando se trata de memórias não traumáticas, como é caso desta pesquisa, a busca pela justiça e os sentimentos de injustiça aparecem na memória com o intuito de que determinadas experiências do passado sejam relidas à luz do presente e possam ser reconhecidas como uma outra versão que viria conversão com a história oficial.

2.4.6. Vontade de Agir Coletivamente

Esta é a dimensão que descreve de maneira instrumental a predisposição do indivíduo de se envolver na dinâmica das ações coletivas como uma alternativa de luta para enfrentar as injustiças contra ele cometidas. Ansara (2009), fazendo referência aos estudos de Bert Klandermans, enumera três tipos de valorações das que pode se utilizar o indivíduo para justificar a sua participação coletiva: pode ser por meio de uma relação de custo/benefício da qual depende a lealdade interpessoal e os vínculos resultantes da participação ou não no movimento; a segunda valoração leva em conta a possibilidade de perder ou ganhar benefícios materiais por meio do envolvimento em movimentos sociais; e uma última valoração que antecipa o risco de sofrer danos físicos pelo engajamento em situações determinadas. A defesa da memória coletiva pelo grupo, ou mesmo a sua manutenção, pode resultar dessa categoria, articulada com as demais. O mesmo pode ocorrer quando há o esquecimento pelos indivíduos e grupos, seja perante a vontade de agir coletivamente, seja porque se perde a vontade de agir coletivamente para manter a transmissão de lembranças que mantém o grupo e sua identidade.

2.4.7. Metas de Ação Coletiva

Essa dimensão da consciência política analisa a correspondência entre as metas do movimento, as suas estratégias de ação e os próprios sentimentos de eficácia, de injustiça e de interesses, sempre a partir da percepção do sujeito. Aqui se mede a relação entre as metas e propostas empreendidas pelos movimentos e suas lideranças em relação com o adversário, e com os próprios interesses materiais e simbólicos. Estas propostas de ação coletiva devem estar em harmonia com as expectativas do sentimento de eficácia política dos sujeitos.

As metas de ação coletiva podem ser importantes para a organização de ações de resistência perante a oficialismos e políticas de memória, mas também na hora de se impor políticas de esquecimento.

Mesmo que esta proposta de sistematização do conceito de consciência política a entendamos como uma consciência de um sujeito particular em uma realidade determinada, o autor não deixa de dar a importância merecida à ação coletiva como mecanismo para a

transformação social, que viria após um processo individual de revisão e questionamento da ordem social. Tal processo, por ser individual, o que não quer dizer que seja de forma solitária, pois é no encontro com o outro – que pode ser coletivo – que o sujeito pode se pensar e dar o salto fora do cotidiano para perceber espaços possíveis para a ação.

A memória permite estudar os processos de individuação e a eventual passagem para a ação coletiva, e o modelo de análise de consciência política aqui apresentado, auxilia como uma guia para entender essas ações individuais e grupais como formas de participação política. Desta forma, e como aponta Ansara (2009), estaríamos falando de uma memória que é coletiva e que é passível de ser politizada.

Damos lugar assim a eventos do passado que por não ser objeto de estudo da História escrita, não foram legitimados como parte da história política recente, no caso desta pesquisa, da América Latina.

3. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Seguindo a linha de pesquisa traçada por Ansara (2001-2009), nos seus trabalhos de memória política, apresentamos neste capítulo o percurso metodológico no processo de construir junto com um grupo de mulheres costarriquenhas e nicaraguenses a memória coletiva de ações políticas de solidariedade no contexto da ditadura militar Somozista, visto que entendemos que a memória política é um desdobramento da memória coletiva, ou seja, quando esta está focalizada nos fenômenos políticos, ou mesmo, quando as recordações de sujeitos ou grupos se dão a partir do olhar da política ou de um olhar politizado.

A partir de um enfoque psicopolítico, pretendemos mostrar como essa memória que é coletiva é passível de ser politizada quando olhada à luz do modelo de análise de consciência política de Salvador Sandoval (2001-2011). Assim, mostramos os elementos que aparecem na consciência política das mulheres como resignificações do passado, entre eles, como se organizaram em contextos de repressão, os lugares de participação política em solidariedade com a Nicarágua e o que as levou a se solidarizar com a causa da revolução sandinista.

Partimos do pressuposto de que muitas destas lutas se gestaram na clandestinidade e aconteceram nos períodos em que a repressão endureceu. A frente de luta armada começa a se organizar em 1961. A revolução triunfa em julho de 1979. Na nossa pesquisa focamos no último ano da ditadura, momento em que a resistência armada encontra-se bem articulada e a comunidade internacional, que já vinha prestando atenção para a situação na Nicarágua, articula o trabalho de solidariedade.

É importante esclarecer que o foco é a memória de um grupo de mulheres sobre um período da história política da Nicarágua, não o próprio período. O que nos interessa é identificar nas memórias a constituição dessas mulheres como sujeitos políticos que, desde o cotidiano, se engajaram em diferentes frentes para participar e apoiar o processo revolucionário sandinista.

A memória para prevalecer precisa de ser transmitida. A indiferença cruel dos tempos presentes para as narrativas das e dos marginalizadas/os reflete-se nas políticas de esquecimento por meio das quais se têm instaurado uma verdade sobre os eventos políticos da história recente da América Latina, que é a que neste trabalho colocamos em questão.

A História como disciplina, na sua versão hegemônica, auxilia na conservação de uma

ordem social (Delgado, 2010) pela aplicação de um “arsenal científico”. Mesmo que, segundo Nora (1984), estabeleceu uma memória verdadeira ancorada numa história feita de narrativas lineares com ordem lógica difícil de ser questionada e fácil de ser reproduzida.

A indiferença para saber do passado político recente é o reflexo de uma sociedade que tem assumido como próprios os discursos sobre os eventos políticos construídos pelos governos pós-ditatoriais.

No primeiro capítulo desta dissertação concentramo-nos na história política da Costa Rica e da Nicarágua. No caso costarricense vimos como construiu-se uma imagem de país baseada numa suposta democracia cujas bases são processos políticos de pacificação. Em contraposição a uma Nicarágua marcada por uma ditadura. Uma imagem que reflete o ideal de país, a outra, tudo o que deve ser evitado. Assim, hoje, uma parcela da sociedade costarricense recusa qualquer traço relacionado com o ser nicaraguense, como resultado das “estrategias de homogenización y heterogenización” que direcionam o que deve ser expulso e o que deve ser incorporado ao imaginário social do “ser constarricense”. (Dobles et al, 2012:57)

Esses processos de inclusão/exclusão como aponta Dobles e colab. (2012), acabam por instaurar silêncios, atropelando as lembranças de uma época específica da história política da América Central, quando se deram processos de participação política em solidariedade com o povo nicaraguense.

As narrativas das mulheres que participaram deste trabalho cobram relevância pois, perante à “incompreensão e a surdez coletiva” (Rovai, 2013:130), elas contradizem os discursos sobre um passado supostamente morto e sobre o qual não é necessário voltar.

Neste sentido Rovai (2013) aponta para a falta de comunidades de conhecimento dispostas a escutar as comunidades de narradoras/es, a reconhecer sua presença e a compartilhar sua história. Aparece aqui o/a “oralista” que, na sua labuta de mediador/a, colabora com a ampliação do debate sobre os silêncios instaurados pela “sistemática opressão política e social” (Rovai 2013:132).

Com este trabalho quisemos, então, trazer as narrativas sobre solidariedade com o intuito de dar visibilidade a ações políticas de mulheres em contraposição a uma versão que não lhes deu lugar na história, e que silenciou uma época de solidariedades entre povos.

Desta feita, para atingir os objetivos que foram propostos nesta pesquisa, traçamos o

seguinte caminho metodológico: primeiro foi feito um levantamento de referências bibliográficas sobre os principais acontecimentos na história política recente da Nicarágua e da Costa Rica, com o intuito de contextualizar os relatos das mulheres que participaram do processo coletivo de construção de memórias de solidariedade. Ao mesmo tempo foi feita a revisão bibliográfica e pesquisa documental sobre a questão da memória. Em seguida foi elaborada uma guia de entrevista para coletar os relatos e passou-se ao trabalho de campo, desenvolvido na Costa Rica e na Nicarágua. Para, finalmente, realizar as análises a partir do material coletado.

3.1 Revisão bibliográfica e construção de um corpo teórico

A partir do olhar da Psicologia Política é que buscamos construir nosso trabalho. Esse ponto de partida possibilitou-nos a construção de uma análise interdisciplinar da realidade vivida por aquelas mulheres. Desde este olhar pudemos analisar os impactos dos processos políticos sobre a subjetividade das entrevistadas e pensar como possíveis rupturas com o cotidiano influenciaram transformações profundas nas suas próprias realidades.

Foi necessário traçar um caminho não linear, mas coerente, dos possíveis desdobramentos teóricos da memória. Começamos por algumas contraposições entre memória e história, para passar depois às relações entre a memória individual e a memória coletiva, encerrando com o processo de politização da memória, bem como podemos pensar relações e vinculações entre a memória política e a consciência política. Em paralelo trouxemos pesquisas empíricas que apoiaram aquilo que a teoria ia apresentando-nos.

3.2. Coleta de dados por meio de entrevistas

Foram realizadas entrevistas individuais em profundidade de tipo semi-estruturada com um grupo de mulheres da Costa Rica e outro da Nicarágua, sem com isto pretender fazer um estudo de tipo comparativo. Com este tipo de instrumento procuramos provocar a fala para que as entrevistadas produzissem o discurso que, depois, seria a base das nossas análises. As entrevistas foram gravadas com prévia autorização das participantes e transcritas literalmente para conservar íntegros os materiais de análise no processo da pesquisa. O contato com as mulheres participantes

foi feito por meio de indicações de mulheres que já tinham sido localizadas por sua relação com partidos políticos, organizações sociais ou por indicação de pessoas conhecidas.

A entrevista em pesquisa qualitativa constitui o aprofundamento nas vivências e recordações de uma pessoa por estímulo de outra que pesquisa e tem interesse em temas delimitados pelos objetivos da pesquisa (Fernández, sem data). Esta deve se dar sob o princípio dialógico em que as pessoas participantes são equivalentes e produzem um diálogo em condição de iguais. Segundo Fernández (sem data): o entrevistador

viene a ser un hilo presencial casi invisible, atento, "incorpóreo" y un excelente escucha de la descripción intensa de los recuerdos que vuelven a ser vividos desde el presente. Se constituye en una observación indirecta, es decir "...esa forma de observación en la que el observador no percibe en realidad los fenómenos sociales dados, sino que depende de personas que han experimentado u observado directamente esos hechos para reconstruirlos para él (Sjoberg Nett, 1980: 225 em Fernández, sem data).

Com este encontro mediado pela entrevista quisemos obter dados subjetivos que constituem uma “representação da realidade: ideias, crenças, maneiras de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir, maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos” (Minayo, 2006:65). Dimensões estas que atravessam a memória das pessoas e refletem ideologicamente, podendo ser estudadas no seu conjunto como formas de comportamento político.

A entrevista de tipo semiestruturada pressupõe a utilização de um roteiro com perguntas que permitam discorrer abertamente acerca de questões propostas no conjunto de conceitos fundamentais a todas as faces do projeto, sem tentar limitar e conduzir a fala, neste caso, das mulheres que participaram da pesquisa (Minayo, 2009).

A coleta de dados por meio de entrevista justifica-se em três situações pontuais:

1. Existem versões diferentes da história oficializada;
2. Elabora-se uma “outra história” com base em documentos efetuados para circunstâncias em que a interdição não permitiu registros ou apenas gerou um tipo de registro;
3. Estudos de memória, construção de identidade e formulação de consciência comunitária”. (Sebe & Holanda, 2007:24).

Com este instrumento conseguimos contribuir à construção das memórias de um período histórico que ainda não tinham sido socializadas fora dos grupos nos quais elas se constroem. Relatos que falam da subjetividade, das representações de mundo de mulheres que viveram em

uma época de repressão militar. A condição de mulher das colaboradas pode nos apresentar um panorama com elementos além do que já foi documentado.

3.3. A experiência do campo

Foram realizadas no total 23 entrevistas, das quais 13 foram selecionadas para fazer parte das análises. Dessas mulheres entrevistadas 8 são costarriquenhas e 5 são nicaraguenses. Vale destacar, que uma das mulheres do grupo das nicaraguenses mora na Costa Rica desde os 16 anos e, do grupo costarriquenho, uma delas se mudou para a Nicarágua no momento posterior ao triunfo da revolução sandinista (julho de 1979), onde morava até o momento da entrevista.

O critério para selecionar essas 13 entrevistas foi o fato das mulheres terem participado de ações de solidariedade em apoio ao povo nicaraguense, tanto na Costa Rica quanto na Nicarágua. As 10 entrevistas não incluídas nesta pesquisa foram realizadas com mulheres que participaram de ações de solidariedade relacionadas ao processo da revolução sandinista em outros países, como a Alemanha e a Espanha; que participaram na Costa Rica da solidariedade com outros países em guerra, como El Salvador; e mulheres nicaraguenses que participaram da resistência na Nicarágua, mas sem vínculos com a Costa Rica.

As entrevistas foram realizadas na Nicarágua e na Costa Rica pela necessidade de aprofundar o contato e criar uma relação de confiança com as mulheres, para que se sentissem seguras em dividir suas memórias conosco. O contato com as mulheres se estabeleceu por via telefônica e por referência de pessoas conhecidas que durante a época da ditadura somozista tiveram alguma proximidade com o processo político nicaraguense. As pessoas que colaboraram para ativar a cadeia de referências na Costa Rica estavam, na época, vinculadas ao Partido Vanguardia Popular ou ao Partido Socialista. Ao mesmo tempo as próprias mulheres entrevistadas indicaram outras mulheres para também serem entrevistadas. Ao final tivemos uma rede que articulou relações entre as mulheres da Costa Rica entre si e com algumas da Nicarágua.

O fato de ter pessoas próximas que participaram diretamente da solidariedade da qual se fala neste texto facilitou a busca e, literalmente, abriu as portas das casas das entrevistadas. Na Nicarágua, o trabalho de encontrar as mulheres foi mais difícil, o tempo previsto de estadia no

país teve que ser prorrogado para completar o trabalho de coleta das narrativas e de revisão bibliográfica.

As entrevistas foram, na sua maioria, realizadas nas casas das entrevistadas, a exceção de uma que solicitou a realização num outro local. Todas as entrevistas foram gravadas com prévia assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participar da pesquisa de maneira voluntária e anônima, permitindo o registro da fala e autorizando o uso do material nas análises. Dito documento encontra-se no anexo 1. O mesmo foi adaptado do modelo de “Consentimento Informado” da Escola de Psicologia da Universidade da Costa Rica, Versão FCI – Aprovado na Sessão do Comitê Ético Científico (CEC) No. 149, realizada em 4 de junho de 2008.

As 13 entrevistas foram transcritas na íntegra para garantir a fidelidade das narrativas das mulheres entrevistadas e, na hora de fazer as análises, facilitar o acesso às diversas memórias compartilhadas. Como algumas das entrevistadas apresentaram preocupações de que seus nomes fossem expostos publicamente, os nomes usados aqui neste trabalho são fictícios, visando proteger a identidade de cada uma delas.

No decorrer do processo de pesquisa, tivemos vários encontros com as narrativas. O primeiro encontro se deu no momento na transcrição, depois na formatação e organização do material por categorias (correspondentes aos objetivos específicos) para uma pré-análise, e por último, na análise propriamente dita. Cabe mencionar que, por recomendação da banca de qualificação, auxiliamos-nos nas narrativas para a construção do capítulo I que trata sobre a história política da Nicarágua e da Costa Rica. Desta forma a história é contada também pelas mulheres que foram entrevistadas.

Antes de apresentar a cada mulher entrevistada, gostaríamos de mostrar uma tabela em que as perguntas da guia de entrevista foram organizadas em relação aos objetivos específicos propostos para atingir o objetivo geral: construir desde a experiência de um grupo de mulheres da Costa Rica e da Nicarágua, a memória coletiva de ações políticas de solidariedade no contexto do fim da ditadura militar somocista. O instrumento foi elaborado em espanhol por ser esta a língua nativa de todas as entrevistadas.

Tabela 1- Guia de entrevista semiestructurada.

Objetivo Específico 1	Construir la memoria de las experiencias de participación política en acciones de solidaridad en el contexto de la dictadura militar somocista.
	<p>1.1. ¿Para usted qué es la política?</p> <p>1.2. ¿Dónde y de qué maneras considera usted que se manifiesta la política?</p> <p>1.3. ¿Cómo se relaciona usted actualmente con la política?</p> <p>1.4. ¿Hay diferencias entre el actuar político de los hombres y el de las mujeres? (Cuáles)</p> <p>1.5. ¿Hay semejanzas?</p> <p>1.6. ¿Cuándo se dio cuenta de que había una dictadura en Nicaragua?</p> <p>1.7. ¿Qué hacía usted durante ese periodo?</p> <p>1.8. ¿En esa época usted participaba políticamente?</p> <p>1.9. ¿La dictadura somocista afectó su vida? ¿Cómo y cuándo lo percibió?</p> <p>1.10. Cuénteme cómo transcurría un día de su vida durante la época de dictadura.</p> <p>1.11. ¿Cuál era su opinión con respecto al régimen militar somocista durante la dictadura?</p> <p>1.12. ¿En los tiempos de dictadura somocista, qué pensaba usted sobre el Frente Sandinista de Liberación Nacional y su proyecto revolucionario?</p> <p>1.13. ¿En su opinión qué llevó a que en Nicaragua se instaurara un régimen militar dictatorial?</p> <p>1.14. ¿Qué estaba pasando en Costa Rica durante la dictadura militar somocista?</p> <p>1.15. ¿Para usted cómo eran las relaciones entre Costa Rica y Nicaragua durante la dictadura somocista?</p> <p>1.16. ¿Cómo se posicionó Costa Rica frente a la dictadura somocista?</p> <p>1.17. ¿Y frente a la revolución sandinista?</p> <p>1.18. ¿Qué sectores de la sociedad costarricense apoyaba directamente al Frente Sandinista de Liberación Nacional?</p> <p>1.19. ¿Qué sectores de la sociedad costarricense apoyaba directamente la dictadura somocista?</p> <p>1.20. ¿Para usted es importante recordar este pasado? ¿Por qué?</p> <p>1.21. En su opinión ¿Las personas que vivieron la época de la dictadura en Nicaragua conversan hoy sobre ese pasado?</p> <p>1.22. ¿Cómo se habla actualmente de la época de dictadura? ¿Qué se dice?</p>

<p>1.23. ¿Se menciona la participación de mujeres en el proceso revolucionario que se dio en Nicaragua durante el siglo pasado?</p> <p>1.24. ¿Daniel Ortega fue una figura importante de la revolución sandinista, en su opinión cómo se relaciona actualmente su gobierno con ese pasado?</p> <p>1.25. ¿La revolución sandinista tiene actualmente alguna influencia en la vida social y política de América Central?</p>	
<p>Objetivo específico 2</p>	<p>Identificar las características de las mujeres de ambos países y las formas de participación en contextos de represión militar para participar en acciones políticas de solidaridad.</p>
	<p>2.1. Dentro de esos sectores que apoyaban el proyecto revolucionario ¿Había mujeres que se destacaban? ¿Quiénes eran esas mujeres?</p> <p>2.2. ¿De qué formas las mujeres apoyaron el proyecto revolucionario?</p> <p>2.3. ¿Cómo eran las mujeres que se organizaban para apoyar la revolución? ¿De qué sectores de la sociedad provenían? ¿Eran pobres, ricas, habían estudiado? ¿De dónde provenían: del campo de la ciudad, de la costa? ¿Eran blancas, negras, indígenas? Eran migrantes? ¿Tenían filiación partidaria?</p> <p>2.4. ¿Cómo hacían las mujeres para organizarse y apoyar el proyecto revolucionario?</p> <p>2.5. ¿Sus acciones de apoyo a la revolución afectaron sus relaciones familiares?</p> <p>2.6. ¿Cuáles son sus recuerdos más importantes de ese periodo? ¿Por qué ellos son importantes?</p> <p>2.7. ¿Qué pasó con las mujeres que apoyaron la revolución sandinista una vez que triunfó la revolución?</p> <p>2.8. ¿En su caso particular, una vez que cayó Somoza continuó vinculada a la política?</p>
<p>Objetivo específico 3</p>	<p>Detectar los lugares de participación política de las mujeres que participaron de acciones de solidaridad en Costa Rica y en Nicaragua, en el contexto de la dictadura militar somocista.</p>
<p>3.1. ¿Dónde se encontraba durante la dictadura somocista?</p> <p>3.2. ¿Cuáles eran los lugares de encuentro para conversar sobre lo que pasaba en Nicaragua?</p> <p>3.3. ¿Había mujeres entre quiénes frecuentaban esos lugares?</p> <p>Preguntas para mujeres nicaraguenses⁸</p>	

⁸ As perguntas foram adequadas segundo a nacionalidade e o local de atuação militante dessas mulheres. Salvo no caso de uma das mulheres nicaraguenses que migrou na adolescência para a Costa Rica, onde morava até o momento

- 3.4. ¿Qué relación tenía con gente de Costa Rica en la época de dictadura somocista?
- 3.5. ¿Por qué las personas en Costa Rica se vinculaban a las luchas nicaraguenses contra la dictadura somocista?
- 3.6. ¿Por qué cree usted que las personas de Nicaragua viajaban a Costa Rica?
- 3.7. ¿Por qué se trasladó a Costa Rica?
- 3.8. ¿Durante su estancia en Costa Rica, participaba de encuentros para discutir sobre lo que pasaba en Nicaragua durante la dictadura?
- 3.9. ¿Por qué cree que las mujeres costarricenses luchaban contra Somoza?
- 3.10. ¿Qué querían para Costa Rica estas mujeres?
- 3.11. ¿Hablaban de política? ¿Cuáles eran los temas prioritarios?
- 3.12. ¿Cuáles eran sus ilusiones?
- 3.13. ¿Qué riesgos corrían por sus ideales?
- 3.14. ¿Y usted, corría riesgos por apoyar el proyecto revolucionario sandinista?
- 3.15. ¿Y actualmente? ¿Tiene contacto con ellas? ¿Sabe que están haciendo?
- 3.16. ¿Podría contarme sobre una acción específica de solidaridad?

Preguntas para mujeres costarricenses

- 3.17. ¿Qué relación tenía con gente de Nicaragua durante los tiempos de la dictadura somocista?
- 3.18. ¿Por qué cree usted que algunas personas que apoyaban el proyecto revolucionario sandinista venían a Costa Rica?
- 3.19. ¿Había mujeres entre esas personas que venían a Costa Rica?
- 3.20. ¿Por qué cree que esas mujeres luchaban contra Somoza?
- 3.21. ¿Cómo eran percibidas dentro del sandinismo? ¿Qué lugares ocupaban en el proyecto revolucionario?
- 3.22. ¿Qué querían para Nicaragua estas mujeres?
- 3.23. ¿Hablaban de política? ¿Cuáles eran los temas prioritarios?
- 3.24. ¿Cuáles eran sus ilusiones?
- 3.25. ¿Qué pensaban hacer después de la caída de Somoza?
- 3.26. ¿Qué riesgos corrían por sus ideales?
- 3.27. ¿Y usted, corría riesgos por apoyar el proyecto revolucionario sandinista?
- 3.28. ¿Y actualmente? ¿Tiene contacto con ellas? ¿Sabe que están haciendo?
- 3.29. ¿Y usted, viajó a Nicaragua durante la dictadura somocista?
- 3.30. ¿Podría contarme sobre una experiencia específica de solidaridad?

Perspectivas futuras

1. ¿Ve usted esa memoria de la dictadura y de la revolución presente entre las nuevas generaciones?
2. ¿Cuál fue el papel de las mujeres nicaragüenses que apoyaban al FSLN durante la dictadura somocista?

3. ¿Cuál fue el papel de las mujeres costarricenses que simpatizaban con el sandinismo durante la dictadura somocista?
4. ¿Cómo ve usted el pasado, el presente y el futuro de las relaciones políticas entre Costa Rica y Nicaragua?
5. ¿Qué cosas cree que son importantes no olvidar de esa época?
6. ¿Cuál sería su mensaje para las mujeres y los hombres jóvenes de hoy en día?

Neste roteiro que acabamos de apresentar não aparecem os itens relacionados às informações básicas de cada entrevistada. Na seguinte tabela mostramos esses dados, que foram sistematizados a partir das entrevistas. A ordem em que são apresentadas corresponde à ordem em que foram entrevistadas.

Tabela 2-Perfil das mulheres entrevistadas.

Nome	Perfil
1. Piedad, 75 anos, costarriquenha.	Piedad identifica-se como descendente de índios. Nasceu num pequeno bairro na capital da Costa Rica. Seu pai era comerciante, sua mãe empregada doméstica. Cresceu com os pais e mais cinco irmãos. Filha de família pobre, começou a trabalhar aos 9 anos para ajudar a economia familiar, o que fez com que não conseguisse concluir os cinco anos do ensino médio, fazendo apenas até o terceiro ano. Teve quatro filhos. Trabalhou com o partido comunista e vinculou-se à Frente Sandinista de Libertação Nacional. Quando triunfou a revolução, se mudou para Nicarágua para trabalhar com o projeto revolucionário. Morou na Nicarágua até o ano de 1990 e voltou para a Costa Rica. Atualmente dedica-se à venda informal de comida na sua casa.
2. Yamileth, 68 anos, costarriquenha.	Nasceu num bairro da periferia da capital. O pai, de família camponesa, migra para a cidade e passa a trabalhar como operário para uma instituição do Estado. Sua mãe era empregada doméstica, oriunda da cidade. Cresceu com os pais e mais 5 irmãs e 3 irmãos. A pobreza da família a levou a deixar o ensino médio para trabalhar e ajudar a sustentar a família, sem

	oportunidade de voltar a estudar. Casou-se muito nova e teve 6 filhos. Vinculou-se ao Partido Comunista, especificamente com sua ala feminina, que ganhou autonomia e é hoje uma das organizações de mulheres com maior trajetória na Costa Rica. Atualmente continua trabalhando nela como diretora executiva.
3. Luisa, 52 anos, nicaraguense.	Nasceu numa família de origem operária. Seu pai era contador e funcionário do Partido Socialista da Nicarágua. Seu único irmão foi sequestrado, torturado e assassinado pela Guarda Nacional. Entrou na universidade para estudar psicologia e ali se vinculou ao movimento estudantil. Foi eleita presidenta da associação de estudantes e no mesmo ano foi presa pela Guarda Nacional. No movimento estudantil teve as primeiras aproximações com a Frente Sandinista de Libertação Nacional. Pela sua militância nela foi exilada na Costa Rica, onde se vinculou ao Partido Comunista; seu trabalho era buscar apoio internacional. Chegou a ministrar aulas na Universidade da Costa Rica. Atualmente está aposentada e é colaboradora do Partido Frente Sandinista de Libertação Nacional.
4. Lia, 56 anos, costarriquenha residente na Nicarágua.	Nasceu no México, mas foi criada na Costa Rica. Oriunda de uma família de classe média, começou a se vincular à política desde o ensino médio. Na universidade entrou na faculdade de medicina, onde se vinculou ao movimento estudantil. Nesta mesma época começou a colaborar com o Partido Comunista, em processo de formação política. Antes, em 1972, viajou à Nicarágua para participar das brigadas de resgate das/os sobreviventes do terremoto de Manágua. Formou-se como médica e colabora com o FSLN na fronteira norte, dando atenção médica em hospitais improvisados. Uma vez que triunfou a revolução, mudou-se para a Nicarágua e trabalha com o Ministério da Saúde. Atualmente trabalha na Nicarágua numa organização não governamental.
5. Marta, 65 anos, nicaraguense.	Nasceu numa família de classe média-alta. Durante sua infância morou em vários países da América Central, pois seu pai era engenheiro e trabalhava na construção da estrada Panamericana. Estudou em centros de ensino médio particulares, especificamente aqueles católicos que, nas décadas de 60 e 70, foram muito

	<p>influenciados pela teologia da libertação. Na universidade estudou Ciências Sociais e posteriormente fez pós-graduação na Costa Rica e nos Estados Unidos. Casou-se muito nova e com 22 anos já tinha três filhos. Separou-se e casou-se de novo, completando a família com mais dois filhos. Envolveu-se com a política desde a época do ensino médio. Morou um tempo no Panamá, onde se aproximou do Partido Comunista, na área de promoção cultural, e fez os primeiros contatos com o FSLN. Nesse momento percebeu que uma ditadura estava tomando conta da Nicarágua e, com apoio do FSLN, se mudou para Costa Rica para estudar no CSUCA (Conselho Superior Universitário Centro Americano, centro de referência da época em formação de pensamento de esquerda). Atualmente está aposentada e trabalha numa organização não governamental.</p>
6. Fernanda, nicaraguense.	<p>Fernanda identifica suas origens numa família tradicional de classe alta. O pai era advogado, a mãe uma mulher privilegiada que a diferencia de muitas mulheres da época, conseguindo sair do país para estudar uma carreira técnica. Cresceu com a família extensa do lado materno e foi enviada para estudar em centros de ensino particulares, onde no secundário teve contato com freiras adeptas à teologia da libertação. Nesse momento vinculou-se à juventude católica, com quem fez trabalho comunitário voluntário. Foi enviada aos Estados Unidos para estudar, de onde decide regressar antes do previsto perante a situação na Nicarágua. Nesse momento começou a colaborar com a FSLN e depois de um sequestro comandado pela resistência armada, no qual esteve envolvida, foi enviada à Costa Rica, de onde continua colaborando com a Frente. É formada em Sociologia e trabalha para uma organização social na Nicarágua.</p>
7. Leonida, 63 anos, nicaraguense.	<p>Leonida vem de uma família tradicional da cidade de León, de classe média que, segundo ela, não questionava a ditadura. Filha de uma mãe dona de casa e um farmacêutico, cresceu na casa da avó materna, junto com mais três irmãs. Fez o ensino básico e o fundamental em escolas católicas particulares. Na universidade envolveu-se com a juventude católica e com o movimento revolucionário, por influência de</p>

	<p>colegas que já formavam parte da incipiente FSLN. Passou à clandestinidade com 19 anos. Saiu da Nicarágua e se exilou no Chile, onde a ditadura de Pinochet a obriga a se refugiar na Costa Rica. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Na Costa Rica fez uma licenciatura em Sociologia no extinto CSUCA. No exílio se envolveu com a solidariedade com a Nicarágua, junto com outras/os exiladas/os. Ministrou aulas na Universidade da Costa Rica e voltou para a Nicarágua quando a revolução sandinista triunfou. Atualmente é deputada pela FSLN no Parlamento Centro Americano (PARLACEN).</p>
8. Estrella, 58 anos, nicaraguense residente na Costa Rica.	<p>Estrella nasceu no ocidente da Nicarágua, mas cresceu no sul do país. A mãe era dona de casa e o pai era agente de alfândega. Entre os 9 e os 10 anos sua família se viu obrigada a migrar a uma comunidade fronteira com a Costa Rica pela perseguição que o pai sofreu por seu envolvimento com sindicatos. Casou-se aos 16 anos com um costarriquenho, filho de militante do partido comunista. O sogro é quem a levou para o partido, onde acaba envolvida com a militância de esquerda no país. Envolveu-se com a FSLN pela influência de um padre espanhol que colaborava com o grupo. No último ano da ditadura passou à clandestinidade e se tornou responsável pela logística da frente armada do sul da Nicarágua. Teve três filhos. Atualmente é aposentada e mora na Costa Rica.</p>
9. Clara, 60 anos, costarriquena.	<p>Nasceu e cresceu no centro da capital. O pai, que morreu cedo, era advogado. A mãe, dona de casa, teve de criar os filhos administrando uma pensão na própria casa. Segundo ela foi o avô materno, militante do partido reformista dos anos 20, o responsável por sua politização. Estudou em escolas particulares, sendo a secundária numa instituição católica administrada por freiras progressistas dos Estados Unidos. Na universidade estudou psicologia e ali se envolveu com o movimento estudantil de orientação de esquerda e, em seguida, passou a militar no partido comunista. Em 1975 se mudou para Cuba junto com seu companheiro, onde participou de processo de formação, não militar, mas sim de inteligência. Na Costa Rica trabalhou em instituições de formação superior e teve</p>

			três filhos. Atualmente está aposentada.
10.	Marcela, costarrriquenha.	60 anos,	Oriunda da zona sul da Costa Rica, o pai trabalhador das plantações de banana, a mãe dona de casa. Migrou para a cidade com 13 anos para trabalhar e fazer o ensino fundamental. Estudou em instituições públicas. Formou-se em enfermagem e obstetrícia graças a uma bolsa de uma instituição do Estado. Passou a trabalhar num hospital público. Voltou com três filhos para a zona sul, onde nasceu a quarta filha e onde trabalhou também num centro público de saúde. Começou a se envolver com o partido comunista na época do colegial. O primeiro contato foi com a juventude comunista que militava no partido. Segundo ela, mantém até hoje uma grande simpatia pelos companheiros do partido. Quando seus filhos e filhas cresceram migrou de novo para a capital, trabalhando em cargos administrativos no sistema hospitalar. Atualmente está aposentada.
11.	Georgina, costarrriquenha.	68 anos,	Georgina nasceu no norte do país, mas com poucos anos de idade a família migrou para um povoado da capital por problemas de saúde da mãe. Esta era professora de ensino básico, mas as necessidades de saúde de uma das filhas a obriga a ficar em casa. O Pai era fazendeiro, cuidava do gado e cultivava a terra. Fez o ensino básico em escola pública, começou o ensino fundamental numa instituição pública também, mas o concluiu num centro de ensino particular de freiras. Ali teve contato com freiras não tradicionalistas, que lhe mostraram outras formas de pensamento. Entrou na universidade e passou por diferentes áreas até que concluiu a graduação em filologia. Nessa época envolveu-se com o movimento estudantil, particularmente com a juventude comunista. Foi a primeira mulher a participar da Federação de Estudantes. Aproximou-se do movimento cristão vinculado à doutrina social da igreja e passou trabalhar numa instituição de ensino superior como tradutora de textos bíblicos. Isto a fez estudar teologia, passando depois a dar aula na escola de teologia. Aposentou-se como diretora da mesma. Atualmente está envolvida na sua comunidade em processos de formação política.
12.	Blanca, costarrriquenha.	60 anos,	Blanca é filha de migrantes que saíram da sua cidade para a capital em procura de melhorar suas condições

	de vida. Cresceu com mais 5 irmãs e 2 irmãos. Tanto a mãe quanto o pai dividiam a rotina de criação das filhas e dos filhos com trabalho e estudo, o que os possibilita concluir estudos no nível superior. Com 27 anos e três filhos aproximou-se do partido comunista, em que militou e se envolveu com a solidariedade com a Nicarágua. Atualmente dedica-se a atividades de comércio de peças de arte.
13. María, 57 anos, costarrriquenha.	Maria nasceu no meio rural, do qual migrou junto com a família para a capital aos 5 anos. O pai era agente de vendas e a mãe professora de ensino básico. Por conta do alcoolismo do pai, em determinado momento a mãe assumiu a criação dos/as filhos/as. Fez o ensino básico num centro de ensino público e o ensino fundamental num centro particular católico. Entra na universidade pública e se formou em psicologia. Envolveu-se em política desde o colegial, participando dos governos estudantis. Já na época da universidade participou de mobilizações organizadas pelo movimento estudantil e se aproximou de militantes do partido socialista e comunista sem militar neles. Na Costa Rica participou dos atos públicos de solidariedade com a Nicarágua e quando triunfou a revolução sandinista viajou para o país, onde ficou um ano trabalhando com as comunidades em processos socioculturais. Nesse momento se vinculou com o M19, viajou para a Colômbia e foi presa, ficando neste estado por dois anos. Atualmente trabalha numa instituição do Estado.

3.4. Procedimento para a análise das entrevistas

Para o Halbwachs (1990), a construção da memória, o que ele chama de uma memória coletiva, consiste numa resignificação de eventos do passado com sentidos para um grupo de pessoas no presente. No discurso, tais memórias refletem uma postura ideológica compartilhada, que por sua vez fala de uma consciência política. No caso desta pesquisa será possível sistematizá-la seguindo o modelo teórico de análise das sete dimensões da consciência política proposto por Sandoval (2001).

As condições em que é produzido um discurso incluem o contexto sócio-histórico e

ideológico, o contexto imediato segundo Orlandi (2010). O lugar que a memória ocupa nesta produção é fundamental, sendo tratada como interdiscurso: “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2010:31). Para a autora essa fala antecipada é chamada de “memória discursiva”, o conhecimento discursivo que faz possível todo dizer e retorna sob a forma do pré-construído, o que já foi falado na base do dizível. Este interdiscurso antecipa uma base de dizeres que comprometem o modo como o sujeito cria significados em determinada situação discursiva.

Se para Halbwachs (1990) a memória é uma construção coletiva, para Orlandi (2010) ela é a matéria prima para a construção do discurso. Nas nossas falas estão as de outros/as, nas nossas lembranças estão os discursos de outros/as; na memória encontram-se os sentidos e constroem-se identidades.

Para a autora, o dizer não é propriedade particular, como a memória também não é um fenômeno que pertença a um indivíduo particular, uma vez que evoca as experiências dos outros; as palavras não são nossas, mas significam-se pela história e pela língua. O interdiscurso é

alguma coisa mais forte - que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai se historicizando aqui e ali, indiferentemente, mas marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder – traz em sua materialidade os efeitos que atingem esses sujeitos apesar de suas vontades (Orlandi, 2010:32).

O que sustenta a possibilidade de todo dizer é o já dito, o que é fundamental na compreensão do discurso e da sua função na identificação de interdiscursos que remetem o dizer a um conjunto de dizeres, a uma memória, a uma história e sua significância, deixando ver compromissos políticos e ideológicos.

Na produção de discursos intervêm fatores determinantes como a chamada “relação de sentidos” (Orlandi, 2010:39), que é proposta pela autora como a relação intrínseca que pode se encontrar entre discursos. Orlandi (2010) explica como os sentidos resultam de relações de discursos. Um discurso aponta para outros que o sustentam, um dizer tem relação com outros que já foram ditos, imaginados ou possíveis.

Esta relação de sentidos na constituição de discursos lembra-nos da ideia da memória como um lugar de encontros e identificações entre pessoas de um grupo, no qual o lembrado é dividido conforme se compartilham sentidos e se reconstrói de maneira comunicativa o passado.

No nosso contexto as narrativas são o objetivo de análise. A partir delas conseguimos descrever realidades subjetivas. O “método-processo” (Biglia e Bone-Martí, 2009) de pesquisa é a construção dessas narrativas. Esse processo é descrito por Biglia e Bonet-Martí (2009) como o produto do encontro de múltiplas subjetividades onde a/o pesquisadora/or entra com perguntas e intervenções no texto que não são ingênuas.

As narrativas são descritas pela autora e pelo autor como um diálogo com a própria história, em estrita relação mais com a ação do que com a elaboração de uma história. (Biglia e Bonet-Martí, 2009). Com ação se refere à construção de outras narrativas, de caráter coletivo, desde o encontro das subjetividades. Desta forma as mulheres são as autoras das novas narrativas que a ação coletiva coloca em movimento para descrever e entrelaçar outras realidades.

Sendo assim, propusemo-nos organizar o material coletado nas entrevistas de forma tal que conseguíssemos compreender os sentidos que as mulheres entrevistadas atribuem aos eventos do passado político da Costa Rica e da Nicarágua, especificamente aqueles relacionados com a solidariedade em tempos de repressão política.

Como pré-análise, organizamos as falas das mulheres numa tabela que as relaciona com cada categoria do modelo de análise de consciência política de Salvador Sandoval. Isto para conseguir destinar o nosso objetivo geral.

Para responder aos objetivos que se referem às características das mulheres e aos lugares onde se deram as ações políticas de solidariedade, organizamos as narrativas numa tabela que as relaciona com cada um desses objetivos. Esta parte é mais descritiva e complementa as análises no sentido de dar forma às memórias, reinvidicando um passado de solidariedade num presente carregado de esquecimentos.

3.5. Os lugares da memórias

Umas das questões metodológicas que nos propusemos fazer foi um reconhecimento geoespacial dos lugares onde as mulheres entrevistadas reportaram como os lugares onde aconteceram as ações de solidariedade, na Costa Rica.

Mas antes de mostrar os mapas acreditamos que seja importante fazer uma breve descrição de cada país com dados geográficos e demográficos.

Segundo dados oficiais do Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (INEC) para 2011 a população total da Costa Rica é de 4.301.712 pessoas, das quais 2.106.063 são homens e 2.195.649 são mulheres. O total de pessoas estrangeiras nascidas na Nicarágua com residência no país é de 287.766 pessoas, sendo que 136.118 são homens e 151.648 são mulheres. Mas não existe informação precisa sobre os fluxos migratórios entre os dois países, pois grande parte dos movimentos de migrantes se dão de maneira irregular e clandestina. Isto sem contar com que os dados oficiais mostram números de pessoas que se deslocam de acordo com os períodos de coleta da atividade agrícola, e muitos/as voltam para a Nicarágua regularmente (OIM, 2001).

Na Nicarágua o Instituto Nacional de Informação de Desenvolvimento, reporta até o dia 30 de junho de 2013 que a população total estimada é de 6.071.045 pessoas. Mas no último censo que data de 2008, a Nicarágua contava com 5,668,866 pessoas, das que 2,809,918 são homens e 2,858,948 são mulheres.

Em relação à extensão dos territórios, a Costa Rica conta com 51.000 quilômetros quadrados, enquanto que a Nicarágua conta com 130.000 quilômetros quadrados.

No que se refere à extensão da fronteira entre a Costa Rica e a Nicarágua, a superfície compreende um total de 21.524 quilômetros quadrados, dos quais 8.550 correspondem a território nicaraguense e 12.075 a território costarriquenho. Esta delimitação contempla as terras dos municípios que por definição encontram-se na margem fronteiriza, a qual representa uma linha de 300 quilômetros (Morales, 2005).

Para montar os mapas que apresentaremos em breve, foi necessário organizar a informação em tabelas que, ao mesmo tempo, facilitarão a leitura e compreensão dos mesmos. Desta forma cada mapa acompanha-se de duas tabelas, na primeira encontra-se a relação dos pontos localizados com uma breve descrição e a importância de cada atividade localizada. Na segunda tabela relaciona-se cada ponto com os trechos das narrativas das mulheres entrevistadas onde aparecem os lugares de memória.

Os dados cartografados nos mapas são fruto da pesquisa de campo, eles estão contidos nas narrativas das mulheres entrevistadas.

A tabela a seguir descreve a memória da dinâmica e dos lugares na Costa Rica como um todo identificados nas lembranças compartilhadas nesta pesquisa.

Tabela 3 – Memória do Apoio à Luta Sandinista na Costa Rica

#	Nome	Atividade	Descrição
1	Região do Vale Central da Costa Rica	Manifestações populares, debates políticos, atendimento médico, reuniões do movimento e acolhimento de combatentes	Área com concentração de organizações políticas, equipamentos públicos e casas solidárias na região central do país
2	Liberia	Apoio popular à luta sandinista	Hospital no território costarricense que recebia combatentes necessitados de atenção médica.
3	La Cruz-Liberia	Trânsito de nicaraguenses e primeiros socorros	Zona fronteiriça onde foi instalado um hospital clandestino que atendia combatentes nicaraguenses
4	Hospital Monseñor Sanabria	Atenção médica especializada	Atendiam-se a combatentes nicaraguenses que precisavam de atenção médica especializada.
5	Hospital Enrique Baltodano Briceño	Atenção médica de nicaraguenses	Atendiam-se a combatentes nicaraguenses que precisavam de atenção médica especializada.
6	Fluxo de combatentes	Encaminhamento para hospitais e casas solidárias	

Mapa 1 – Memória do Apoio à Luta Sandinista na Costa Rica

Tabela 4 – Narrativas sobre a Solidariedade na Costa Rica

#	Lugares de memoria	Narrativas das mulheres entrevistadas
1	Região do Vale Central da Costa Rica	Contidas na tabela 6
2	Liberia	”vos llegabas a Liberia en el 78-79 y las tiendas de Liberia tenían pues adornado telas rojo y negras, o sea, que era como medio disimulado, medio no tan disimulado ¿Verdad?” (Lia, 24/04/2013)
3	La Cruz-Liberia	“Esteee, y yo estaba haciendo mi internado en Liberia, no tenía que ir nunca al hospital o sea, cada tres meses que era la rotación iba a presentarme ahí y el resto del tiempo...firmaba todas las hojas de los tres meses; en La Cruz era el hospital, el hospitalito, y ahí uno se iba a dejar a los heridos y de ahí alguien los recogía y los llevaba a Liberia o los llevaba a San José” (Lia, 24/04/2013)
4	Hospital Monseñor Sanabria	“En La Cruz había como un hospitalito informal, pero era el centro de distribución, o de triage como dicen ahí, ahí decían este broder no... No! para qué lo movemos... Este sí llévenselo directo para San José! Este pueden llevarse directo para Puntarenas al Moseñor Sanabría... O con Libera va a ser suficiente...” (Lia, 24/04/2013)
5	Hospital Enrique Baltodano Briceño	
6	Fluxo de combatentes	

Este primeiro mapa, apresenta-nos um panorama geral dos lugares onde aconteciam atividades relacionadas com a solidariedade, em nível nacional. Detalham-se regiões que concentraram diferentes tipos de atividades, na zona fronteiriza localiza-se um ponto de recepção de combatentes feridos/as, desde onde eram encaminhados a diferentes hospitais. Mostra-se também um aglomerado de atividades na região do Vale Central, informação com a que se elaborou o Mapa 2.

Tabela 5 – Memória do Apoio à Luta Sandinista no Vale Central da Costa Rica

#	Nome	Atividade	Descrição
1	Barrio La Granja	Coleta de dinheiro para a compra de chapéus	Ação espontânea de coleta de dinheiro no bairro para comprar chapéus que foram levados a mulheres combatentes na frente norte para proteção contra o sol.
2	Parque Central- San José	Concentrações, manifestações, atividades culturais, coleta e venda de alimentos, doação de roupas, captação de recursos	Espaço público no centro da capital onde se organizaram atividades para promover entre a população a solidariedade com a Nicarágua.
3	Esquina de Monumental	Piquetes, distribuição de informação escrita	Atividade pública para denunciar e informar sobre os acontecimentos na Nicarágua
4	Avenida Central	Festivais de danças folclóricas	Atividade que contemplava exposição de arte, música ao vivo contra a ditadura Somozista
5	Parque España	Festival cultural	
6	Casa em Hatillo	Acolhimento e hospedagem de combatentes e colaboradores/as da FSLN em situação de clandestinidade	Casas particulares das mulheres entrevistadas que serviam de suporte às ações de solidariedade
7	Casa em Barrio Escalante		
8	Casa em Pavas		
9	Casa em Barrio Luján		
10	Clínica Bíblica-San José	Coleta de remédios	Deu-se um ingresso fictício por doença para poder enviar remédios para a Nicarágua
11	Hospital San Juan de Dios	Atenção médica de nicaraguenses, coleta de medicamentos	Atendiam-se a combatentes nicaraguenses que precisavam de atenção médica especializada. Coletavam-se medicamentos.
12	Alianza de Mujeres Costarricenses	Centro de coleta de alimentos, roupas, medicamentos	Organização de mulheres vinculada, na época, ao Partido Vanguardia Popular. Envolveu-se na logística e organização de atividades para promover a solidariedade com a Nicarágua.
13	Partido Vanguardia Popular	Articulação de apoio à FSLN	Organização de atividades culturais, de arrecadação de dinheiro, organização de atos públicos, movimentação de recursos para a guerra, movimentação de dinheiro, proteção de pessoas nicaraguenses, apoio logístico à guerra.
14	Parque de San Pedro	Reuniões	Encontros dos para discutir sobre os acontecimentos na Nicarágua.
15	Farmacia Fishel-Correo		
16	Paseo Colón-Pollos KFC		
17	Universidad Nacional	Atividades culturais, campanhas de doação de sangue	Atividade cultural onde se apresentavam artistas nicaraguenses.
18	Universidad de Costa Rica	Palestras, campanhas de doação de sangue,	Encontros para discutir sobre os acontecimentos na Nicarágua.
19	Atiguo CSUCA	Fomação política	Instituição de ensino e pesquisa

Mapa 2 – Memória do Apoio à Luta Sandinista no Vale Central da Costa Rica

Tabela 6 – Narrativas sobre a Solidariedade no Vale Central da Costa Rica

#	Lugares de memória	Narrativas das mulheres entrevistadas
1	Barrio La Granja	“...tía Rosa por ejemplo siendo una mujer de la puritica burguesía recogía dinero en la Granja y compraba sombreros de ala ancha para las guerrilleras y ella iba en geep y se los dejaba en la frontera, la tía Rosa mirá vos?” (Clara, 07/06/2013)
2	Parque Central	“Con un grupo de mujeres de Costa Rica, de compañeras del partido hacíamos comidas típicas de Nicaragua como el vaho, como el vigorón, como las tajadas fritas y las íbamos a vender al Parque Central, y esto obviamente no nos... no nos daba una cantidad de dinero no, pero nos daba un ambiente de solidaridad que movía al costarricense, sobre todo al costarricense de la clase media para abajo, de la clase obrera...” (Luisa, 16/04/2013) “El Parque Central (San José, Costa Rica) se convirtió como en la plaza de la solidaridad, yo sé que hay una plaza de la solidaridad en Costa Rica, pero el Parque Central fue la plaza de la solidaridad donde ahí llegaban costarricenses, nicaraguenses, salvadoreñas, hondureñas, guatemaltecas... Cada quien a montar su chinchorro de qué vender o hacer la, la,

		la mueca de lo que se iba a vender... para las que sabían bailar bailaban, las que sabían cantar cantaban... entonces, todas esas cosas fueron momento de solidaridad muy valiosos porque fue una actividad que mantuvo durante varios meses, meses y años podría decir pues, sostener eso sólo lo sostenés con... Habiendo organizado muy bien esas cosas.”(Luisa, 16/04/2013)
3	Esquina de Monumental	“El Parque Central. El Parque Central era un punto de encuentro para todo, para todo y la esquina de Monumental. Y había piquete, lo que llamábamos piquetes, que llegaba cualquier y cogía un micrófono y al rededor empezaba a hablar y por ahí andábamos repartiendo propaganda a la gente que se paraba a escuchar...” (Clara, 07/06/2013)
4	Avenida Central	“...un baile folclórico pues en la avenida central para ponerte un ejemplo que atrajera a la gente, lo pongo así en términos de... Para decirte pues que, que, que no inventábamos, si uno dice... Que lindo eso como ahora no pueden hacer esas cosas...” (Luisa, 16/04/2013)
5	Parque España	“ahí se hizo una exposición de pintura ¿Me entendés? Había música al aire libre, fue un éxito en términos de la recaudación económica, incluso aparecieron algunos compañeros que no deberían de haber aparecido, eh algunos sabían quienes eran, la mayoría que estaba ahí no, pues eran costarricenses que llegaban nomás a a hacerse presentes ¿Me entendés? porque eso era una cosa muy linda, digamos habian actividades donde no conseguíamos un peso pero que estaba muy llena, y era que la gente quería saber porque siempre había un orador, alguien hablaba ¿Me entendés? Y, y hacía un llamado a la solidaridad, qué sé yo...” (Leonida, 06/05/2013)
6	Casa em Hatillo	“nuestras casas se convirtieron en casa de coordinación, de reuniones, de va y viene, que necesitamos esto y lo otro, que buscar medicamentos, de una cooperativa hacer uniformes para los combatientes de la zona norte, que ir con megáfono los domingos a los parques a perifonear para pedir medicinas y ropa para los nicaraguenses...” (Yamileth, 09/04/2013) “en esta casa hubo reuniones de la comisión política con Tomás Borges, en algún momento Fonseca anduvo por acá, esteeee, pero habían reuniones en las cuales se tomaban decisiones muy importantes de coordinación con Nicaragua” (Yamileth, 09/04/2013)
7	Casa em Barrio Escalante	“yo me acuerdo por ejemplo de organizar en mi casa qué sé yo eeee reuniones clandestias donde entraba Manuel Mora a tal otra y los comandantes, Daniel, Humberto ¿Verdad?” (Clara, 07/06/2013)
8	Casa em Pavas	“Si, claro por supuesto, pero además como yo trabajaba con la célula de los artistas aquí venía Luis Enrique Mejia y se quedaba durmiendo en mi casa siempre, entonces los chiquillos desarrollaron una gran amistad con Luis Enrique que hasta hoy la mantienen... Y ellos sólo...por ahí tengo muchas cosas guardadas de ellos, todo era relacionado con el Frente Sandinista.” (Blanca, 24/06/201)
9	Casa em Barrio Luján	“Cuáles eran los lugares aquí en Costa Rica para conversar sobre lo que pasada en Nicaragua?” En la alianza, en esta casa, en la casa mía, y en la casa de Alicia Albertaci, una de las fundadoras de la Alianza de Mujeres”. (Yamileth, 09/04/2013)
10	Clínica Bíblica	“Yo por ejemplo una vez fui hospitalizada como cuatro días en la Clínica Bíblica porque ahí había dos médicos nicas del Frente y otros ticos que ayudaban al

		Frente y enfermeras, y me declararon una enfermedad bueno terrible para mandar medicamentos contra infecciones” (Georgina, 17/06/2013)
11	Hospital San Juan de Dios	“Entonces lo que hacía era que había una persona en el Hospital San Juan de Dios que ahorita no recuerdo el nombre que sabía de ciertas enfermeras, antes no había muchos controles con los medicamentos ahora no se puede hacer eso verdad? Había ciertas enfermeras que eran solidarias con el proyecto de recolección de medicamentos y pasaban disimuladamente y recogían medicamentos. Yo era una de ellas” (Marcela, 12/06/2013)
12	Alianza de Mujeres Costarricenses	“Y nuestra casa, la Alianza se convirtió en una bodega que no se podía ni caminar de la cantidad de cosas y de alimentos que la gente daba. “Nosotras trabajábamos con los grupos de solidaridad y hacíamos todo lo posible porque se ayudara a las mujeres y también decir a los niños de Nicaragua en aquel proceso tan tan difícil”. “Pero sí la Alianza de Mujeres, ya era como principios de solidaridad que teníamos y recibíamos a las mujeres nicaraguenses en nuestras casas, en nuestros locales y servíamos de vínculo y de correo nacional e internacional.” (Yamileth, 09/04/2013)
13	Partido Vanguardia Popular	“El partido no se involucró desde el principio en la guerra, propiamente en la guerra no, de hecho la brigada Calufa fue en el último año de la guerra, sin embargo activiades de apoyo y solidaridad, de recibir compañeros, verdad, Eso era permanente” (Clara, 07/06/2013)
14	Parque San Pedro	“Bueno yo me acuerdo el el el el ... donde yo mucho me juntaba era en el el el parque este... ¿San Pedro? Ahí!, cerca de la Universidad frente a la iglesia... los parques era el lugar donde nos juntábamos, en algunas cafeterías, ahí alrededor de la Universidad...” (Marta, 01/05/2013)
15	Farmacia Fishel-Correo	“Generalmente buscábamos sitios públicos como los parques, por ejemplo uno de los lugares preferidos de nosotros era la Farmacia Fishel, estaba el Correo, por ahí había un parquesito, entonces como ahí pasaba tanta gente ese era no de los lugares.” (Estrella, 09/05/2013)
16	Paseo Colón-Pollos KFC	“Por Paseo Colón por Pollos Kentucky, ahí llegaba gente, ahí comíamos, iban llegando y nadie lo notaba” (Estrella, 09/05/2013)
17	Universidad Nacional	“Yo andaba en la parte del trabajo clandestino, pero también por ejemplo en la Universidad, en la UNA ahora que me recordás, hacíamos grandes cantatas por Nicaragua, que siempre las organizábamos con Luis Enrique Mejía, compañeros así; o traímos a un cantante de allá y se cantaba! Y luego en la UNA había un lugar donde se ponía la camilla y llegaban a recoger la sangre y todo el mundo se ponía a hacer fila, todo mundo para sacarle sangre... Y todo mundo tranquila y decían hay que ayudar a los hermanos, eso era muy lindo” (Georgina, 17/06/2013)
18	Universidad de Costa Rica	“Hubo muchísimos actos en cines como te dije y muchos actos en la universidad... Recuerdo y eso si no tengo preciso el año pero una vez, debe haber sido 75-76 porque estaba yo recién entrada a la universidad, probablemente el 75, que Ernesto Cardenal llegó a la universidad y lo que era el comedor de la feur estaba pero repleto, realmente no sé porqué estaba repleto porque oír a Ernesto Cardenal es lo más aburrido del mundo, pero estaba hasta la madre!” (Lia, 24/04/2013)

19	Antigo CSUCA	“...el CSUCA era como el centro de concientización, formación de los de izquierda de América Latina, ahí inclusive conozco a mi actual marido que venía de Argentina, también estaba con la represión, estamos hablando de todas las represiones militares espantosas que se están dando en ese momento.” (Marta, 01/05/2013)
----	--------------	---

No mapa e nas tabelas que acabamos de apresentar, é possível identificar os lugares de memória das ações de solidariedade que se deram na região do Vale Central da Costa Rica. A informação foi organizada de forma tal que seja possível relacionar o tipo de atividade com o lugar, pelas mulheres reportado, como lugar de memória. Entre os tipos de atividades, encontram-se manifestações públicas de apoio, atenção médica a combatentes nicaraguenses, reuniões clandestinas com presença de lideranças da FSLN, reuniões em partidos políticos e organizações sociais, encuentros em centros de ensino superior e proteção de pessoas nicaraguenses em casas particulares.

4. MEMÓRIAS DE SOLIDARIEDADE: UMA ANÁLISE SOBRE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES COSTARRIQUENHAS E NICARAGUENSES NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR SOMOZISTA

Para David Lowenthal (1995) o passado torna-se possível porque o lembramos no presente. As formas de acesar ao passado e de registrá-lo determinam o que fica como dado acontecido, e ao mesmo tempo, o que pode ser esquecido. Essa é a seletividade que Grossman (2000) fala no seu trabalho sobre a Comissão da Verdade da África do Sul e que é utilizada para silenciar as violações de direitos humanos durante o período de redemocratização. Dobles (2009) se utiliza desse argumento para explicar que o processo de elaboração de memórias não é um processo natural, no sentido de que trata-se de um processo construtivo que acontece num contexto que o determina.

Assim, tanto a história quanto a memória selecionam os elementos e as vozes para falar do passado, pois nenhuma das duas formas de conhecimento do passado acontecem espontaneamente. Desta forma, e de acordo com o nosso objetivo, trazemos neste capítulo as memórias de um grupo de mulheres que contam outras versões do passado que vêm conversar com a história oficial. Estas memórias falam da solidariedade ocorrida na Costa Rica durante o último ano da ditadura somozista, em apoio ao projeto revolucionário sandinista. Nelas é possível achar elementos que nos ajudam a pensar nessas mulheres como sujeitos políticos cuja participação foi fundamental para acabar com uma ditadura que manteve a Nicarágua submetida ao poder da família Somoza por um período de 45 anos (1934-1979).

Para entender essas ações de solidariedade como formas de participação política, utilizamos das sete categorias do Modelo de Análise de Consciência Política de Salvador Sandoval (2001). Elas funcionaram como fio condutor do desdobramento da memória coletiva em uma memória política.

Cabe neste ponto esclarecer que não partimos do pressuposto de que essas mulheres se constituíram em sujeitos políticos pela sua participação em ações de solidariedade na época em questão, pois a grande maioria delas acaba se envolvendo nos acontecimentos relacionados com a resistência sandinista pela sua prévia vinculação com partidos políticos e/ou organizações e movimentos sociais. O que nos interessa são as ações que, vistas hoje desde as próprias

mulheres, fazem surgir novas personagens até então “subterrâneas” (Pollak 1989). Essas novas personagens surgem junto com outros contextos e outras formas de participação que as versões hegemônicas construídas pelos processos de redemocratização tentaram manter silenciadas.

As categorias de análise aqui trabalhadas não são unidades que se esgotam em si mesmas, de modo que em alguns momentos uma mesma parte das narrativas poderá ter referência em mais de uma categoria. Todo modo, para uma melhor organização das análises, subdividimos este capítulo pelas categorias antes já apresentadas.

4.1. Crenças e Valores Societais

Embora as sete categorias do Modelo de Análise de Consciência Política tenham o mesmo valor de importância, acreditamos relevante começar as nossas análises por aquela que aponta para elementos fundamentais na formação da consciência política das mulheres entrevistadas, as crenças e valores societais, pois nesses elementos é possível ver claramente como se expressa a ideologia política e a visão de mundo do indivíduo. Ideologia política e visão de mundo podem ser entendidas como “a representação social que os indivíduos constroem sobre a estrutura social, as práticas e finalidades das relações sociais” (Ansara, 2009:51), a partir do que Silva (2006) chama de diálogo interno no momento da individuação.

A ideologia aqui tem um valor funcional, pois serve para entender como em determinado momento, e a partir de suas visões de mundo, as mulheres se viram imersas, de diferentes formas e desde diferentes lugares, num projeto revolucionário. Algumas das entrevistadas, entre elas Piedad, contam como sem perceber se viram envolvidas em atividades em apoio ao projeto revolucionário sandinista. Na sua fala é possível ver isto claramente quando conta como foi que começou a receber guerrilheiros nicaraguenses na sua casa, em função da relação do seu companheiro da época com operários nicaraguenses das plantações de banana:

De una y otra manera mi compañero siempre trabajó con los nicaraguenses en las bananeras, por lo general y usted lo sabe bien que los nicaraguenses fueron los que hicieron las bananeras, las carreteras y de todo. Antes yo no veía ni nicas, ni ticos, ni cubanos, para mí toda la gente era igual en esa oportunidad, en esos momentos, pero ya mi compañero se involucró mucho con sus compas y cuando se vino de la bananera ya venía como que era del partido, no me acuerdo bien pero ya vino al partido, de uno y de otra manera ya empezaron a llegar los nicaraguenses a mi casa y cuando me di cuenta estaba involucrada totalmente

hasta de la seguridad más íntima fui. (Piedad, 05/04/2013, o grifo é nosso).

É pela militância de uma pessoa próxima que Piedad acaba se aproximando à realidade de pessoas da Nicarágua envolvidas em atividades de resistência à ditadura somozista. Para ela, na época não existia diferença entre nicaraguenses, costarriquenhos e cubanos, o que a levou a abrir sua casa como refúgio para pessoas estrangeiras que, de alguma forma, contribuíram com seu processo de formação política. O fato de receber nicaraguenses em sua casa fez com que desenvolvesse um profundo carinho pela causa sandinista, o que a levou a colaborar com a resistência mesmo colocando em risco sua segurança e de sua família. O envolvimento de Piedad com os/as sandinistas provocou mudanças radicais nas suas crenças, entre elas sua fé católica:

¿Le cambió la vida esa dictadura?

Ah sí claro... Y me dieron muchas ganas de saber, de aprender, de por qué de las cosas, porque yo era muy católica, no creía que hubiera gente que hiciera tantas maldades. (Piedad, 05/04/214)

O trabalho de apoio aos/às sandinistas passa a formar parte do seu cotidiano e do cotidiano do resto das mulheres entrevistadas. No ano de 1977 Yamilhet recebeu em sua casa uma mulher nicaraguense que tinha sido vítima de abusos por parte da Guarda Nacional nicaraguense e, por este motivo, saiu clandestina para Costa Rica com o objetivo de denunciar, perante à Corte Interamericana de Derechos Humanos, as formas de violência e tortura que as mulheres estavam sofrendo durante a ditadura. Como resultado da denúncia virou procurada pela ditadura e não conseguiu voltar imediatamente para a Nicarágua, tendo de permanecer por um ano na Costa Rica. Yamileth conta como essa experiência de hospedar por um ano uma mulher nicaraguense militante contra o sandinismo marcou sua vida familiar e sua militância:

En nuestra casa vivió más de un año Amada Pineda que es una mujer que el gobierno de Nicaragua olvidó quién es y qué significó esa mujer para el pueblo nicaraguense. Una mujer que fue violada por un batallón de la dictadura, que se fue a la montaña con su esposo, una mujer campesina, y ahí murieron dos de sus hijos en la montaña por enfermedades de la montaña y que ella también su salud se vio muy deteriorada y la de su esposo en aquel entonces; y la trajimos para acá, estuvo viviendo un año en esta casa y fue inclusive mi madrina de bodas y creo que siempre la guardo con un gran cariño pero con mucho respeto por todo lo que ella fue y lo significó en la lucha nuestra. (Yamileth, 09/04/2013)

Tanto Piedad quanto Yamileth viram seu cotidiano transformado pelas atividades em que se envolveram em solidariedade com o projeto revolucionário sandinista. A participação e o compromisso com este processo passou a representar para elas uma experiência pedagógica pela

qual quebraram-se crenças e valores. Por exemplo, para Piedad, a entrada no partido comunista, que abriu portas para seu vínculo posterior com a Frente Sandinista de Libertação Nacional, foi a oportunidade para se aproximar ao que estava acontecendo na Nicarágua:

¿Usted se da cuenta de que hay una dictadura en Nicaragua antes o después de entrar al partido?

No, de entrada al partido no, cuando entré al partido me involucré como esas tres cosas que le dije, si no, no las hubiera sabido, que Somoza es un dictador, no le hacía caso lo que era una dictadura, no me interesaba hasta después ya cuando me metí al partido ya me di cuenta ya me explicaron ¿Ya? (Piedad, 05/04/2014)

Para Marta, mulher nicaraguense que cresce desfrutando dos privilégios de uma família de classe média alta que pertencente ao mesmo círculo da família Somoza, a aproximação ao partido comunista representou também uma oportunidade para conhecer a história do seu próprio país, pois por questões relacionadas ao trabalho do pai, a família migra para outros países da América Central e se desvincula dos acontecimentos políticos da Nicarágua.

No Panamá, onde casa-se muito nova e tem três filhos, chega o momento em que a entrada na universidade e no partido comunista a fazem questionar seus privilégios, pelo qual resolve romper com o que para ela era dado a sua condição de mulher:

(...) yo me meto a la universidad y comienzo a cuestionar todo, yo me consideraba siempre como una filósofa cuestionando todo y entonces eeee en ese cuestionamiento y además era sobre todo a la clase alta en la cual yo estoy, me repugnaba todo y entonces bueno comienzo a dar una gran vuelta en mi vida ¿No? Porque mi marido inclusive era bien religioso y yo ya me tenía preguntando las cosas de la religión desde los 15 años, pero ahí ya hay un momento donde se juntan digamos el que ya no quiero tener más hijos, el que la, la iglesia nos prohíbe evitar los hijos porque hay que tener todos los que dios manda en ese tiempo, no había otro método, el que te permitían era el ritmo, entonces está por una lado eso de la religión, por otro lado que yo estoy tomando toda conciencia de, mayor conciencia... Regreso digo yo como a mis inquietudes y bueno decido dejar todo eso y, ya mi marido y además me comienzo a meter a, a, a asociarme al Partido Comunista en Panamá con sus grupos culturales porque me gustaba mucho la música, toco piano, tocaba guitarra, entonces un poco por esa línea me comencé a meter ya a, a, a conocer la historia de Nicaragua porque yo realmente había salido tan joven y no sabía nada. Yo lo que me recuerdo de chiquita y por mi familia era que Sandino era bandolero, era el bandolero Sandino y tatatá, y yo más bien había estado más metida en la historia de Guatemala. Y bueno en Panamá comienzo a enterarme de que está pasando esto en Nicaragua, que hay una dictadura, que hay... Me comienzo yo a cuestionar y me comienzo yo a vincular con la gente del Frente en Panamá. Y así es como eee inicio ya yo un proceso de, de transformación y de compromiso ¿No? Con mis tres hijos, me voy a vivir a un barrio más popular, eeee, porque aquello era entonces las condiciones materiales determinan la conciencia y todo esto eeee,

finalmente me separo y yaaa conectada con el Frete me voy a hacer esta maestría en Costa Rica que era como el centro, el CSUCA era como el centro de concientización, formación de los de izquierda de América Latina. (Marta, 01/05/2013)

Entrar numa organização partidária implicou para estas mulheres questionar as estruturas sociais e as relações que nelas se tecem, provocando com isto rupturas radicais que vieram a modificar seus cotidianos. No caso de Marta é muito mais claro como se deu a transição de um cotidiano alienante para uma forma questionadora de viver que a afastou da classe social na qual cresceu e a aproximou a grupos de orientação de esquerda que acabaram por levá-la a colaborar com a FSLN.

Até aqui temos apresentado as memórias de três mulheres que fizeram caminhos similares para chegar a ser colaboradoras da FSLN. As três tiveram como mediadora uma estrutura partidária que tinha como uma das suas linhas de trabalho a denúncia da violação dos direitos humanos da ditadura somocista e, posteriormente, com mais clareza o apoio à resistência armada sandinista.

O caso da Leonida é particular, já que ela não teve esse tipo de mediação. O grupo que ela reconhece como antessala da FSLN é a Juventude Católica, de onde surgem uma série de questionamentos em relação à fé católica. Já no primeiro ano de universidade convive com colegas militantes da FSLN. Tais relações de alguma forma a orientaram a trabalhar como colaboradora da agrupação. Ela mesma reconhece que em seu começo como colaboradora não tinha total percepção das consequências disto:

Y no sé, llegó la adolescencia, llegó la época de rebeldía en el colegio, de hacer preguntas que parecían inapropiadas, cuestionando la fe religiosa que como Dios podía ser bueno si habían tantas cosas malas y por ahí vine entrando en lo que era un movimiento de juventud católica, juventud universitaria católica se llamaba, la JUC y... Que en realidad no me acuerdo que era ni que hacía pero yo andaba en el alboroto ¿No? Y de alguna forma acá, lo que usualmente ocurría era de que los jóvenes, sobre todo de un origen de clase media como mi caso, entraban primero a trabajar en el movimiento estudiantil revolucionario. Era como el primer paso. Yo nunca estuve en eso, o sea no sé porqué razón entré de un solo sin ni siquiera darme cuenta porque entré como se entraba y colaborando, pero estando en la universidad sin dar ese paso intermedio, quizá porque tenía una serie de compañeros míos de universidad que estaban ya militando en el Frente y ellos fueron lo que me fueron un poco encaminando, encarrilando. Yo no es que no supiera lo que hacía pero no estaba del todo clara de lo que eso podía significar como efectivamente significó, y así fue, o sea no hubo una... Un posicionamiento ideológico en ese momento, no hubo una, no

había más que una sensación o certidumbre de injusticia ¿Entendés? Injusticia que no era tolerable, yo ya te estoy hablando de mi primer año de universidad (...) (Leonida, 06/05/2013)

Mesmo que a Leonida nesse momento não identificasse nela um posicionamento de tipo ideológico, Geovanni Sartório (1969) identifica na ideologia uma dimensão emocional por meio da qual o envolvimento em ativismos é estimulado. Segundo o autor

Per se the ideological mentality is not necessarily conducive to an active involvement and thereby to "ideological activism." Thus whenever we find a mobilized polity displaying a high degree of political activism, reference should be made to the emotional component, and thereby to the notion of ideological affect, or passion. (Sartório, 1969:403)

Essa sensação de que alguma coisa tinha que ser feita perante um sentimento de injustiça foi o que levou essas mulheres a se envolver em atividades de alto risco à sua segurança, questionando a si mesmas, seus valores e crenças. É como se esses elementos cristalizados se rompessem, abrindo espaços para novas crenças e valores, para uma nova perspectiva ideológica. Não havia tempo para pensar se aquilo era certo ou errado, como já apontamos acima, para Sartori (1969) é a dimensão emocional da ideologia que conduz à ação.

A passagem para a ação necessariamente as leva a mudar radicalmente seus cotidianos, seja porque algumas delas passam à clandestinidade, seja porque sua participação começa a demandar mais do seu tempo; em qualquer um desses casos, são necessárias as reestruturações da vida cotidiana, a tal ponto que a família acaba por se envolver na causa. As/os filhas/os participam dos atos públicos em solidariedade à Nicarágua, os companheiros sentimentais, na maior parte dos casos já envolvidos ou militantes, são cúmplices de seus envolvimento políticos; mães e pais indiretamente apoiam fazendo-se responsáveis pelo cuidado de netas/os, e assim por diante. Tendo no outro extremo a necessidade de se ausentar da família para passar à clandestinidade, pois sua vida e da mesma família é colocada em risco pela participação. Fica claro que a crença na segurança familiar e no dever de cada uma em quanto mulheres/mães fica em xeque, sobre tudo quando a própria percepção da realidade nacional na qual a família está inserida, se revela diferente do que acreditaram. Nesse momento, quem sabe, lutar pela família passe a significar lutar pela liberdade junto à FSLN, pois aquela segurança era tão ficcional quanto a aparente democracia de Somoza.

Yamileth e Piedad contam como as filhas e os filhos participaram das marchas, dos atos

culturais, das coletas de recursos: “Involucraba a toda la familia, pero era una alegría, dios libre dejar a alguna en la casa” (Piedad, 05/04/2013). Yamileth, por sua parte, conta como seu engajamento não chegou a afetar suas relações com seu núcleo familiar:

¿Tu militancia en apoyo al Frente afectó de alguna manera tus relaciones familiares?

No, no... Juan (seu companheiro) era militante y cuando íbamos a las actividades públicas íbamos todos, íbamos todos! Hasta se nos perdían, en los festivales se nos perdió una hija (risas) y bueno ahí apareció... (Yamileth, 09/04/2013).

Blanca, outra das mulheres entrevistadas, no seu relato conta como teve que combinar a militância com o cuidado de seus filhos, fato que é lembrado como uma experiência positiva:

Era lindísimo porque de verdad que bonita, si... Vieras que yo en la mañana hacía el oficio y yo siempre como andaba trabajando y todo entonces mi chiquita salía del kinder, yo la recogía, talvés hacía algo con ella y me iba al Partido a trabajar y mis hijos llegaban en bus solitos, desde la Escuela Laboratorio en San Pedro, llegaban hasta el local de Partido allá por la Iglesia De Los Ángeles, solitos llegaban, y ellos llegaban a hacer tareas al Partido y después ahí me reconcilié con mi esposo y ahí él ya militaba también en el Partido, y a veces yo venía terminando mi reunión a las 6 y apenas mi esposo iba entrando a la reunión de él, y sólo un carro teníamos, entonces yo me tenía que quedar con los tres chiquitos a esperar que la reunión terminara y a veces eran las 10 -11 de noches y los pobres chiquillos.. Ahí en el Partido hacíamos tareas y estudiábamos y de todo y a esa hora íbamos para la casa con los chiquitos... (Blanca, 24/06/201)

Mas em frente, Blanca vai expressar como para ela a política, na época, fazia parte do dia a dia:

Que bonito, es que la política era parte de la vida de uno, uno realmente se involucraba en la política, uno creía y uno defendía si era necesario con la sangre sus principios, sus principios... El caso de tu papá con tu mamá así era! Uno defendía con la sangre porque uno creía que uno estaba en lo correcto, que había que dar, que había que entregarse y había que luchar, y siempre pensando en lo mejor para el pueblo. ¿Verdad? (Blanca, 24/06/201)

O elemento emocional na hora de se comprometer com um projeto de transformação leva a estas mulheres não só a ser partícipes deste tipo de processo. As suas próprias vidas mudam, resignificam-se crenças e valores relativos à estrutura social, a partir das interações que nela se dão, o que para Silva (2006) seria relativo à formação de uma consciência política. Tranformações estas que se dão privilegiadamente no cotidiano, espaço onde as interações acontecem.

E é nesse cotidiano que algumas das mulheres entrevistadas identificam como o lugar onde

a política acontece. Para Georgina, por exemplo, a política é uma prática cotidiana inerente a todas as pessoas, orientada para a busca de equidade:

¿Qué es para usted la política?

Ay, todo.. Todo! Yo cuando a los muchachos les quiero explicar eso le digo: ¿Cómo se baña usted? Decime ¿Por dónde empezás a bañarte todos los días? Ahhh por este brazo... También, bueno eso es tu política de baño y la tenés y la política es algo sacrosanto, inspirador que nos ayuda a crecer y a cambiar al mundo y la cultura, y a buscar caminos nuevos para un mundo más equitativo, yo soy política, todos somos políticos, aunque la gente diga yo no soy política, yo no estoy en ningún partido porque la idea es si estoy en el partido a, b o c soy político, si tengo el puesto de presidenta ah ah ah, por ejemplo aquí ya sos político, yo creo eso, ahora hay una política positiva para el crecimiento, para el cambio, para el mejoramiento de la sociedad y hay otra que es para el poder y para llenarse las bolsas de dinero ¿Verdad? Esa yo no la quiero, pero que es política, es política. (Georgina, 17/06/2013)

Nesse trecho Georgina identifica uma parte positiva da política como aquela direcionada para o bem comum, e outra que seria a política relacionada com a busca de poder económico, a qual ela relaciona com a política partidária.

Neste mesmo caminho Estrella, mulher nicaraguense que desde os 16 anos vincula-se com o Partido Vanguardia Popular na Costa Rica, atribui um carácter positivo e outro negativo à política quando responde à pergunta sobre como esta se manifesta:

En los sentimientos que nosotros llevamos por dentro, es en el ayudar sin esperar a cambio, el saber que lograste organizar por ejemplo una cooperativa o una familia campesina y que se organiza sacando sus huevos, sus gallinas, o sus papayas y que ellos mismos la comercializan, pero que ellos mismos sepan administrar esas cosas, podríamos hablar de la política económica ¿Verdad? Después en la política social, por eso te digo que política es linda sin eso, sin la politiquería. (Estrella, 09/05/2013, o grifo e nosso)

Para ela a política tem um componente emocional vinculado ao acionar de processos coletivos que se dão na escala comunitária, e que teria relação com uma dimensão de eficácia política do modelo de Sandoval (2001), da qual ocuparemos-nos em breve, diferente do que ela expressa como politicagem, tendo esta uma conotação negativa. Tal e como expressa Yamilhet perante à pergunta sobre o que para ela é política:

¿Qué es para vos la política?

Bueno depende de la visión que se tenga de la política porque para mí las mujeres hacemos política todos los días, el problema es como históricamente se ha utilizado la política para sectores que tienen... Para burguesías, para sectores de la población que tienen el poder económico y que nos gobiernan, para ellos eso es hacer política, pero es un término que se corrompió, se ha prostituido y

tenemos constantemente que estar aclarando que todos los días hacemos política. Digamos el hecho de que yo no tenga un carné de un partido político no quiere decir que no tenga militancia política, yo tengo una militancia política con las mujeres, mi compromiso político es con las mujeres, el hecho de tener una visión de país, una visión de futuro y talvés es una frase un poco trillada que hay un mundo mejor que este posible, donde no hay tanta injusticia y que creo que el socialismo como lo conocí, como lo estudié, como lo viví, no ha existido todavía, es construir una nueva utopía donde haya justicia, donde haya libertad, donde haya igualdad... Para mí todo eso es política, el hecho de que todos los días hablamos de los derechos humanos y quiénes desde la política hablan de los derechos humanos, desde esa politiquería. ¿Verdad? "Somos un país respetuoso de los derechos humanos" pero habría que ver que así como dicen que hay un dios para los pobres hay un dios para los ricos, hay derechos humanos para ricos y hay derechos humanos para los pobres y entonces ahí está la política. Para mí tener una visión de política es... Tengo un problema muy serio que estoy en resistencia civil permanente (risas), esa política que existe me hace sentirme en resistencia constantemente. (risas) (Yamileth, 09/04/2013)

Contrapõem-se novamente neste trecho a política como uma forma de alcançar a justiça social, com a politicagem da que também fala a Estrella. Esta última vinculada a uma visão utilitária de certos setores que procuram a manutenção do poder econômico, nas palavras da Yamileth, burguesias e setores da população que detêm o poder econômico e que são os que governam. A Yamileth, desde uma visão crítica da construção do conceito de política, reafirma seu compromisso político com as mulheres e a apresenta como uma prática diária de vida. Isto é, mais uma vez o cotidiano como o lugar onde a política acontece, e hoje separado da atividade partidária, tal e como também foi expresso pela Georgina.

Por sua parte, Luisa, mulher nicaraguense e atual colaboradora da FSLN, da mesma maneira em que vê a política como a construção social do indivíduo para um projeto que defenda as maiorias, acredita que o lugar no qual essa política se manifesta são os partidos políticos e outros grupos organizados num movimento ou numa frente, inclusive na igreja:

¿Dónde se manifiesta esa política que usted define como la formación de una persona hacia una causa social?

Yo digo que si uno no está organizado en un partido o en un movimiento o en un frente que defiende las clases populares es muy difícil que pueda decir que voy a aportar algo, sería... Para eso mejor me hago cristiana y participo desde la iglesia, pero la participación ciudadana se construye. (Luisa, 16/04/2013)

Um outro olhar nos é apresentado por Clara, mulher costarriquenha, que acreditamos aproxima-se à idéia formal de política. Para Clara a política é a ação orientada ao bem comum, que pode acontecer tanto nas estruturas partidárias e organizacionais, quanto em iniciativas

comuniárias espontâneas com objetivos claros. Para ela a política é

(...)la acción que uno puede desarrollar sobre el interés público ¿Verdad? incluso yo agrego de las mayorías, esa es mi forma de ver la política y un poco por eso hoy fui a afiliarme al Frente Amplio porque la gente tiende a hacer una confusión con lo que es política con pocios electorales ¿Verdad? O la acción politiquera. Por eso la política es tan importante porque es como el trabajo que se pueda hacer para tener un impacto en lo público, en lo colectivo, en la sociedad en general. (Clara, 07/06/2013).

O interessante na narrativa da Clara é o tom saudoso com que se refere ao Partido Vanguardia Popular, expressando sentir falta da orientação e a contensão do partido que para ela representou o lugar de formação política e ideológica:

¿Cómo se manifiesta esa política?

Mirá, es interesante porque ahora no necesariamente es a través de los partidos políticos, de hecho a mí me parece que por toda la problemática alguno partidos han perdido credibilidad e impacto también, yo sigo creyendo que son importantes y que son una forma necesaria de organizarse, a mí el Partido me hace mucha falta, o sea Vanguardia en el sentido de la directriz, de la línea, de la formación política, la formación ideológica, el diario accionar, el partido te orienta, te contiene, entonces yo no creo que es que los patidos ya no, jamás; pero creo que hay ahora manifestaciones que se están dando interesantísimas, que no son necesariamente a través de los partidos políticos, por ejemplo los foros, organizaciones espontáneas, lo que se dio con los comités de lucha, el TLC, el Comité Patriótico. Lo importante es que no eran propiamente organizaciones político partidarias, si no a raíz de una serie de circunstancias la gente se agrupa, se organizan y forman grupos de presión importantes, al punto de que la concesión (OAS) hecha para atrás por la presión de San Ramón. Entonces a mí me parece que es como un fenómeno nuevo que probablemente está relacionado a la decadencia de la clase política, creo que el fenómeno de la corrupción, y no puedo dejar de pensar que hay una intencionalidad también de generar una apatía en la población porque al final tenés gente que no le interesa, que no va a participar, gente adormecida entonces son cúpulas las que manejan el poder, acceden al poder también, entonces yo sí creo que es necesario salirse uno si manejas estos conceptos, salirse uno de la zona de confort y agruparse donde uno crea más conveniente, en estos momentos para mí la organizacion que más se ajusta a mi manera de pensar es el Frene Amplio por mucho. (Clara, 07/06/2013)

Por último, apresentamos um trecho da narrativa da Fernanda, mulher nicaraguense que atualmente se auto-assume como uma técnica cuja contribuição consiste em apontar para os políticos onde estão os problemas e quais as possíveis soluções. No seu relato destaca-se o aspecto negativo da política, em relação à falta de sentido de serviço da pessoa que ocupa cargos políticos por eleição popular:

Para usted ¿Qué es política, Fernanda?

(suspiro) Una pregunta que me hicieron en mi doctorado...Para mí la política es un instrumento para poder hacer cosas en función de intereses de una mayoría ¿Verdad? Ese profesor, porque se armó un debate, eramos como 45 estudiantes de doctorado, y me preguntó a mí porque talves y era la que tenía un historial político más este fuerte pues, yo no digo importante si no fuerte, haberme metido con una guerra... Mire para mí la política puede ser algo perverso o puede ser muy positivo, el problema radica en que las personas que tienen la oportunidad de hacer política, para mí, y eso yo lo he visto en una mayoría, no puedo decir de todo el mundo, en este país no se ven como servidores públicos, este, este pueblo me eligió yo me les debo, debo de hacer lo mejor que esté en mis capacidades para poder por decir en educación pues, que hayan más chavalos en el prescolar, que hayan más chavalos aprendiendo en primaria, voy a poner todo mi empeño, pero no se ven así, llegan inmediatamente, son los dueños de esa hacienda, entonces lo que hizo el anterior ya lo borró, eso no sirve, voy a hacer esto porque se me ocurrió que esto es más bonito y así pongo mi huella, entonces no hay una visión de servicio, para mí eso es el primer problema. E incluso me atrevería a decir que hay una visión del Estado como un botín, o sea llevo, tengo carro, tengo gasolina, tengo secretaria, tengo un teléfono, si puedo robar robo, el 90% de la gente roba, creo que los que han salido limpios del gobierno son pocos, hacen fortuna familiar, o sea ¿Cuántos nuevos ricos hay ahora aquí? ¡Es impresionante! Entonces esa visión que para mí la política es un instrumento para dar servicio a los que te eligen dentro del marco de una plataforma de programa donde debería haber un tema que fuera justicia y equidad porque si hay una área del mundo desigual es América Latina (...) (Fernanda, 02/05/2013)

Tanto a Fernanda quanto a Luisa e a Clara compartilham de uma visão mais institucional da política, no sentido de pensar o conceito como algo que dá-se nas estruturas de organizações, grupos ou partidos políticos, quer dizer, em espaços formais de participação. Em contraste com os outros relatos aqui apresentados nos quais a política extrapola os âmbitos tradicionais de participação, tais como a vida pessoal, a família ou a comunidade.

A manifestação da ideologia na memória foi o exercício que tentamos fazer nos parágrafos anteriores. Neles é possível identificar que, como afirma Ansara (2009) não existem testemunhas neutras, estas deixam ver posicionamentos políticos, crenças e juízos de valor que colocam a nossas entrevistadas em diferentes lugares em relação com as estruturas sociais nas quais se relacionam.

4.2 Identidades coletivas

A revolução sandinista fez com que por algum tempo os olhos do mundo estivessem todos

postos sobre a Nicarágua e a ditadura militar somozista. Interesses antagônicos fizeram com que diferentes países do mundo assumissem uma postura em relação ao governo ditatorial nicaraguense. O bloco de países socialistas, sobre as bases do que era o internacionalismo proletário, somou-se às forças internacionais que apoiaram ao sandinismo para fortalecer sua luta. A América Latina, que vinha sofrendo os estragos das ditaduras, neste momento passava por um processo de fortalecimento das esquerdas que foi chave no apoio ao processo nicaraguense. As atrocidades da Guardia Nacional nicaraguense fizeram com que pessoas do mundo inteiro se solidarizassem com a resistência sandinista e a ajuda veio de muitos lugares.

Os Estados Unidos da América, por um lado, sempre mantiveram uma clara política de apoio à ditadura, não só na Nicarágua, mas também no resto dos países que passavam por processos de repressão político-militar. Por outro lado, a inspiração para o que foi o início da Frente Sandinista de Libertação Nacional veio da Revolução Cubana e foi fundamental para o triunfo da revolução sandinista. A ilha representou um pólo de formação política, militar e de inteligência para enfrentar a Guardia Nacional na Nicarágua que, por sua vez, recebia formação dos Estados Unidos.

Deu-se um forte processo de identificação com o povo nicaraguense que aglutinou iniciativas concretas de apoio internacional à revolução sandinista. Múltiplas nacionalidades convergiram no projeto sandinista, gerando sentimentos fortes, inclusive de amor tal e como Blanca conta:

¿Qué era lo que se quería para Nicaragua?

Mirá, había tantas posibilidades en Nicaragua porque la ayuda internacional fue tan grande, tan grande... Claro por otro lado había mucha escasez de muchas cosas, pero cómo se entregaron los rusos, los alemanes, los cubanos; vos llegabas y aquello era como una torres de Babel verdad? Búlgaros, de todo, de todas partes de mundo había gente, hasta gringos ¿Cuántos gringos no se fueron? Porque eso, eso desarrolló un amor muy grande a la revolución, es que fue revolución amada y fue un triunfo universal, así lo veíamos nosotros, de una o de otra forma todos aportamos un granito de arena. (Blanca, 24/06/201)

No caso do nosso trabalho, interessa-nos analisar como mulheres de diversas origens chegam a confluir num mesmo objetivo, que era acabar com a ditadura somozista, e ao mesmo tempo entender como essa identificação é por elas lembrada.

Sandoval (2001) fala da identidade coletiva como o sentimento de solidariedade que permite o desenvolvimento de uma sensação de coesão social, levando as pessoas a se identificar

com uma categoria. Podemos perceber na maioria das narrativas das mulheres entrevistadas que essa identificação se deu com o povo nicaraguense em geral, seria esta uma das categorias que levou às pessoas a desenvolver sentimentos de solidariedade.

Georgina conta-nos como uma boa parte da população costarriquenha, vinda de diferentes setores, envolveu-se a tal ponto na resistência sandinista que chegou a tomar as armas para combater em território nicaraguense. Como relata Georgina, quem ficava na Costa Rica colaborava na retaguarda desses combatentes:

Eso te queria preguntar: ¿Qué sectores de la sociedad costarricense apoyaban el proyecto revolucionario sandinista?

Todos, esa es una cosa interesantísima porque había universitarios, había académicos de todo tipo, había profesionales como esos médicos que te cuento, esteee... Personas que aman la justicia y decían "sí yo me voy" y como es un país tan relacionado entre nicas y ticos muchos tico-nicas se iban también, entonces a los demás nos tocaba la protección de ellos y lo hacíamos; Costa Rica fue en ese momento muy solidaria con esto, fue muy interesante todo el mundo, y aquí todo el mundo se alegraba cada vez que Nicaragua, los revolucionarios, tenían un pequeñito gane ¿Verdad? Eso era preciosísimo. (Georgina, 17/06/2013)

Ela também lembra da sensação de sofrimento pelo que estava acontecendo na Nicarágua:

Se sufrió, aquí se sufrió, y como aquí vivía mucho nicaraguense se sufría más porque uno conocía a esas personas, eran sus amistades, inclusive sus familiares; claro cuando ya se ganó la revolución todo el mundo se quería ir para Nicaragua a celebrar, era la gran fiesta, fue una época muy bella. y ya luego cuando se ganó la revolución, muchas personas de Costa Rica pidieron permiso en su trabajos para ir a enseñar a alfabetizar y enfermeras y mucha gente se fue par ayudar a sanar a los que estaba muy mal, fue algo muy lindo.(Georgina, 17/06/2013)

A identificação era tal que as pessoas desenvolveram uma forte empatia pela causa sandinista na Costa Rica, pela qual sentiam as dores pelas injustiças que sofriam a povo nicaraguense, ao mesmo tempo que comemoravam os ganhos que a resistência armada ia conseguindo. Como afirma Georgina existia uma sensação de unidade que levou as pessoas a se mobilizar: “Éramos como uno y mucho daño nos hacía Somoza y el somocismo, había que acabar con eso.” (Georgina, 17/06/2013).

Blanca expressa essa mesma sensação como “*sentimientos encontrados*”, pois ao mesmo tempo em que sofria, acompanhava com alegria o “despertar” do povo nicaraguense avançando para a revolução:

Había un gran despertar general por todo, y por otro lado era lindo ver la gente cómo se abría, cómo se abría hacia la revolución y vos veías gente muy sencilla

en el Paque Central, recogía, porque yo repartí volantes y recogía un dinerito, lo que la gente me quisiera dar, y la solidaridad de esa gente con el amor se sacaban su dinero de la bolsa para entregarlo a un desconocido que le estaba entregando un papel, verdad? Todo eso era hermosísimo, vivirlo... Y uno vivía pendiente de las noticias, verdad, a ver qué había pasado en Nicaragua, y cuando empezaron ya a darse bombardeos y combates fuertes, qué sé yo como Estelí por decirte, ah ah uno... Era un sentimiento encontrado verdad porque era de dolor porque mataban a un montón de gente y por otro lado porque uno sabía que de verdad esa revolución iba caminando y que había un pueblo que se estaba despertando desde hacía rato pero que ya estaban que no aceptaban y no aguantaban más la situación que estaban viviendo. (Blanca, 24/06/2013)

A mesma Blanca mantém entre suas lembranças mais importantes a sensação de irmandade, quando em 1977 um grupo de combatentes conseguiu com sucesso tomar o quartel da Guarda Nacional em San Carlos, na Nicarágua:

¿Cuáles son tus recuerdos más importantes de esa época?

El asalto al cuartel, ay eso fue algo... ¡Putá yo lloraba! ¡Todos llorábamos! Es que era como si fuéramos nosotros, como si ahí estuvieran nuestros hermanos, es que eran nuestros hermanos! Así los veíamos nosotros, lo que estaban logrando, esa gran azaña porque con toda la seguridad y toda la represión como lograron eso... Eso fue algo muy lindo. (Blanca, 24/06/2013)

Os acontecimentos na Nicarágua passaram a acompanhar a vida das entrevistadas. A sensação de unidade, que pode ler-se como o desenvolvimento de uma identidade coletiva, consegue-se em meio a fortes sentimentos de injustiça e a identificação de um adversário: a ditadura.

Algumas das entrevistadas identificam eventos pontuais que fizeram desenvolver nelas sentimentos de injustiça que as levaram a participar de ações de solidariedade. Lia, por exemplo, mulher costarriquenha que posteriormente ao triunfo da revolução mudou-se para a Nicarágua, onde reside até o momento da entrevista, conta como aos 15 anos viaja para a Nicarágua para participar nas brigadas de resgate depois do terremoto que afetou a cidade de Managua em 1972:

Recuerdo también este... el, el gran vínculo entre Costa Rica y Nicaragua, tan grande tan grande que cuando se da el terremoto de Nicaragua en diciembre del 72, un grupo muy grande de gente muy joven como era yo. ¿Verdad? Tenía 15 años en ese momento, este..venimos con la Cruz Roja y pasamos aquí meses en brigadas de escombros y otras cosas pues así de ese estilo pues, primeros auxilios, después escombros, después quema de cadáveres. ¿Verdad? (Lia, 24/04/2013)

Desta forma os processos de identificação com o povo nicaraguense começaram nos anos prévios ao triunfo da revolução e, como dito acima, mobilizou pessoas de diferentes países. Clara

relata bem claro este ponto neste trecho da sua narrativa:

Entonces que es lo que yo pienso, si nosotros nos ponemos a ver todo lo que hemos hablado y seguro todo lo que has investigado, hay una derrota de una Ditadura porque hay una convergencia de nacionalidades en una sola ¿Verdad? De lo contrario no se habría podido hacer, ahí en Nicaragua hubo combatientes salvadoreños, guatemaltecos, colombianos, de todo lado; y la logística de la periferia, aquellos venezolanos, Panamá, Colombia, México y ni que hablar de los compitas cubanos, con un enemigo común y una unión de fuerzas, yo pienso que la única opción en Centroamérica y en América Latina es hacernos bloque. (Clara, 07/06/2013)

A luta sandinista conseguiu unificar a comunidade internacional e gerou uma sensação de conjunto, em que independentemente da nacionalidade, formava-se parte de um todo no qual o companheirismo e a solidariedade eram valores fundamentais. Estrella se refere a isto quando responde à pergunta sobre o que não deve ser esquecido da época em questão:

¿Qué es lo que usted piensa que no se debe olvidar de ese pasado?

Los principios que nosotros tuvimos como compañeros, no había egoísmo, si uno se alimentaba el otro se alimentaba, era una época muy bonita, eran realmente compañeros, no había egoísmo... No es como ahora que estás buscando ver que en qué puesto estás para ver que fallaste para que otro caiga encima, no, nosotros no vivimos eso, era otra cosa diferente, donde si vos no tenías pantalón yo tenía uno que te quedaba yo te lo daba y me desprendía de algo como, como nada, era esa forma de compañerismo, era esa forma de compartir las cosas, era el no tener barreras ni fronteras, era el no saber si eras panameño, costarricense, boliviano, brasileño... No importaba, era que todos teníamos el mismo fin, ayudar a la gente que necesitaba. (Estrella, 09/05/2013)

Nessa mesma linha, Leonida faz referência à solidariedade do povo centroamericano durante a época e a importância dessa lembrança não ficar só na “cabeça” das pessoas que vivenciaram dita experiência de solidariedade:

Toda la época de la insurrección, todo el pueblo centroamericano igual solidario profundamente con nosotros, el pueblo centroamericano, era una cosa... Realmente un desborde de de... De solidaridad y eso, y eso no se borra, hay que buscar cómo trabajarlo, cómo mantenerlo, que no se vaya perdiendo en las cabezas de las personas que nos vamos haciendo viejas y nos vamos olvidando. (Leonida, 06/05/2013)

Até aqui mostramos como nas lembranças das mulheres entrevistadas, aparecem indetificados fortes sentimentos de unidade internacional em relação ao povo nicaraguense como grupo afetado pelas atrocidades da ditadura somozista.

Nas seguintes falas mostraremos como em duas das entrevistadas, Yamileth e Georgina,

ambas auto-identificadas como feministas, deram-se também sentimentos de identificação com as mulheres nicaraguenses como grupo.

A Yamileth, ex-militante do Partido Vanguardia Popular e membro de uma organização de mulheres, fala de como a cumplicidade levou a estabelecer laços de irmandade entre as mulheres costarriquenhas e nicaraguenses, e como o fortalecimento dessas relações através de ações de solidariedade supriu a ausência de um movimento de mulheres fortalecido capaz de denunciar as violações aos direitos humanos cometidos contra as mulheres nicaraguenses:

(...) pero sí, en el encuentro de las mujeres nicaraguenses esa complicidad entre nosotras hacía que no solamente nos convirtiéramos en mujeres solidarias si no también en hermanas, los mensajes, los papelitos: ¿Cómo estás? ¿Cómo te va? ¿Qué pasó? ¿Qué necesitan? Inclusive pasada la revolución sandinista nosotras éramos las madrinas de una escuela en Rivas, nosotras la Alianza de Mujeres. Entonces durante casi un año estábamos mandando pintura, recogíamos plata para mandar cuadernos y pintura para la escuela. Lamentablemente después de eso mucha gente de esos poblados empezó a migrar y mucha gente de esa se vino para acá y hubo pueblos que se fueron quedando sin gente... Pero si, nosotras mantuvimos contacto permanente con las mujeres nicaraguenses, no solamente de esa relación personal colectiva que nos dábamos, sino también de difundir porque en aquel entonces el movimiento de mujeres en centroamérica no era tan fuerte, no había un movimiento de mujeres fuerte (...) (Yamileth, 09/04/2013)

Na sua fala, Yamileth posiciona-se como parte de um grupo. Ela fala em plural e desta forma nas suas memórias aparecem outras mulheres que formavam parte da organização de mulheres da qual ela participa até hoje. No plano pessoal, Yamileth expressa também os efeitos dos acontecimentos na Nicarágua na sua subjetividade, assim como vimos nas falas apresentadas acima. No seguinte trecho ela conta-nos como a segurança das mulheres nicaraguenses passou a ser uma preocupação que afetou sua vida:

Esa dictadura en Nicaragua ¿Te afectó la vida de alguna manera? Sí, si me afectó la vida porque este esa complicidad con compañeras que luchaban contras la dictadura, pensar cuando pasaban cosas que si estaban vivas, que si las habían matado, que si habían podido salir, que si venian de acá y regresaban, que si podían haber entrado al país o no... Todas esas situaciones lo golpean a uno, lo afectan.(Yamileth, 09/04/2013)

A Georgina expressa também uma identificação com as mulheres nicaraguenses como grupo. Para ela essa identificação foi um dos motivos para se organizar e apoiar o processo revolucionário. Da mesma maneira que a Yamileth fala em plural, a Georgina chega a se reconhecer como parte de um grupo de mulheres em que, pelos afetos construídos,

simbolicamente não havia fronteiras:

¿Qué aglutinaba a las ticas para apoyar aquel proyecto revolucionario, aquellos sueños?

Casi que éran los mismos, sí, porque nos sentíamos uno... Yo recuerdo que nos sentíamos uno. No había frontera por lo menos dentro de nosotras, cero! (Georgina, 17/06/2013)

No caso de duas entrevistadas nicaraguenses, a Leonida e a Fernanda, ambas militantes da FSLN, houve uma forte identificação com os companheiros/as da Frente. O fato de terem enfrentado uma ditadura na clandestinidade desenvolveu nelas um profundo sentimento de companheirismo, carinho e solidariedade, como narra a Leonida:

¿Cuáles son sus recuerdos más importantes de esa época?

Ese vivir en en en ... ah púchica en hermandad, ese vivir en hermandad... Entendés? Esa capacidad de desarrollar empatía con alguien que estás conociendo ahorita que entró ahí, por que sabés que es un hermano, sabés que es alguien que está dispuesto a dar la vida por vos como vos estás dispuesto a dar la vida por él, entonces eso que te decía: te levantabas y decías hójole será que este día? O sea eso, eso de de y que que no es fácil contarle, fijate Elvira, porque suena de pronto como a la gran pucha esta mae se cree la heroína, pero fue tan corriente, era tan... era el pan nuestro de cada día y lo que pasó visto para atrás es que cobra una dimensión que no te das ni cuenta, di, pero bueno no tenías un pantalón, no hay problema si el del compa te quedaba sencillamente te lo ponías me entendés, eso no lo volví a tener más nunca, eee, porque es distinto de la relación con la familia porque de la familia esperás que sea así pues, es como lo natural y afortunadamente en mi casa así ha sido, pero es distinto, eso sabés que contás con el otro para lo que sea,

(...) es como una cuestión de los sentimientos, no tan puro como te lo cuento porque tenés miedo, pues a la gran puchica no tenés una toalla, o sea, es un revoltijo, pero, pero lo que sobresale es eso, o sea saber que, que esos hombres, porque básicamente vivía con hombres, son tus hermanos en el sentido que ese era tu sostén, ese era tu armazón, ese era tu mundo. (Leonida, 06/05/2013)

Aqui Fernanda conta-nos como o fato de se encontrar cotidianamente em risco de morte fez com que se aprofundassem os vínculos de cuidado e solidariedade entre os/as companheiros/as da FSLN:

¿Cuáles son sus recuerdos más importantes de esa época?

(silencio)

A ver ¿De los 70? Talvés eee el sentimiento de, de unidad que teníamos porque todos estábamos poniendo en riesgo nuestra vida de diferentes maneras. Éramos muy unidos, las células entre sí, las células con los compañeros que sabíamos que estaban pero que talvés no eran de la célula de nosotros, éramos capaces de hacer cualquier cosa porque a alguien no le pasara nada. (Fernanda, 02/05/2013)

Vemos desta forma como na hora de perguntar pelas lembranças mais importantes da

época, ou por aquilo que não pode ser esquecido, o que fica é o sentimento de companheirismo, de carinho, de solidariedade que faz com que as lembranças se conservem em cada uma das entrevistadas. Fazer parte de um grupo envolve que a lembrança apareça carregada de aspectos emocionais, favorecendo a consciência de pertencimento e a resignificação dessas relações que se deram no passado. Na fala da Leonida isto fica nítido quando, no momento da narrativa, expressa dificuldade para contar sobre as carências materiais da clandestinidade e os fortes vínculos que essa carência gerou entre companheiros/as da FSLN. Ela consegue hoje re-dimensionar a importância desses vínculos. Hoje enxerga-os como o alicerce, como o elemento que mateve seu mundo em pé em meio a um contexto político de repressão militar carregado de carências materiais e longe da proteção da família. Os e as companheiras de luta passam a ser esse referencial importante de suporte emocional e a convivência cotidiana que exige a clandestinidade conduz à construção de fortes laços que ficam nas lembranças.

Podemos desta forma identificar três grupos com os que as mulheres entrevistadas identificam-se: o povo nicaraguense como um todo, as mulheres nicaraguenses e os/ as companheiros/as de luta. No caso das mulheres costarriquenhas vemos como a identificação não era necessariamente com o sandinismo como grupo, assim como a Clara aponta:

(...) en general vos te encontrabas un ambiente que favorecía el apoyo a la revolución por antisomocismo más que por sandinismo ¡Por antisomocismo! Y como te digo, todos los niveles hasta tía Rosa, si estuviera viva la hubiera entrevistado. (Clara, 24/06/201)

O antimosomozismo fez com que na Costa Rica se desse um ambiente favorável para a solidariedade com o povo nicaraguense, tal e como explica Blanca: “en este país había un sentimiento antisomocista, desde mucho tiempo atrás, desde los intentos de invasión, y que si el 55... Desde mucho tiempo atrás, un sentimiento antisomocista”. Assim pessoas sem vínculo partidário ou organizativo, de maneira espontânea, participaram de atividades em apoio à Nicarágua mobilizados pelos sentimentos de injustiça que a ditadura provocava entre a população costarriquenha.

4.3 Identificação de adversários e sentimentos antagônicos

As dinâmicas de identificação incidem nas formas como são percebidos os interesses

simbólicos e materiais dos diferentes grupos sociais. Assim como diferenciamos três grupos com as que as mulheres entrevistadas se identificaram: o povo nicaraguense, as mulheres nicaraguenses e os/as companheiros/as de luta, passamos aqui a diferenciar os grupo que para elas representam adversários: o imperialismo dos Estados Unidos da América, o somozismo na figura de Anastasio Somoza e seus dois filhos sucessores, e por último os grupos econômicos que colaboraram com a manutenção do regime militar.

Segundo as mulheres entrevistadas a urgência estava em libertar a Nicarágua da ditadura Somozista, pelo que os esforços se concentraram no projeto revolucionário e na luta armada, o projeto político de país viria a consolidar-se no momento posterior à queda do ditador. Isto provocou que muitas pessoas na Costa Rica identificaram-se com a parte da luta que contemplava a denúncia e defesa dos direitos humanos que estavam sendo violentados na Nicarágua, sem simpatizar necessariamente com a FSLN. Yamileth explica este ponto no seguinte trecho:

¿Cómo hacían las mujeres para organizarse para apoyar el proyecto sandinista?

Yo creo que no era tanto el proyecto revolucionario de Nicaragua sino la lucha contra una dictadura porque el proyecto revolucionario no estaba claro, no, éramos nosotras que nos pasabamos en las noches tratando de oír Radio Sandino, de captar Radio Sandino, pero era como los militantes que hacíamos eso. Hacia afuera eran los derechos humanos, la dignidad de un pueblo, y la solidaridad, pero el proyecto político era una cosa más superior que sí lo teníamos claro quienes éramos militantes contra la dictadura. (Yamileth, 09/04/2013)

Para Yamileth o projeto revolucionário estava claro para quem como ela militava no partido comunista. Fora da estrutura partidária a luta era pelos direitos humanos e a dignidade do povo nicaraguense. Isto fez com que houvesse quem se identificasse com a causa sandinista e que se identificasse com o sandinismo. A mesma Yamileth, no trecho a seguir, conta como o principal objetivo, sem saber o que vinha depois, era derrocar a ditadura somozista, a qual concentrava o poder político e econômico, inclusive com a Igreja Católica como aliada:

La ilusión era derrocar a la dictadura, sin tener previsto qué era lo que venía después, no había un propuesta política más que derrocar a la dictadura. Que yo me acuerde la dictadura era el lema principal, luchar contra la dictadura de los Somoza que tenían el poder político, el poder económico y el poder de todo, de la Iglesia (...) (Yamileth, 09/04/2013)

A importância desta categoria para a análise da consciência política está segundo Sandoval (2001), no fato de que a identificação de um adversário sustenta a ação coletiva orientada para

um objetivo claro, neste caso derrocar a ditadura somozista, como aponta Yamileth. Clara aponta este elemento como uma linha que era lançada desde o partido Vanguarda Popular:

Yo ahí tengo todos mis libritos, Lenin hablaba en la organización partidaria la importancia de tener uno claro cuál es el enemigo común (Clara, 07/06/2013)

A militância destas mulheres em partidos políticos e organizações sociais foi essencial. Foi por meio desta militância que foram capazes de enxergar além da ditadura somozista e perceber as forças e interesses políticos na manutenção da ditadura somozista como regime, tal e como aponta Clara:

Después cuando el Frente se unifica, yo lo que creo es que de alguna manera la guerrilla empezó a tener apoyo popular tanto en Nicaragua como aquí (Costa Rica) porque se aglutinó y el enemigo común era Somoza, en ningún momento es por que el enemigo común fuera el imperio gringo, eso sí lo sabíamos nosotros, eso sí lo teníamos claro nosotros en el partido, todas esas dictaduras eran títeres de algo más grande, pero en general la conciencia nacional era sobre todo identificar a Somoza. (Clara, 07/06/2013, o grifo é nosso)

Isso que Clara reconhece como algo maior refere-se ao papel que os Estados Unidos da América cumpria como o principal aliado do somozismo. Lia descreve desde sua perspectiva o jogo político de poderes que se articulou para que na Nicarágua se instaurasse uma ditadura:

Bueno en primer lugar, el apoyo gringo era fundamental y el deseo de los gringos deee... de sostener un aliado incondicional, eso fue clave, verdad? Eeee... (silencio) Esteeee... laaaa... la complacencia del partido conservador, del partido oposición que no era oposición si no que era un partido zancudo. Verdad? O la inexistencia de una oposición real, eso era una contribución fundamental. El control del ejército, el control absoluto del ejército, eee fue también... Y que tenía que ver con el apoyo de los gringos, los gringos dejaron como presidente a un jefe del ejército, tener carta blanca para hacer lo que querrás, “es un hijueputa pero es nuestro hijueputa”. (Lia, 24/04/2013, grifo nosso)

Esse movimento de cima para baixo em termos políticos é o que Clara assinala como as razões para que na Nicarágua a família Somoza conseguisse manter-se no poder. Para ela, e reconhecendo que é necessário olhar para a história da Nicarágua, o mandato veio dos Estados Unidos que queria garantir seus interesses e, para isto, ajudou a colocar no poder uma figura fiel à sua política expansionista:

De una manera muy simplista, sí, eso viene desde un propósito mayor de expansión ¿Verdad? Yo creo que habría que irse un poco a la historia de Nicaragua y no la conozco lo suficiente como para... Yo incluso me remontaría al 56 ¿Verdad? ¿Qué facilitó ahí para que William Woker fuera presidente de Nicaragua? ¿Qué luchas internas, cuál es la correlación de fuerzas que hay un

país que facilite la apropiación del poder de una persona verdad? Y en Nicaragua que me parece que es contrario a lo que pasaba en el resto de Centro América, de una familia, porque casi que hubo... Yo creo que no fue así ni en Guatemala, ni en El Salvador, Honduras con sus castas militares... En el caso de Nicaragua es una dictadura militar y familiar que Tacho viejo le hereda a Tacho hijo, que en un momento la presidencia la ocupa el hermano Luis, dicen las malas lenguas que se lo volaron porque estaba como aflojándose, que montan al otro títere que estaba de presidente, pero no solo una dictadura militar sino familiar. Entonces yo sí creo que habría que devolverse muy atrás a la historia de Nicaragua y de las estructuras de poder y también cómo se movió ahí el poder económico ¿Verdad? Que necesitaba garantizarse un hombre de fuerza porque y también Nicaragua tuvo grandes rebeldes, o sea la época de rebelión sandinista, la primera con Sandino fue contra Somoza padre, Somoza viejo, entonces una sociedad más antagonizada si cabe el término, que la nuestra. ¿Verdad? Más polarizada, y eso no es particular de Nicaragua, también de los otros países. Lo interesante en Nicaragua es que se gesta un proceso casi que monárquico, y no te sabría decir porque Somoza este.... Creo mucho en el hilo conductor de todas estas dictaduras desde arriba como fue el intento de filibusteros, no fue un loco filibustero, era una política clara de penetración lo que ahí había totalmente apoyado por las fuerzas gringas y orquestado desde allá. (Clara, 07/06/2013, o grifo nosso)

Essa política expansionista precisou de pactos entre diferentes forças internas na Nicarágua para poder se consolidar e infiltrar-se nos assuntos do país. Luisa explica na sua narrativa como a burguesia e a Guarda Nacional tiveram um papel fundamental para a consolidação do poder da ditadura Somozista:

Pienso que la dictadura en Nicaragua, bueno primero la, la, la... El amarre de la burguesia con... de la burguesía, burguesía porque sociológicamente los que tenían tenencia de la tierra, que hicieron el pacto con Somoza, porque había un sector de la burguesia que no estaba con Somoza, estaba en contra. La burguesía más que todo se ha metido no por ideología, sino por defender sus intereses económicos, entonces Somoza a pesar de que era dueño de la mitad de este país, hacía pactos con algunos de los que hacían negocios, que les permitía hacer negocios, entonces la burguesía libero-conservadora, los pactos de la burguesía libero-conservadora fueron en lugar de ir aislando a Somoza del... de... de su gobierno, fueron acercándose a Somoza y a su gobierno dándole más poder, y el ejército fue fundamental, la Guardia Nacional fue fundamental en el apoyo, de mantener a Somoza en el poder. (Luisa, 16/04/2013)

Surge aqui o terceiro grupo identificado como adversário: a burguesia representada nos grupos econômicos fortes da Nicarágua que, procurando manter certos privilégios, apoiaram a ditadura. Mas Luisa aponta novamente para o papel dos Estados Unidos como financiador da ditadura, referindo-se a umas das tantas finalidades que teve o dinheiro que o regime recebia para comprar a supostos “aliados” da resistência sandinista:

El papel de los Estados Unidos fue violentamente abierto, violentamente abierto y eso le recuerda a uno cosas que ve en otros países ahorita: elecciones amañadas, elecciones con candidato que lo están apoyando ellos, cómo compraban a dirigentes estudiantiles, cómo compraban a, a.... A obreros que se vio después del triunfo aquí en Nicaragua... Compañeros con los que uno andaba a veces resultaron después del triunfo a la hora de que el Fente hizo revisión, en lo poco que quedó de los archivos de la seguridad, que trabajaban para la seguridad de Somoza. Entonces vendían información de lo que se hacía, y así cayó mucha gente, porque la gente que cayó del Frente no fue que la Guardia Nacional tuviera una gran habilidad para, si no que eran compañeros denunciados, les pagaban para que nos denunciaran.

Entonces en el gobierno ya, ya... y propiamente en la... Esto te estoy hablando de la lucha insurreccional, ahí se ve más claramente la penetración de los EEUU en los asuntos de Nicaragua. (Luisa, 16/04/2013)

Nesta mesma linha, Leonida identifica em suas memórias adversários externos à guerrilha e internos a ella, sendo que variam diferentes tipos de interesses antagônicos geradores de grupos distintos: aqueles que aderiam à burguesia (preocupados em manter e aumentar seu capital), em apreciadores do regime que também tinham vantagens, e em alguns que eram contrários ao regime, mas nem por isso a favor da FSLN, e por fim, aqueles que eram contrários ao regime e favoráveis à FSLN. No que tange aos guerrilheiros, fica claro que interesses particulares produziram indivíduos que minaram internamente as ações da FSLN, e geraram perigos reais decorrentes da traição. Esses elementos não poucas vezes eram adversários ocultos que só foram identificados após o fim do conflito.

Leonida coloca uma outra questão que parece-nos de suma importância e que explica todo o investimento que o governo dos Estados Unidos fez na época para manter uma figura como Somoza no poder. Trata-se do que ela chama de “ódio” pela revolução e pelo que ela representava para o resto da América Latina:

En parte los gringos temieron que el ejemplo nuestro fuera un mal ejemplo, tan agresivos con la revolución que llegaron a aprobar millones para entrenar, armar, asistir a los Contras... Suena como un cuento, pero lo que pasa es que desgraciadamente ese cuento es verdad. ¡Eso pasó! Además la historia ésta del comunismo que venía de Cuba y de los soviéticos, o sea, toda una armazón, una cosa que, que vista ahora es tan surrealista, tan fuera de los cinco sentidos. (Grifo nosso)(Leonida, 06/05/2013)

Atacar a revolução sandinista era para os Estados Unidos atacar também a revolução cubana e acabar com uma possível expansão do comunismo nos países da América Latina. Cuba era vista como fonte de inspiração para os processos de resistência que surgiam na região. Para a

resistência nicaraguense representou um dos mais fortes aliados na luta contra a ditadura somozista. Contudo, fica claro como se forjaram claras situações, realidades, que dão base a propaganda contra a guerrilha, e produzem uma história e uma memória. Por isso depoimentos como estes, por nós coletados, são tão importantes.

Olhar para esse passado, em que confluíram interesses das mais diversas naturezas para concretizar o que foi a ditadura somozista, permite que as mulheres entrevistadas façam alguns contrapontos com a situação atual da Nicarágua. Desta forma surge um quarto adversário. Falamos aqui de Daniel Ortega, atual presidente da Nicarágua, que tem se utilizado da sua participação protagônica na revolução sandinista para afiançar-se no poder desde 2007 até hoje. Para Marta e para Fernanda, as duas nicaraguenses, o governo de Daniel Ortega tem deturpado a história política da Nicarágua, principalmente a história da revolução sandinista, provocando sentimentos de traição:

Y entonces con un discurso de cristianismo y de solidaridad y todo lo demás, entonces para mí te digo es tan terrible porque la derecha, por ejemplo, vos sabés quien es tu contrincante verdad? Pero que esta gente que supuestamente se llama de izquierda y hace uso de un lenguaje supuestamente revolucionario para lograr las atrocidades que se están alcanzando es imperdonable, yo por lo menos lo vivo como una traición espantosa, una traición de estos que fueron mis compañeros en un tiempo, algo inaceptable... Que te pone a cuestionar todo, las derechas, las izquierdas, el marxismo, toditito pues por qué de dónde? (Marta, 01/05/2013)

As ambivalências do atual governo da FSLN são vistas como uma manipulação da história que entra em conflito com os fundamentos ideológicos do que na época foi a revolução sandinista. Vale a pena destacar aqui que, o uso de recursos discursivos para alterar a históriaAmbivalência para a obtenção de vantagens que gaantam a manutenção do poder, foi praticada tanto pela direita na ditadura, quanto pela esquerda que chega ao poder. Assim, a entrevistada reivindica o direito a uma memória políticada da revolução distinta da que foi produzida tanto pela direita, quanto pela esquerda no poder. Ela demanda a memória da resistência preocupada com o fim das injustiças e com a obtenção e manutenção do poder que justifica distorcer fatos e gerar memórias que não são fieis aos acontecimentos, a realidade. Ambivalência que também é relatada por Fernanda:

Pero ellos, yo lo que he sentido, es que han tejiversado el pasado, un poco han hecho una historia a su manera donde Daniel ocupó un lugar más relevante, donde este, ella, esta mujer pudiera estar tratando temas como estos, pero ella... creo yo que se ha declarado no ahora pero... ahora están como callados pero en

periodo pre-electoral casi enemiga del movimiento de mujeres, además lo del aborto, para la gente que viene de la revolución no pensar que una mujer tiene un derecho sobre su cuerpo a mí me parece pues realmente impresionante(...) (Fernanda, 02/05/2013)

Ao se referir a “esta mujer” Fernanda está falando de Rosario Murillo, primeira dama da presidência, e que tem ganhado muita visibilidade política em função da crítica do movimento feminista nicaraguense. O que fica claro na narrativa da Fernanda ao apontar para fatos acontecidos em 2006, quando em plena campanha eleitoral a FSLN fez uma aliança com a Igreja Católica e entraram com um projeto de reforma política que penaliza o aborto independentemente das motivações, mesmo que o feto seja anencéfalo ou que a gravidez ameace a vida da gestante. Antes disso a lei nicaraguense permitia o aborto terapêutico. Abre-se mão de princípios que eram defendidos na revolução para viabilizar um projeto de poder, e ao fazer isso, gera-se “novos adversários”, “as feministas”, e novos aliados, a Igreja conservadora. Identifica-se, por tanto, uma mudança no sistema de crenças e valores sociais que são marcadamente utilitaristas e que produzem revolta e desmobilização por um lado, mas por outro, novas resistências que disputam sentidos sobre o passado da revolução e sobre o papel de seus atores no processo revolucionário, em especial o desempenhado por Ortega.

Na percepção das mulheres entrevistadas, na Nicarágua se vive hoje uma situação com muitas semelhanças com a época da ditadura somozista: o poder concentrado numa família, que detém o poder político e econômico. A diferença está numa figura feminina forte que aparece no governo de Ortega que, por sua influência, se fala até mesmo de governo Ortega-Murillo, enquanto que na família Somoza sempre sobressaíram figuras masculinas. Lia faz uma clara comparação entre as duas famílias e a relação do poder e do dinheiro em ambas quando responde à pergunta sobre como Daniel Ortega relaciona-se com o passado de ditadura, revolução e resistência:

Reitera todito (risas) Es impresionante cuando, cuando uno vuelve a ver eso que pasó antes y lo que está pasando ahorita, vos decís no hay ninguna diferencia, o hay muy pocas diferencias; una diferencia: Somoza tenía un hijo metido en la política, este (Daniel Ortega) ¡Tiene 10! O nueve... metidos en la política y en lo negocios. ¿Verdad? Y su esposa... y sus nueras y sus yernos, o sea la mafia es mucho más extendida, y el.... igual que Somoza, o sea Somoza no nace o no llega al poder con un poder económico entonces él tiene que abrirse un campo y el reconocimiento de la clase poderosa económicamente y entonces por eso se casa con alguien de esa clase. ¿Verdad? Por eso este no es o sea ... o es... No fue necesariamente, o sea, ¡Somoza Debayle! O sea, tiene que conseguirse a

alguien, a una de la rancia; uno, y dos tiene que conseguirse un cachimbo de reales para que lo empiezen a ver, para que no lo vean como dicen aquí como un mengalo, como un cualquiera, este (Daniel Ortega) ya tenía a la esposa, ya no le queda de otra (risas) que seguir apechugando con esa y entonces el tema económico tienen que hacer un cachimbo de reales, y tiene que conseguirse un cierto reconocimiento por otras cosas, probablemente, digamos, nunca lo van aceptar dentro de la círculos sociales pero los hijos ya se empiezan a mover dentro de esos círculos, los nuevos ricos. (Lia, 24/04/2013)

No caso das mulheres costarriquenhas, percebe-se que a figura de Ortega, se bem não aparece tão clara como um adversário, é identificado como parte de um grupo que, na comparação, defende os mesmos interesses que defendeu a ditadura somozista: o poder político e econômico às custas das classes populares. Desde a perspectiva de Yamileth, Daniel Ortega e seu irmão Humberto foram figuras importantes na derrubada da ditadura, mas hoje Daniel pertence à classe burguesa que detém o poder econômico:

Di eran dos hermanos guerrilleros ¿Verdad? Muy valientes y que logran cohesionar una coalición de fuerzas para luchar, para derrocar una dictadura pero que no pasó de ahí. Después se convirtió en un político burgués igual que cualquier otro... En un burgués más con un poder económico increíble. (Yamileth, 09/04/2013)

Na memória das mulheres entrevistadas há uma grande dissonância entre o que Daniel Ortega representou como revolucionário e o que hoje representa como presidente de um governo revolucionário. Na fala de Clara pode-se ver essa discrepância pelo reconhecimento do papel histórico desta figura no triunfo da revolução, ao mesmo tempo apontando as contradições atuais em relação à apropriação do poder econômico:

Mirá, yo tengo una ambivalencia presente en estos momentos con Daniel. Pero no se puede... No se puede desconocer en la lucha antisomocista el papel de los dos, de Daniel y de Humberto. Daniel, Humberto, Tomás... Tomás era la fracción del PC, del Partido Comunista. Daniel y Humberto eran de otra, después estaba Jaime Wheelock, eran las tres fracciones; no recuerdo cual era... Ellos supieron aglutinar, supieron dirigir y tuvieron la sabiduría para poner abajo y unirse, que ese es un problema que seguimos teniendo aquí la izquierda, tuvieron la sabiduría porque el Frente comienza a avanzar militarmente cuando se da la unificación política de las tres fracciones del Frente y en eso la coducción Daniel y Humberto tuvieron un papel fundamental, y también en la conducción militar.

Eso fue un giro inmediato a la guerra, yo creo que a Daniel esa parte, ese papel histórico no se le puede desconocer, yo le cobro otras cosas, yo le cobro como por ejemplo apropiarse del poder y aprovecharse del poder, incluso con provecho económico, si Daniel vive como un rey, y en Nicaragua te hablan del barrio de los Ortega. De Humberto no te sé decir porque está desdibujado.

¿Verdad? Daniel a mí me parece que maneja un doble discurso, una cosa es su política hacia afuera y otra cosa lo que no ha podido lograr o lo que ha logrado a medias adentro, porque el pueblo de Nicaragua sigue siendo un pueblo muy dividido con una distancia entre clases enorme. ¿Verdad? Yo no sé ya de alianzas con la burguesía, no te sé decir, además hay un proceso de corrupción del carajo también.(Clara, 07/06/2013).

Se bem as mulheres entrevistadas apontam para uma manipulação dos fatos históricos, para nós isto pode ser lido como uma das formas nas que opera o esquecimento, pois a seleção dos fatos do passado e as formas de contá-los vêm a instaurar “verdades”, que com claros interesses políticos, automaticamente excluem outras versões da história. Assim nasce uma nova versão oficial da memória política da revolução, fato que nossas entrevistadas denunciam com veemência.

4.4 Sentimentos de eficácia política

Analizaremos nesta parte a relação entre solidariedade e eficácia política. Neste sentido interessa-nos apreender as significações que na memória das mulheres entrevistadas aparecem sobre a solidariedade como uma forma de participação política em apoio ao projeto revolucionário sandinista.

O grande objetivo da solidariedade estava em somar forças e isto logrou-se a partir do compromisso de participar dos diferentes espaços nos quais as mulheres aqui entrevistadas atuavam. As violações aos direitos humanos, por exemplo, desenvolveram em Yamileth um sentimento de rebeldia que a levou a comprometer-se com as mulheres e com o povo nicaraguense:

y una revbeldía, una necesidad de que las fuerzas se multiplicaran y también de que yo tenía un compromiso de actuar desde aquí para lograr contribuir con las mujeres y con el pueblo de Nicaragua. (Yamileth, 09/04/2013)

Esse compromisso levou a Yamileth, como vimos no começo deste capítulo, a hospedar em sua casa uma mulher nicaraguense pelo período de um ano para que esta pudesse denunciar intencionalmente os horrores cometidos pela Guarda Nacional da ditadura.

No seguinte trecho a Georgina lista suas lembranças mais importantes da época, todas estas ações de solidariedade que refletem um ativamento político, desde seu lugar de militante do partido comunista e colaboradora da FSLN:

El primero era el que más miedo me daba, correo con 9 meses de embarazo, pero era lindísimo, pero era un gran susto, pero no pasó nada gracias a Dios, todo salió bien. Después el internamiento en la clínica para sacar los medicamentos, eso fue importantísimo para mí y además gozábamos montones. ¿Verdad? En una clínica particular burguesa, esa fue una de las más increíbles. Después el apoyo que nosotros dábamos a los que iban a descansar a la casa porque entonces nos dedicamos a chinearlos y en las noches a los grandes diálogos donde aprendíamos cosas bellísimas, maravillosas, en donde ellos nos enseñaban muchas, muchas muchas cosas... Y una cosa muy linda era que en nuestra casa entraban personas de Costa Rica que se iban a ir pronto, pero tenían que desaparecerse antes, si... ¡Ah! Luego una cosa muy linda, se me había olvidado, las donaciones de sangre... Cosas que parecen muy sencillas pero que llevaban un trabajo. Luego la otra también muy linda era que el rector de la Universidad nos prestaba la máquina de escribir y una compañera mujer iba a casa, yo iba escribiendo y ella iba pasando para los documentos y las cosas ya fueran de allá o de aquí sobre lo de allá. (Georgina, 17/06/2013)

Essas ações de solidariedade chegaram a envolver diretamente as famílias das mulheres, situação que se dava pelo fato da maior parte do trabalho delas em apoio ao sandinismo ter ocorrido nas próprias casas das entrevistadas. Diferenciam-se aqui dois tipos de trabalhos: um trabalho mais subterrâneo e outro que acontecia em espaços públicos. O primeiro demandava de toda uma preparação logística que muita das vezes exigiu das/dos militantes ficar na clandestinidade. Já o trabalho mais público era direcionado a conseguir o apoio popular para a denúncia pública das violações aos direitos humanos que estavam acontecendo na Nicarágua. Ambos tipos de trabalho eram compartimentados e orientados desde as células do Partido Vanguardia Popular. Clara esteve vinculada com a parte clandestina, mas também participava da organização de atos culturais com o objetivo de gerar sentimentos de identificação com o povo nicaraguense e, ao mesmo tempo, coletar dinheiro para apoiar a resistência:

En esos últimos años yo te estoy hablando del 76-77, mi participación era de mucha actividad porque además de que yo seguía en la universidad era funcionaria ad honorem, yo pasaba por lo menos la mitad del día presencialmente en la JOTA (juventude comunista), y yo trabajaba con la Comisión de Cultura, la Comisión que tenía a mi cargo en la JOTA era la de cultura, entonces en esa comisión estaba Macho Gamboa, Luis Enrique, estaba yo y Gerardo Arce el actor, creo que Dionisio, me parece que esos éramos, entonces yo pasaba mucho tiempo de la actividad partidaria... Además de qué sé yo, las reuniones del Comité, de célula, de pegas, de pintas, pasaba mucho tiempo organizando actividades culturales de apoyo a la Revolución Sandinista que era muy fácil, porque la efervescencia de grupos. ¿Verdad? De música, sobre todo de música, de teatro apoyando a la revolución, nosotros teníamos la directriz, tu mamá se debe acordar muy bien, la parte cultural tenía una fuerza enorme, nosotros organizábamos actividades de solidaridad, también se recogían

fondos... (Clara, 07/06/2013).

O trabalho cultural servia também como “fachada” para o trabalho de inteligência. Clara conta-nos em algum momento da entrevista sobre quando mudou-se para a Cuba junto com seu companheiro, militante do Partido Vanguarda Popular e colaborador da FSLN. O objetivo foi se formar no trabalho de inteligência para logo depois se incorporar na Costa Rica em ditas atividades:

(...) nosotros venimos acá a meternos de lleno pero con el trabajo de retaguardia acá, entonces había situaciones, condiciones que favorecían mucho ya el trabajo del Partido propiamente porque di xxx era mi cuñado, entonces en la casa de nosotros... Bueno mi vida como militante, muy metida en la parte esta cultural que era la gran fachada pero haciendo una serie de trabajos que demandaban sobre todo desde la Comisión de Seguridad, mi compañero estaba en la Comisión de Seguridad del Partido.

Entonces yo no me acuerdo en qué orden pero constantemente traíamos compañeros que había que alojarlos en diferentes casas, que había que prepararles cosas, que había que pasarlos a Panamá, eso era una actividad constante, una efervescencia enorme (...) (Clara, 07/06/2013).

Me acuerdo que esa vez me correspondió hacer un viaje sola por centroamérica, yo iba, me acuerdo, que con ropa prestada, mi hermana me prestó ropa, yo inventé que era una cuestión de la universidad y llevaba la plata para los compañeros que ellos todos la idea era que viajaran a Panamá, y en Panamá agarraban un barco para ir a Cuba, imagínate que en esa época ir de Guatemala a Cuba... Entonces ese viaje fue orden del partido, llevaba dinero a la juventud comunista de Guatemala, a la de Honduras, El Salvador y Nicaragua para que ellos pudieran desplazarse hasta Panamá para de ahí irse para Cuba, y además otras tareas por ejemplo traer aquí (señala la cabeza) memorizado por que no podía andar con documentos, traer memorizado la situación concreta de cada país de la organización... (Clara, 07/06/2013).

Na maioria das vezes este tipo de ações vinham como ordem da direção do Partido, em contraposição a outros tipos de ações espontâneas de pessoas que não tinham filiação partidária ou organizacional e que se mobilizavam pelo desejo de colaborar de alguma maneira. Exemplo disto é uma ação levada a cabo por uma mulher próxima à família da Clara e que reflete como o apoio chegou a se generalizar:

por ejemplo tía Rosa ¿Verdad? Que te acordás de ella? Es una vieja guayacana, esa fue, la puso más feliz cuando nos fuimos para Cuba, tía Rosa por ejemplo siendo una mujer de la puritica burguesía recogía dinero en La Granja y compraba sombreros de ala ancha para las guerrilleras y ella iba en jeep y se los dejaba en la frontera, la tía Rosa mirá vos? De la puritica burguesía... ¿Porqué? (Clara, 07/06/2013).

Mulheres de diferentes condições sócio-econômicas, como a tia Ana descrita pela Clara

como de origem burguesa, encontram nas suas próprias particularidades as janelas para a ação. Blanca é um exemplo disso. Aqui ela nos conta como achou uma vantagem no estigma de “burguesa” para colaborar sem levantar suspeita do seu envolvimento com a resistência sandinista:

(...) tal ves mi posición de, como decían, de pequeña burguesa me permitió hacer muchas cosas, muchas cosas que otras personas no tenían condiciones. Tenía estatus, apariencia... Que me respaldaba una leyenda. ¿Verdad? Para andar por centroamérica, "¿Y usted qué viene a hacer aquí?" Ok, yo tengo dinero, en ese tiempo mi familia tenía una tienda en el Centro Comercial del Sur, entonces yo iba a El Salvador y compraba ropa de chiquitos digamos, entonces mi posición me permitía todo eso... (Blanca, 24/06/2013)

Essa relação com o dinheiro que se desenvolveu na sua infância e na relação com a família ajudou-a a aperfeiçoar nela a habilidade de gerar dinheiro, destreza que foi muito valorizada e explorada no partido para colaborar com a FSLN:

Entonces era un poco difícil eso y me veían así como "y esta chiquita bonita ¿Qué hace aquí?", pero yo era tan breteadora, tan breteadora, tan breteadora que donde me iba, lo que yo me ponía a hacer, de verdad yo creo que era siempre lo mejor que yo podía hacer... Pero si, mi ayuda a la revolución sandinista fue básicamente económica. Económica por mi capacidad, por mis contactos, porque yo después andaba por todo lado buscando gente que me regalara plata, mensualmente vendíamos unos bonos, vendíamos unos bonos de 100, carísimos de 500 colones en ese tiempo pero era dinero era, qué sé yo, como 100 dólares de ahora. ¿Verdad? (Blanca, 24/06/2013)

De trabalhos de arrecadação de dinheiro, Blanca passa a fazer outros tipos de trabalhos mais arriscados, os quais conseguiu completar, em grande medida, pela proteção que sua condição de “burguesa” lhe dava:

Yo te digo por ejemplo en mi caso que esto me permitió a mí desarrollarme y aportar a otros procesos y yo me acuerdo cómo yo me fui desarrollando, cómo mi capacidad se fue desarrollando para poder hacer cosas sumamente comprometeoras de tráfico de armas, yo trafiqué armas por toda centroamérica, hice viajes que involucré a mis hijos y yo digo ahora "hay dios mío, cómo lo hice" verdad? Pero yo sentía que no había otra opción, que había que hacerlo, que tenía que hacerlo... Tenía que hacerlo, y bueno pero esa fue la base mía para desarrollar y así permitirme ayudar a otros procesos... Probablemente, pues si, todos necesitamos una escuela y eso es lo más bonito, y lo más bonito fue que yo pude ayudar a otros pueblos. (Blanca, 24/06/2013)

Essa passagem para atividades de solidariedade mais perigosas, que chegaram a comprometer a segurança dos próprios filhos, desenvolveu em Blanca um sentimento de eficácia política para continuar ajudando inclusive em processos de resistência em outros países da

América Central.

Neste sentido, quando a Estrella responde sobre se acha que existem diferenças entre as formas de atuar politicamente das mulheres em relação aos homens, faz menção da astúcia que, segundo ela, caracteriza o agir político das mulheres:

(...) sí éramos como más astutas, por ejemplo una vez xxxxx traíamos un camión de armas para dejarlas aquí por la frontera y ahí las iba a esperar y las iban a llevar para Nicaragua, y me dice “¿Cómo hacemos?” Me dice xxxxx, tenemos que dejar el camión en algún lugar, no podemos dejarlo en un parqueo, se ve, y ahí yo “no te preocupés niño, vamos” y ahí lo fui a poner frente a la iglesia de San Pedro y me fui a la policía y le dije al policía si me cuidaba el camión que se me había varado y mi esposo andaba buscando una pieza y se necesitaba para el camión. ¡Y ellos me cuidaron el camión! (risas) ¿A dónde podía estar más seguro? (Estrella, 09/05/2013)

A astúcia levou Estrella e Clara a assumirem tarefas cada vez mais complexas, reflexo das suas capacidades e do compromisso político que fizeram com que as lideranças no Partido e da FSLN depositassem nelas a confiança para que se envolvessem em atividades de maior risco:

Ya no era ser correo sino ya tenía otras actividades, pasé a ser responsable de la cuestión logística aquí en el sur con xxxx, me tocó en los últimos años, 78 y principios del 79, bases de comunicación y pasaba la cuestión logística, tanto pertrechos militares como la comida que necesitaban los combatientes, yo era la encargada del Frente Sur (risas) porque el que los compraba era xxxx, era el que tenía el dinero pero la encargada de entrar a las diferentes bases era yo, era una persona con un muchacho que se llamaba Mauricio y yo, un jeep y yo, en esa época tenía como unos 22 años, ya era mayor, ya tenía dos hijos. (Estrella, 09/05/2013)

O nível de organização era tal que estava contemplando um trabalho de retaguada para proteger quem encontrava-se na luta armada. Muitas das mulheres entrevistadas trabalharam assim, para garantir condições mínimas de segurança e alimentação para as e os combatentes. Luisa, mulher nicaraguense que teve que se deslocar em condição de clandestina para a Costa Rica, conta a importância desse trabalho:

Entonces eso se convierte en un gran proyecto que fue ya el proyecto que ayudó, que fuimos como la retaguardia de la gente que combatía en el frente sur. (Luisa, 16/04/2013)

A Costa Rica constituiu-se para a resistência nicaraguense num lugar seguro para articular ações que fortaleciam a retaguarda, para ampliar as redes de solidariedade, e para denunciar os horrores da ditadura somozista. A solidariedade atravessava todo o trabalho que na Costa Rica se deu para apoiar o projeto sandinista. Luisa descreve, por exemplo, atos em que as mulheres

costarriquenhas faziam uso dos espaços públicos para aproximar a população da realidade nicaraguense:

Con un grupo de mujeres de Costa Rica, de compañeras del partido hacíamos comidas típicas de Nicaragua como el vaho, como el vigorón, como las tajadas fritas y las íbamos a vender al Parque Central, y esto obviamente no nos... No nos daba una cantidad de dinero no, pero nos daba un ambiente de solidaridad que movía al costarricense, sobre todo al costarricense de la clase media para abajo, de la clase obrera, los bananeros fue otra gente con las cuales nos vinculamos fuertemente. (Luisa, 16/04/2013)

Algumas das mulheres entrevistadas participaram dos dois tipos de atividades: na parte de inteligência e segurança na clandestinidade, e na parte de articulação e logística das ações públicas culturais e de denúncia. Piedad, por exemplo, conta como recebia combatentes nicaraguenses em sua casa para cuidar deles:

Y qué era lo que hacía yo? Lavar, planchar, darles de comer, arreglarles pasaportes, arreglarles cédulas, arreglarles el pelo, arreglarles las uñas... Después ya cuando la cosa tupió llegaban con piojos, había que cortarles el pelo, echarles alguna cosa, bueno, pero yo lo primero que estaba joven, lo segundo que todos me hacían sentirme muy bien, gente muy humilde, muy buena, ya? Y ya bañado y sin piojos y todo guapo ya comía hasta un trago se echaba si era posible! (Piedad, 05/04/2013)

Este trabalho mais doméstico de cuidado contrastava com tarefas relacionadas com o tráfico de armas. A mesma Piedad relata com igual emoção a sua participação nestes dois tipos de tarefas:

(...) aquí yo alistaba armamento con los del Partido, con los que estaban con el Frente, y para ayudar a los otros países por ejemplo yo hacía bolsitas en la máquina para echar balas... Eso no? Es muy lindo y me gusta contárselo a alguien! Y después, este, las aplanadoras. ¿Sabe qué? Las ruedas son anchas como de un metro y cerradas totalmente, herméticamente. Eso se cortaba y se llemanaban de saquitos de bala... (risas) que lindo. ¿Verdad? Se tallaba otra vez, se pintaba y quedaba igualito, igualito, igualito... (Piedad, 05/04/2013)

Para Piedad sua eficácia política estava na astúcia da que nos falaram Estrella e Blanca e em poder oferecer cuidados básicos aos/às combatentes que chegavam da montanha, vindos da Nicarágua.

Piedad, Yamileth, Luisa, Estrella, Blanca, Clara e Georgina encontram no Partido Vanguardia Popular, um trampolim para se vincular a ações de solidariedade com a Nicarágua. Algumas delas, como Estrella e Piedad, resolvem em determinado momento se afastar do partido para dedicar-se inteiramente à colaboração com a FSLN. Outas, como Yamileth, Clara e Blanca

mantêm-se vinculadas ao partido e dividem o tempo da militância com as atividades em apoio ao sandinismo.

Em contraposição a estes casos, Marcela, enfermeira e militante do Partido Vanguarda Popular, relata como a sua colaboração esteve desvinculada da linha do partido. A oportunidade que viu para participar solidariamente com a revolução surgiu no local de trabalho e de forma espontânea. No seguinte trecho ela explica como se organizou, junto de um grupo de trabalhadores/as de um hospital público, para recolher medicamentos que eram enviados à Nicarágua:

Lo de los medicamentos estuvo entre el 78, 79 y el 80, después del triunfo de la revolución había mucha escasez de medicamentos, pero muchísimo, como te dije ahora, la revolución no resuelve las cosas en un instante, había que estar apoyando porque de alguna manera los líderes que triunfaron con la revolución tenían que dar respuesta de alguna manera verdad? Entonces lo que hacía era que había una persona en el Hospital San Juan de Dios, que ahorita no recuerdo el nombre, que sabía de ciertas enfermeras, antes no había muchos controles con los medicamentos, ahora no se puede hacer eso. ¿Verdad? Había ciertas enfermeras que eran solidarias con el proyecto de recolección de medicamentos y pasaban disimuladamente y recogían medicamentos. Yo era una de ellas, entonces no le estábamos quitando medicamentos a ningún paciente, antes no habían controles entonces si usted Elvira estaba internada le mandaban qué se yo ampicilina por cinco días pero a lo tres días le dieron la salida, y era inyectable, no se lo daban, se lo daban por oral entonces eso quedaba ahí guardado, se recogía y se entregaba. Todos los días pasaba una persona, yo creo que era alguien que trabajaba en el laboratorio, el laboratorista anda por todo el hospital con una cajita sacando sangre (risas) entonces es una buena estrategia para recoger medicamentos. (Marcela, 12/06/2013)

O sentimento de eficácia política está relacionado aqui a um sentido de ação em prol da construção coletiva das condições de mudança social, ou sej, a revolução só seria eficaz , caso, após a vitória, se fizessem esforços para a produção objetiva de condições de trabalho e de retomada da vida cotidiana. Nesse quadro, a reabilitação física de quem lutou era estratégico para superar, inclusive, aspectos traumáticos e evitar sentimentos de injustiça gerados por possível abandono. Cuidas da saúde era cuidar do futuro da revolução.

Já no tempo posterior à revolução, Marcela conta como por um acaso uma mulher nicaraguense e também enfermeira, a procurou para tentar obter um remédio que se encontrava indisponível na Nicarágua e servia para atender emergências de tipo obstétricas:

(...) en una reunión que yo tuve de enfermeras no sé por qué había ahí una

partera tradicional, estaba ahí en el CENDEIIS (una cuestión de investigación y docencia de la Caja), no tenía nada que ver con obstetricia era de enfermería, pero yo me identifiqué como enfermera obstetra, era nicaraguense, se acercó a mí después y me preguntó "tenés ergotrate" y yo le dije "qué es ergotrate?" Era el bendito Methergín. Entonces ya ella me contó su historia y los partos y la necesidad del Methergín. El Methergín sirve para prevenir las hemorragias pos parto, para que no se queden las placentas, para que el útero se contraiga. Una ampolla de Methergín en esos lugares hace la diferencia entre la vida y la muerte en una mujer. Ahora la FIGO (Federación Internacional de Ginecología y Obstetricia) reconoce la importancia de la Methergín en todos los lugares. Claro uno aquí no lo siente mucho porque está todo el sistema, donde quiera que vaya va a encontrar Methergín, pero en otros países que no está un sistema como el de aquí sí. (Marcela, 12/06/2013)

Marcela compara as condições em ambos países, enquanto a disponibilidade de certos medicamentos, e mede as possibilidades de colaborar desde seu espaço de trabalho, onde tinha acesso a recursos que na Nicarágua estavam bastante restritos.

Atuando ou não desde estruturas formais como o partido, as mulheres entrevistadas expressam nas suas narrativas sentimentos de eficácia política que se vêem claramente atravessados pela solidariedade que as moveu a se comprometer em ações que acreditavam contribuir para mudar situações de injustiça. Desta forma a solidariedade constitui-se como um campo de grande importância para intervir politicamente numa situação.

A injustiça é vivida por elas como uma fonte de angústia que, como aponta Sandoval (2001), é capaz de gerar ações coletivas de protesto. No caso deste trabalho, o protesto pode se ver manifesto em ações diretas de apoio à resistência sandinista.

4.5 Sentimentos de justiça e injustiça

Nesta categoria analizaremos o significado que as mulheres deram para a ditadura somozista como uma situação injusta na qual era imperativo intervir a partir dos lugares e espaços onde desenvolviam-se sentimentos de eficácia política, isto a partir das identificações com os diferentes grupos e ao mesmo tempo da identificação de adversários.

Os sentimentos de injustiça nas mulheres entrevistadas estão voltados para os abusos e as atrocidades da ditadura perpetradas pela Guarda Nacional. Algumas das entrevistadas reportam sensações de injustiça em lembranças da infância, ao recordar situações muito específicas que presenciaram ou escutaram. Piedad é uma delas. Na sua narrativa aparece uma lembrança que,

segundo ela, a fez pensar que alguma coisa errada estava acontecendo:

Cuando vivo en Peñas Blancas se dice que hay una persona que fue agarrada en el lago que quedaba cerca, ahí a cinco kilómetros, era un muchacho alto, de botas, con una camisa de cuadros y unos jeans y como un sombrero pero se miraba que era... No era un vaquero, era un muchacho de una familia bien. Ese lo agarraron ahí dicen con una lanchita con unas armas, no sé qué sucedió pero uno cuando es niño es curioso, cuando él entró al comando él iba bien, iba parado y buscaba que le vieran la cara pero parece que era de una familia conocida de Nicaragua, cuando él salió él iba boca abajo y la cara la llevaba todita cortada, dicen que le cortaban con un navajilla la cara y le echaban jugo de limón en la cara en la tortura, iba completamente torturado y la cabeza casi le pegaba a las rodillas, ese fue uno de los desaparecidos, no llegó a Managua. Esto impactó mucho y ahí yo supe que algo no estaba bien, yo no sé si fue por eso que mi mamá envió... Yo recuerdo que yo hablaba con mi mamá y le decía que yo no estaba de acuerdo, yo estaba como histérica, porque el muchacho se miraba bueno. ¿Cómo es posible que lo hayan torturado? (Estrella, 09/05/2013)

Para Estrella esse foi o primeiro encontro direto com a ditadura. Sem entender naquele momento o que estava acontecendo na Nicarágua, guardou o ocorrido na memória como uma situação injusta e com a qual não concordava. No caso, o sentimento de injustiça não se relaciona diretamente a alguma experiência pessoal direta, mas há um acontecimento que interage com a sua realidade. Estrella se dá conta da realidade injusta vivida na Nicarágua, e que potencialmente poderia afetá-la a qualquer momento.

Já para outras, como a Leonida, o momento de entender que na Nicarágua estava instaurada uma ditadura foi quando entrou na faculdade e começou a perceber as injustiças:

Ya en la universidad es que yo vengo y me percaté de la situación del país porque ya más me intereso, comienzo a leer, entonces... Ahí es cuando te das cuenta de que no hay otra opción, porque eso pudiera resultar emocionante si lo hubiera vivido con espíritu aventurero, pero es que no, o sea, en este país estaban prohibidos los partidos que olieran a izquierda y hay una represión... (Leonida, 06/05/2013)

Nesse trecho, Leonida conta como foi que se deu conta de que na Nicarágua havia uma ditadura instaurada. Foi nesse momento que começou a se relacionar com militantes do movimento estudantil que integravam a FSLN. A partir deste envolvimento, a fim de enfrentar a ditadura, ela então se junta à FSLN. No seguinte trecho vemos muito mais claros nela esses sentimentos de injustiça:

En la universidad, o sea, todo ese sentimiento de que venía acumulando de que había cosas que no pueden pasar, de que hay situaciones terribles en el país, comenzás ya a quererte informar, conversar con compañeros de tu edad, otra criatura como vos pero que te están contando cosas que pasan, eso fue en la

universidad... (Leonida, 06/05/2013)

Tanto na Costa Rica quanto na Nicarágua, as mulheres entrevistadas cresceram escutando nas suas casas sobre a presença de um ditador chamado Somoza na Nicarágua. Na família de Lia existiu, no momento prévio ao terremoto em 1972, posições duais em relação ao Somoza. No trecho que segue ela conta como essa situação muda pelas suas experiências como brigadista durante o desastre:

La... o sea, lo que mas hablaba mirá, en...como te decia en mi casa había las dos posiciones de liberacionistas y los calderonistas y entonces antes del terremoto la actitud era como bien disparejo ¿verdad? porque Somoza le había acogido a Calderón Guardia y había tratado de invadir Costa Rica para que Calderón Guardia pudiera regresar y los liberacionistas que lo veían desde siempre como fatal, entonces había como una actitud bien dual en mi familia con relación a Somoza, pero a raíz del terremoto, el tiempo que yo paso aqui esteee, de lo que la gente llegaba a contar allá verdad? lo que estaba pasando y del robo enorme, de la solidaridad, por parte de Somoza, entonces ahí si, filas cerradas encontró Somoza, por ladrón, por corrupto, por asesino. ¿Verdad? Pero sobre todo por ese desprecio enorme a la vida de la gente. (Lia, 24/04/2013)

As diferentes orientações políticas, em termos partidários, dentro da família de Lia tinham criado diferentes posturas em relação à Somoza, mas a partir da sua experiência como brigadista durante o terremoto em Managua os sentimentos de injustiça generalizaram-se e Somoza passou a ser *persona non-grata* dentro do núcleo familiar.

Para Lia a ditadura era algo alheio a sua vida. Apesar de ter escutado muito cedo cometários sobre Somoza, o ditador da Nicarágua, tomou consciência do que estava acontecendo no país aos 15 anos, quando viu de perto os abusos cometidos pela Guarda Nacional:

Lia ¿Cuándo se dio cuenta usted de que había una dictadura en Nicaragua?

En el 72 (risas) o sea lo que... La memoria maaaaas, más clara fue en el 72 cuando vine a la cuestión del terremoto. Porque la cuestión del terremoto era como bien brutal, o sea, el papel de la Guardia era una cosa que para mí en aquel entonces era como impensable, o sea, yo vi en el terremoto cadáveres del terremoto y a la par un cadaver fresco con un balazo. ¿Verdad? Entonces... porque la, alguien había querido quitarle una prenda al muerto del terremoto y después vino el guardia y raquitubun a quitarle él la prenda pues, entonces.... ¿Qué es esto?!

¿Cómo le afectó la vida la dictadura?

Mirá a mí me cambió muchísimo la vida ver eso, o sea ver la enorme destrucción, después el desprecio total por la vida humana del gobierno y del ejercito y la actitud esa de que yo soy de la Guardia y peleo como quiera pues... (Lia, 24/04/2013)

A crueldade com que atuava a Guarda Nacional sob as ordens de Somoza desenvolveu

uma sensação geral de repúdio à ditadura. Blanca narra como em determinado momento a situação de repressão na Nicarágua se tornou um tema cada vez mais frequente na mídia e, por meio das imagens, chegou ao conhecimento da comunidade internacional:

Porque se llegó el momento en que se consideró que la represión era fuertísima, grandísima ¿verdad? Porque había un tiempo que se hablaba de los estudiantes desaparecidos, entonces mucha gente puede decir, Ah! es que los estudiantes revoltosos, pero ya donde se hablaba de niños, esos bombardeos indiscriminados de población civil donde sacaban la fotografía de los niños ahí mutilados, yo creo que ahí... Porque, di, talvés por mucho tiempo se daban las noticias pero no a ese nivel de claridad como se llegaron a dar y ya llegó el momento que uno vivía pendiente de lo que pasaba en Nicaragua. (Blanca, 24/06/201)

Esse viver em função do que acontecia na Nicarágua narrado pela Blanca é o reflexo do compromisso que a injustiça como sentimento perante a ditadura provocou entre as mulheres entrevistadas. O caso da Blanca é particular, pois ela entra em contato com a realidade nicaraguense um pouco mais tarde em relação ao restante das entrevistadas. Esse contato foi mediado pelo Partido Vanguarda Popular quando já era uma mulher adulta. Só nesse momento que dimensiona o nível da repressão da ditadura somozista, quando a mídia passou a mostrar os diferentes alvos atacados pelas forças do governo:

(...) constantemente había mucha noticia amarillista pero de eso probablemente también nos hizo desarrollar más solidaridad con Nicaragua... Pasó mucho tiempo, pues uno sabía que Somoza era un tirano, que había una tiranía y torturaban pero como te dije más bien a un nivel así como de estudiantes, pero ya cuando las cosas se fueron poniendo más heavy que era más general, como pasó en otros países, en Chile, Argentina, que ya no eran sólo los estudiantes, eran los profesionales, las amas de casa, hasta los niños... Entonces eso hacía uno, desarrollar mucha sensibilidad por lo que estaba pasando. (Blanca, 24/06/201)

Como ela mesma conta, já não era mais apenas um grupo de estudantes os reprimidos. Crianças, donas de casa e profissionais, todos estavam sendo vítimas dos abusos da Guarda Nacional. Assim como em outros países onde também ocorriam ditaduras, na Nicarágua a repressão militar era generalizada. Para Blanca a divulgação de tais atrocidades pela mídia foi um elemento que estimulou o fenômeno da solidariedade com o povo nicaraguense na Costa Rica. A injustiça fica mais perto delas, e por isso mais fácil de sentir e ver, o que gera um potencial de mudança nas crenças e valores sociais e um processo mais forte de identificação.

Nas lembranças de Piedad achamos também esses sentimentos de injustiça, por exemplo quando ela conta como impressionou-a saber sobre uma mulher que, no meio de um bombardeio,

perdeu suas pernas por proteger aos filhos:

(...) eran muy muy duro, yo me acuerdo que yo en la guerra oí decir, y conocí a la señora en Nicaragua, como un boletín o un librito que decía "abrió sus alas y cubrió a sus hijos" yo leí ese libro, eso cuando caminaba con los niños estaban bombardeando, entonces ella los tiró al suelo y los agarró, eran dos, ahora no me acuerdo, le cortaron las piernas porque la bomba le cayó en las piernas... Como eso, eso es muy doloroso y cuando yo me di cuenta que eso era cierto yo decía cómo es posible? (Piedad, 05/04/2013)

Imediatamente Piedad conta outra das suas lembranças sobre situações por ela percebidas como injustas:

Después Israel Lewith, que es un mercado en Nicaragua, dicen, y conocí a una gente, ai ojalá que no esté equivocada que sea Israel, porque hay un mercado que se llama así, que lo llevaron, lo agarraron, le sacaron las uñas y un ojo, lo pusieron en una camioneta y se lo llevaron a la mamá pa que dijera onde estaba el hermano y la mamá no dijo, de todas maneras lo iban matar entonces mejor que mataran solo un, después un Moralitas, dicen que Tejada agarró a Moralitas, dijo que lo iba a echar al volcán vivo y lo echó al volcán vivo... Eso aquí lo tengo, cómo suceden esas cosas, tanta maldad, antes no había tanta gente tan mala, yo decía "dios mío cómo es posible?" Y después de la revolución empecé a oír cosas terribles, verdad? (Piedad, 05/04/2013)

Essas lembranças a acompanham até agora como expressão da maldade que era capaz a Guarda Nacional nicaraguense. São lembranças que falam de terrorismo de Estado contra a população, não especificamente contra quem participava da resistência sandinista, pois em algum momento o levante popular foi tal que qualquer pessoa era suspeita de ser sandinista ou de colaborar com o sandinismo.

A desigualdade social era percebida também como injusta, pelo que também se responsabilizava a ditadura. A concentração de poder econômico pela família Somoza e seus aliados é uma das coisas que Lia apontou como abusiva e escandalosa em comparação com as elites constarriquenhas:

(...) y en términos de poder y la cuestión de ver los clubes para el ejército, esas cosas tan diferentes que nosotros no estábamos acostumbrados, que probablemente había una elite que era poderosa pero no era así tan ostentosa, no era tan ... no te lo restregaban todos los días en la cara. (Lia, 24/04/2013)

Diferentemente do resto das entrevistadas, Yamileth narra os sentimentos de injustiça nela gerados pelos abusos cometidos especificamente contra as mulheres nicaraguenses:

(...) sentaban a las mujeres en baldes con ratas y las ratas se les metían en la vagina... Entonces uno sentía un repudio muy fuerte, a veces impotencia también porque al menos yo no estaba peleando allá adentro. (Yamileth,

09/04/2013)

A identificação que ela chega a desenvolver com este grupo específico, a conduziu ao reconhecimento, em si mesma, da impotência perante as violações que ocorriam. Aqui e nas narrativas de Piedad e de Clara é possível mostrar como as mulheres eram usadas como arma de guerra e como foram nelas aplicadas formas específicas de tortura.

Vemos isso na narrativa de Luisa, ao relatar como com 18 anos teve que passar por experiências de abuso e humilhação por parte de uma Guarda Nacional que causava pânico entre militantes envolvidas com a resistência, mas também naquelas sem nenhum envolvimento político:

tenía 18 años, que lo capturara a uno la Guarda Nacional en ese entonces era de sentir pánico pues, el que diga que no lo sintió miente pues porque uno no lo atrapaban con pétalos de rosa.

Entonces la dictadura somocista no tenía ningún pero ningún sentimiento que pudiera decir te perdono lo que hiciste.. eee, en el caso cuando a mí me capturan con otra compañera, yo en ese momento ignoraba, era una compañera clandestina, ignoraba el nombre de ella, yo recuerdo que lo primero que hicieron fue desvestirnos cuando entramos a la carcel, una chavala de 18 años que entró a una carcel y te quitan la ropa es como que te hubieran arrancado la cabeza, lo primero que una piensa es que me van a violar, me van a hacer esto, entonces es amenazarlo a uno, meterlo en una capucha desnudo y con la capucha pues es sentirse menos que una cucaracha pues, entonces los, los, los que interrogaban algunos eran buenos, unos eran menos malos y otros eran perversos porque estaban designados a golpearlo a uno y el no respetar la la... ni siquiera que uno era mujer pues. Nos pasaban por una fila de hombres que nos tocaban y... yo creo que una de esas experiencias sale más fortalecido pues... (Luisa, 16/04/2013)

Estas experiências, que podem ser vividas como traumáticas, são ressignificadas por Luisa como experiências por meio das quais foi possível sair mais fortalecida e que confirmavam a necessidade de se mobilizar contra a ditadura. Seus relatos expressam fortes sentimentos de injustiça e de não perdão à ditadura, reconhecendo no regime o desrespeito à dignidade humana, no caso dela, a sua condição de mulher. Guardar e transmitir esse tipo de memória, é um tipo de estratégia de resistência frente à injustiça da invisibilização sistemática da mulher numa sociedade patriarcal (Saffiot, 1987, 2001)

4.6 Metas e ações do movimento social

Quando as perguntamos sobre os sonhos que tinham na época da resistência sandinista, em relação ao futuro, a resposta estava genericamente no fim da ditadura somozista, isto tanto entre as mulheres nicaraguenses quanto entre as costarriquenhas. Pensava-se em uma

Nicaragua nueva, en una Nicaragua en que no hubiera injusticia, en una Nicaragua en que no hubiera inequidad, en una Nicaragua que todos pudieran estudiar, que todos pudieran tener profesión y tener trabajo, y en una Nicaragua que fueran felices y se dejaran de matar unos a otros, era lindísimo... (Georgina, 17/06/2013)

Como veremos nas narrativas aqui trazidas para a análise havia níveis distintos de perspectiva sobre o projeto político para a Nicarágua ou, em outras palavras, sobre as metas do movimento social. De um lado, com uma visão mais imediatista, havia quem visse na superação do ditador Somoza o fim de sua participação. Por outro lado havia também visões politicamente mais articuladas e de longo prazo que envolviam pensar num projeto de país posterior ao triunfo da revolução. Neste último aspecto encontramos também relações com um ideário regional de esquerda que contemplava, no horizonte próximo, a libertação latinoamericana do domínio imperialista dos Estados Unidos da América.

Algumas das mulheres expressaram nas suas falas essas metas em sequência, uma como consequência da outra: era necessário tirar a Somoza do poder para ter uma Nicarágua mais justa e replicar o modelo de libertação revolucionário nos resto dos países da América Central. Para quem identificava a política expansionista como adversário estava claro que derrubar o Somoza era só o primeiro passo para uma Nicarágua livre e fortalecida que apoiaria outros processos revolucionários na região.

A fala de Yamileth traz as pautas das mulheres nicaraguenses com quem teve contato durante a época de resistência na Costa Rica. A paz e a tranquilidade tão desejada por elas só viria com a saída de Somoza do poder. O projeto de país não era uma meta que Yamileth identificasse como urgente naquele momento, afirmando que essas eram coisas que viriam depois:

Bueno primero que todo lo que se planteaban eran los problemas de tener tranquilidad, paz, que se derrocara la dictadura, no planteaban ni siquiera el empleo digno, ni esto, ni los servicios de salud, eran cosas que iban a venir después, supuestamente después, pero principalmente tener paz y tranquilidad.... Eran las cosas que ellas más planteaban. (Yamileth, 09/04/2013)

Ao contrário, Yamileth identifica uma meta mais abrangente dentro do Partido Vanguarda Popular da Costa Rica que contemplava a luta anti-imperialista e o combate à pobreza. Naquela época a linha do partido atravessava os eixos da organização de mulheres em que ela participava:

Y qué era lo que las mujeres en ese momento querían para Costa Rica?
Es que en aquella época hay que entender que nosotras trabajabamos bajo la orientación política del partido y en esas épocas los problemas de las guerras era un problema terrible, la lucha anti-imperialista era muy fuerte, los problemas de la pobreza fueron como ejes centrales en la Alianza de Mujeres. (Yamileth, 09/04/2013)

Para o partido comunista, como vimos no trecho anterior, uma das prioridades era a luta contra as guerras que se davam na região centro americana durante a década de 1970. Yamileth explica como esta linha política lançada, desde a estrutura partidária, impossibilitou a criação de uma agenda própria como grupo de mulheres:

Sí, luchando por la paz en las guerras y en las dictaduras que habían en la región, las situaciones de Guatemala, las situaciones de El Salvador, las situaciones de la dictadura Nicaraguense; pero era un círculo tan pequeño en el que estábamos que no teníamos una visión más amplia de una visión de una organización de mujeres. No quiero decir que eso sea malo pero la evolución de los debates internacionales y algunos nacionales nos mantuvieron un tiempo muy relegadas a una visión únicamente de una organización parte del movimiento de masas llamado dentro de la filosofía leninista un partido de masas, ahí estábamos las mujeres metidas... (Yamileth, 09/04/2013)

Georgina, mulher costarriquenha e teóloga da libertação, participou da organização de atividades no Seminário Bíblico Latinoamericano com mulheres nicaraguenses, ocasião em que se analisou, desde uma visão feminista, o que acontecia na Nicarágua. Nesses encontros as mulheres nicaraguenses colocaram os desejos de equidade social que tinham para seu país:

Para Nicaragua, un pueblo con una formación mejor, con comida para todos, que hubiera equidad y que los ricos dejaran de ser los mandamases y los que lo poseían todo, sí la equidad, esa era la gran meta, pero la equidad en todos los sentidos no solo económica, la equidad de conocimiento, la equidad en las posibilidades del trabajo en la política nacional, en la política país, cómo queremos el país, soñábamos mucho; era muy lindo, los sueños eran parte del método. (Georgina, 17/06/2013)

Em oportunidades como a do Seminário, o tema do poder era colocado na pauta junto a discussões sobre as relações entre homens e mulheres dentro da FSLN e do Partido:

El poder, ese era el primero yo creo (risas), el género desde luego verdad? Y el poder que estan juntos, eran importantísimos, el como exigir el respeto a nosotras de los revolucionarios, porque eso a veces no se daba, era bastante difícil, la historia... La historia geopolítica pero también la historia de la mujer.

¿Que nos ha pasado? ¿Dónde nos ha arrinconado? ¿Por qué somos como somos? Y hacíamos planes de uno o dos años para volvernos a reunir con tareas muy concretas de las que íbamos dando cuenta. (Georgina, 17/06/2013)

Se percebiam desigualdades nas relações entre homens e mulheres dentro dos grupos políticos onde acontecia a militância. Este grupo de mulheres, em particular, tinha como preocupação posicionar-se sobre atos cometidos pelos companheiros revolucionários por Georgina identificados como desrespeitosos. Para ela imperava discutir não só as questões históricas relacionadas aos interesses geopolíticos em jogo naquele momento, mas também os papéis desempenhados pelas mulheres e sua importância, no escopo de uma condição de gênero historicamente discriminada. O respeito aparece aqui como um valor de suma importância para o trabalho do partido comunista. Georgina aponta, nesse sentido, como em certas ocasiões foi necessário brigar com os colegas militantes para defender esse valor:

Había a veces que pelearse con los hombres también, porque ellos querían mandar siempre (risas) o casi siempre, o casi todo, había otros que no, el respeto fue algo muy importante en el Partido, pero muy muy importante; y luego tal vez hay una crítica que yo les hice a los compañeros y es que siempre se creía que después de que ganáramos la revolución, porque la idea nuestra era que íbamos a ganarla todos verdad? Entonces íbamos a tratar de manera especial el tema de las mujeres pero primero teníamos que ganar la revolución, cosa que creo que tu madre no estaba de acuerdo y yo tampoco porque yo decía es que no puede ser, eso tiene que ir parejo para que cuando ganemos la revolución, porque esa era nuestra utopía, ya las mujeres y los hombres vivíamos en una equidad, inclusive hubo compañeros, parejas en el partido con cero equidad, que vivían sin cuestionarse lo que eso significaba, y una cosa era el trabajo que había que hacer en el partido y otra cosa era la vida de todos los días, era igual que las otras mujeres y eso nos pasó... (Georgina, 17/06/2013)

As mulheres precisavam brigar pelo país, pela família, pelos filhos, por si mesmas. Mas era uma luta tanto contra a ditadura, quanto contra os parceiros de luta.

Brigar fazia-se necessário para conseguir participar das decisões do partido em condições iguais junto com os homens. A busca de espaços igualitários para a participação dentro do partido comunista foi acompanhada de críticas. Para Georgina, por exemplo, a falta de articulação entre os objetivos revolucionários e as pautas particulares das mulheres era um problema. Já Yamileth conta como a organização de mulheres, da qual ainda hoje faz parte, durante a época em questão reproduzia a linha programática do partido, sem uma identidade própria:

Eeee... hicimos cosas muy importantes por la legalidad del partido comunista en Costa Rica, hicimos cosas muy importantes contra el imperialismo norteamericano que era como denominábamos al enemigo principal, y hacíamos

luchas muy importantes con los trabajadores, con los campesinos pero sin ninguna identidad propia como organización, siempre bajo el mandato divino del teléfono rojo. (Yamileth, 09/04/2013)

O objetivo era fazer a revolução, libetar a Nicarágua da ditadura e continuar a luta anti-imperialista. O triunfo da revolução sandinista era só parte de um projeto maior que intensionava instaurar governos de esquerda na América Central toda. Conforme aparece na narrativa de Marcela, os temas específicos das mulheres, tanto para o partido como para a FSLN, viriam somente depois:

Cuáles eran las ilusiones y los deseos en esa época?

Que se fuera Somoza, y que llegara un gobierno que no fuera una dictadura y que fuera de izquierda (risas).

Marcela y qué se quería para Costa Rica?

Que siguiera los mismos pasos, eso era parte del interés, que siguiéramos los mismos pasos. La ilusión era que después siguieran los otros países de centroamérica. Si, muchos pensábamos así y todavía lo tenemos como un pensamiento como el de Hugo Chávez. (Marcela, 12/06/2013)

Com o passar dos anos a força e o apoio que a FSLN vinha ganhando tornava a revolução uma meta claramente possível. Para Lia, a esperança estava precisamente no projeto mais amplo de libertação centroamericana que começava a se concretizar na Nicarágua. Essa era também a visão de Marcela:

¿Por qué cree usted que había gente tica que se involucró, o que apoyó al sandinismo en esa época?

Porqueee muchos creíamos en la revolución latinoamericana, y un poco la versión del foco verdad? Ahora es Nicaragua, después de Nicaragua sigue El Salvador, Guatemala, y en algún momento llegará a Costa Rica (risas) (Lia, 24/04/2013)

Na época o foco estava, como mencionam Lia e Marcela, em fazer com que a revolução triunfasse na Nicarágua, tendo em vista depois o restante dos países da região. Marcela participou desse projeto com consciência de solidariedade com o povo centroamericano, mas sem consciência da sua condição de mulher. Neste próximo trecho, ela explica como, no momento da entrevista, se dá conta de que não existia nela a noção de sua condição feminina:

¿Cuando se conversa sobre ese pasado se habla de la participación de las mujeres?

No... En ese momento no había conciencia, o sea ahora que yo estoy conversando con usted estaba pensando en eso, precisamente usted me ha hecho varias preguntas que me han devuelto ahí a pensar en ese momento, yo no me acordaba que era mujer, o sea, no había.... Ya dos preguntas usted me ha hecho que me quedo así pataleando... si es que no había una conciencia de que soy

diferente y de que soy mujer, no existía... (Marcela, 12/06/2013)

Isso revela como a apressão e a injustiça promovem um silenciamento do ser mulher, da sua condição de gênero. Nesse quadro, percebemos que entre tantas metas de ação a serem perseguidas, as referentes às mulheres são secundárias ou mesmo mesmo nem figuram como pautas relevantes.

Já Yamileth teve um percurso político mais abrangente que Marcela e, por meio de uma trajetória que inclui vínculos internacionais com outras mulheres da América Central, desenvolveu sentidos à sua condição de gênero. No trecho a seguir ela conta como se deram esses vínculos internacionais:

Entonces no había libertad de pensar de otra manera, sin embargo yo creo que se daban nuestras relaciones cómplices con las mujeres de la región centroamericana, con las compañeras de Guatemala, Luisa González viajó a Guatemala donde se constituyó la Unión de Mujeres de Guatemala, la recibieron mujeres que estaban en aquel entonces disfrazadas de monjas en el aeropuerto esperándola, a los 15 días de haber terminado el congreso de la Unión de Mujeres de Guatemala aparecen tres compañeras asesinadas. En El Salvador trabajamos mucho con organizaciones como Fraternidad y otras que existieron que lamentablemente a veces siente uno que el movimiento de mujeres actual olvida que esas mujeres lucharon también por lo que ellas están luchando hoy. En Nicaragua trabajábamos con la Unión de Mujeres Nicaraguenses que era el ala femenina del Partido Socialista de los Trabajadores de Nicaragua que estaban contra la dictadura de Somoza. Nuestro vínculo con ellas fue muy importante porque, digo que nos hicimos cómplices porque si bien las estructuras patriarcales que existían en los partidos, daban lineamientos políticos, los lazos de solidaridad y amistad entre las mujeres eran de sororidad y eso yo creo que no lo podían cambiar, esas relaciones que se daban entre nosotras las mujeres. (Yamileth, 09/04/2013)

Essa falta de liberdade para pensar diferente expressa por Yamileth corresponde à dificuldade para inserir as questões particulares das mulheres na estrutura de um partido por ela considerado patriarcal. Dificuldade esta que a fez valorizar a importância do fortalecimento dos vínculos com outros grupo de mulheres de países da região como Guatemala, El Salvador e Nicarágua. Para Yamileth uma importante característica feminina, a cumplicidade foi fundamental neste estreitamento de relações, o que tornou possível a articulação de um trabalho de colaboração entre as mulheres para além da linha política pautada pelo partido.

Percebe-se que para algumas das entrevistadas o reconhecimento da condição de mulher foi além da importância pessoal, sendo também um elo de identidade com mulheres de outros países que compartilhavam situações de repressão política e militar. Assim, o reconhecimento

identitário, fundado no recorte de gênero, foi um elemento importante para acionar a participação política em solidariedade com a Nicarágua e para articular um tipo de trabalho que levou em conta as formas particulares com que o conflito político atingia a subjetividade das mulheres.

Assim, às metas e ações que são analisadas nesta categoria da consciência política acrescentamos a meta particular de um grupo de mulheres que ia além da saída de Somoza do poder e a libertação da Nicarágua. Para elas era importante também esboçar caminhos para transformar a estrutura patriarcal da sociedade, no caso, desde os partidos políticos nos quais participavam e no movimento revolucionário regional.

Localizamos neste grupo a Yamileth, a Georgina e a Lia. Esta última, na época de militância no Partido Socialista da Costa Rica, teve de brigar com os companheiros para evitar a exclusão das mulheres numa ala feminina do partido, desde a qual segundo ela não teriam influência nas decisões:

Entonces yo no recuerdo, no siento así como... Fijate.... recuerdo en algún momento dentro del Partido Socialista y después dentro del.. lo que fue el MT11 pues, en esos grupúsculos, este la discusión de si se armaba o no se armaba un ala femenina y una... un profundo rechazo por parte nuestro de las mujeres a tener eso porque entonces era como que el partido es de los hombres y nosotras vamos a estar condenadas a estar en el ala femenina. Entonces eso era como... o sea la discusión de ese momento era: ni a putas! Nada! Te estoy hablando del 76, del 77... era así de cerrar filas, más bien digamos los hombres eran los que querían ponernos en un ala femenina y nosotras... Déjenos el partido, ni verga! (Lia, 24/04/2013)

No que tange à perspectiva política de atuação, relacionada às metas e ações do movimento social, podemos agrupar as entrevistadas em dois blocos. De um lado havia um comportamento de alinhamento ao projeto do partido, que induz à aceitação das metas nele estabelecidas. Por outro, havia também aquelas que, no escopo de sua militância, faziam uma crítica à estrutura patriarcal e hierárquica da tomada das decisões, pelo que se expressavam críticas às resoluções e ao modo como elas eram tomadas, porém em diálogo com a meta central de derrubar a ditadura.

No primeiro grupo de mulheres, em que estão aquelas mais alinhadas em relação à direção do partido, está Clara. Durante sua entrevista ela relatou uma série de atividades nas quais se viu envolvida por orientação do partido: “eso era siempre dentro del marco de lo que el Partido hacía, yo todo eso lo hacía con apoyo del Partido, o con dirección del Partido, no era una cuestión de

iniciativa propia”.

Clara reconhece que sua participação política em solidariedade com a Nicarágua não foi por iniciativa própria. Ao mesmo tempo, hoje percebe que na época em questão davam-se dentro do partido atitudes machistas e de discriminação:

(...) había comportamientos de género machistas en el seno del partido, y un montón de reglamentaciones implícitas discriminatorias, te estoy hablando de la población homosexual, de un montón de minorías verdad, yo creo que ahora hay una apertura mucho mayor porque obliga la ley (...) (Clara, 07/06/2013)

Piedad, por sua parte, uma mulher que viu na função de cuidar dos outros a sua eficácia política, guarda nas lembranças o carinho que recebeu do Partido, sem em momento algum mencionar atitudes machistas dentro dele, ou de ter sido vítima de discriminação:

A mí el partido me trató con mucho cariño, yo también me siento muy contenta porque mi trabajo era comida entonces todo lo que se hacía en el partido primero estaba yo, que un turno, que una fiesta, que un cumpleaños, que había que vender allá, siempre yo haciendo la comida, y así estuve casi siempre (...) (Piedad, 05/04/2013)

Aparentemente, Piedad não se dá conta da lógica patriarcal, pois o seu trabalho é de cuidado e está condicionado a expectativas sociais atribuídas ao sexo feminino. (Saffioti, 1987). O fato de se sentir muito satisfeita com o trabalho que assumiu no Partido e de perceber que nele era muito querida não fez com que Piedad ficasse passiva perante algumas diretrizes, entre elas a de não colaborar com a FSLN.

Cuál era su trabajo con el Frente, aquí en Costa Rica?

Aquí en Costa Rica yo digo que mi trabajo... Y si algún día escribieran la historia de verdad de verdad la historia de Nicaragua dirían "sin Piedad no había podido ser la revolución" con todo orgullo lo digo y le voy a decir porqué: a veces hasta los mismos del partido se sentían incómodos por qué Piedad está haciendo cosas que nosotros los del partido no lo hacemos... También había que ver el partido no quería que nosotros nos involucráramos en el Frente, nunca pedimos permiso, hicimos las cosas sin permiso. (Piedad, 05/04/2013)

Como vimos no começo deste capítulo, Piedad envolveu-se com a FSLN por meio de seu companheiro, não do partido. A identificação com a resistência nicaraguense vem dessa referência afetiva forte que a envolveu em atividades de solidariedade sem muito questionamento, tal como analisamos na primeira parte deste capítulo quando citamos a Sartório (1969) e o destaque que o autor faz à dimensão emocional da ideologia para explicar a passagem para a ação política.

Como Clara afirma “El partido no se involucró desde el principio en la guerra, propiamente

en la guerra no”. O fato de Piedad ter começado a colaborar precocemente com a FSLN é percebido por ela como algo que provocou incômodo no partido, fazendo com que tivesse que mentir e atuar sem a autorização dele. Então ela passou a se identificar de forma mais clara com as metas e ações da FSLN, achando aí um lugar onde podia ser politicamente eficiente.

4.7 Vontade de agir coletivamente

As memórias até aqui apresentadas falam de um grupo de mulheres nicaraguenses e costarriquenhas que, desde seus diferentes olhares e experiências de vida, mostraram crenças e valores por meio dos quais, desde os tempos da adolescência, se engajaram em processos políticos coletivos. Chegado o momento de se perceber frente a uma situação por todas identificada como injusta, como foi a ditadura Somozista na Nicarágua, elas encontraram nos partidos, na organização de mulheres e na FSLN, o espaço para desenvolver sentimentos de capacidade que lhes estimularam a intervir politicamente para participar do grande projeto revolucionário sandinista.

Como aponta Ansara (2009), num contexto de repressão política-militar as pessoas avaliam os ganhos e as perdas materiais, os custos e benefícios de manter a lealdade à causa, e os riscos físicos de se engajar em ações coletivas. Assim, tendo como meta comum acabar com a ditadura somozista, é possível enxergar entre elas uma forte vontade de agir coletivamente que se sustentava na disposição individual de cada uma e reconhecimento de que compartilham da mesma situação e condição de classe, dos mesmos sofrimentos, injustiças e desafios que para superarem essa realidade perversa é fundamental atuarem em coletivo e, para algumas delas, em um coletivo na qual elas, mulheres, são as protagonistas.

Nesta parte, então, analisaremos as entrevistas das mulheres participantes deste trabalho à luz da categoria do modelo de consciência política que se debruça sobre a vontade de agir coletivamente. Mostraremos aqui a solidariedade como estratégia da FSLN para conseguir adesão significativa por parte da população costarriquenha. Estratégia que se pode considerar exitosa a partir da sensação de generalização do apoio à luta sandinista que se percebeu na maioria das narrativas na hora de organizar o material coletado nas entrevistas. Passamos a apresentar novamente um trecho já colocado antes, mas que reflete tal sensação na Georgina:

Todos, esa esa una cosa interesantísima porque había universitarios, había académicos de todo tipo, había profesionales como esos médicos que te cuento, esteee, personas que aman la justicia y decían "sí yo me voy" y como es un país tan relacionado entre nicas y ticos muchos tico-nicas se iban también, entonces a los demás nos tocaba la protección de ellos y lo hacíamos, Costa Rica fue en ese momento muy solidaria con esto, fue muy interesante todo el mundo, y aquí todo el mundo se alegraba cada vez que Nicaragua, los revolucionarios tenían un pequeñito gane verdad, eso era preciosísimo. (Georgina, 17/06/2013)

Lia descreve o apoio costarriquenho como algo que transbordou os grupos políticos identificados como colaboradores da FSLN. Esse apoio podia ser visto em atos públicos e no que ela chama de solidariedade humana relacionada com a recepção de nicaraguenses e a coleta de materiais para enviar para a Nicarágua. Segue o trecho no qual Lia conta-nos a respeito:

(...) y así fue una cosa así desbordante, verdad? Entonces había un enorme movimiento de solidaridad, una parte era mucho de manifestación, pero otra parte era como mucho de solidaridad humana, verdad? de acoger a nicas, deee de recoger cosas para darle a los nicas o para mandarle a los nicas... (Lia, 24/04/2013)

A proximidade geográfica facilitou o trabalho de colaboração costarriquenha com o povo nicaraguense: médicos/as, universitários/as, pessoas da academia, profissionais, todos/as mobilizados/as, segundo Georgina, por um sentimento de justiça que os/as levou a comprometer-se com a luta sandinista em diferentes frentes. Georgina fala de duas destas frentes: a luta armada e a retaguarda. Em ambas, pessoas da Costa Rica estiveram direta e indiretamente envolvidas.

A atuação de todas as mulheres entrevistadas deu-se na parte de retaguarda, que incluía desde o cuidado de combatentes ou de pessoas clandestinas nas próprias casas, o tráfico de armas, até o fortalecimento da solidariedade. Trabalho este que segundo Yamileth não podia parar:

Di, teníamos que avanzar, la solidaridad no podía parar ni un solo día porque si parábamos un día podíamos perder lo que íbamos ganado, solidaridad... Entonces había que avanzar, y el avanzar era en todos los frentes. (Yamileth, 09/04/2013)

A solidariedade viu-se fortalecida pelas demonstrações populares de apoio à Nicarágua. No trecho a seguir, Lia relata como a manifestação dessa solidariedade era visível nas ruas de Liberia, cidade da província de Guanacaste que é limítrofe com a Nicarágua, onde as lojas eram enfeitadas com bandeiras pretas e vermelhas, as cores do sandinismo:

Vos llegabas a Liberia en el 78-79 y las tiendas de Liberia tenían pues adornado telas rojo y negras, o sea, que era como medio disimulado, medio no tan

disimulado, verdad? Esteee, y yo estaba haciendo mi internado en Liberia, no tenía que ir nunca al hospital o sea, cada tres meses que era la rotación iba a presentarme ahí y el resto del tiempo...firmaba todas las hojas de los tres meses; en La Cruz era el hospital, el hospitalito, y ahí uno se iba a dejar a los heridos y de ahí alguien los recogía y los llevaba a Liberia o los llevaba a San José. (Lia, 24/04/2013)

Pelo relato da Lia aqui colocado vemos como o apoio à FSLN permeava órgãos do Estado, neste caso um grande hospital público em Liberia-Guanacaste (norte da Costa Rica) onde na época a Lia fazia sua residência para se formar como médica. Entretanto, a residência aconteceu extraoficialmente num pequeno hospital improvisado na fronteira norte, onde com anuência superior da hierarquia do hospital de Liberia trabalhou dando atenção médica a combatentes e dando encaminhamento para outros hospitais nas províncias de Puntarenas e San José àqueles e àquelas que precisavam de cuidados mais especializados.

Como podemos notar, nestas narrativas aparece a Costa Rica como um lugar que foi chave para desenvolver atividades de apoio à FSLN, que contemplavam a retaguarda e proteção de pessoas nicaraguenses que trabalhavam como colaboradoras da revolução ou faziam parte da luta armada. Leonida é uma dessas pessoas que em condição de clandestinidade viram no vizinho país uma porta aberta para procurar refugio, para ela a “Costa Rica siempre era un chance de donde salir, era como una puerta abierta, no que estuviera abierta pero que te podías meter, esa era la lógica (...)”. Estar na Costa Rica significava para Leonida estar perto da Nicarágua, pois depois de sair do seu país rumo ao Chile como asilada política, teve que partir para a Costa Rica pois sofre a repressão da ditadura pinochetista. Este último destino foi para ela voltar para um lugar que lhe era familiar, que representava por um lado estar muito perto da Nicarágua, e por outro, a possibilidade de se integrar em atividades de solidariedade, concluir seus estudos e trabalhar, tal e como nos conta no seguinte trecho da sua entrevista:

Ahhhh, yo salí de aquí asilada política para Chile, en Chile me agarró el golpe de estado de Pinochet, de ahí logré salir y fui para Costa Rica. Si, si... En ese momento era eeee, relativamente fácil encontrar protección en varios otros países no? Que se abrieron después del golpe de Pinochet, entonces... pero para mí Costa Rica era algo muy cercano, era, era mi barrio, entonces eso me daba la sensación de estar volviendo... terminé mi bachillerato, me dediqué a, a trabajar con la solidaridad. (Leonida, 06/05/2013)

Para nós fica claro nestes últimos trechos que existia na Costa Rica um ambiente propício para a solidariedade com o povo nicaraguense. Ao longo deste capítulo mostramos algumas

histórias de mulheres que espontaneamente trabalharam de forma individual em ações muito pontuais como uma tia da Clara, a Ana, que saiu pelo seu bairro arrecadando dinheiro para comprar chapéus para os combatentes que estavam na fronteira norte da Costa Rica; ou o caso de Marcela que mesmo sendo militante do Partido Vanguarda Popular passou medicamentos a uma enfermeira que entrou em contato com ella de forma particular, numa atividade que não tinha relação com a sua militância partidária.

Mostramos também como a maioria das ações de solidariedade levadas a cabo pelas mulheres entrevistadas foram intermediadas pelos partidos comunistas da Costa Rica ou pela FSLN. Isto se deu graças a um forte trabalho organizativo que só foi possível no coletivo. No caso das mulheres costarriquenhas, podemos acrescentar que a vontade de agir coletivamente contra a ditadura somozista estava impregnada de um sentimento antibelicista, fundado numa característica da identidade costarriquenha, tal e como Yamileth nos explica quando perguntamos-lhe sobre o porque as pessoas da Costa Rica apoiaram o sandinismo:

Por las atrocidades de la dictadura, divulgar lo que estaba pasando difundir lo que estaba pasando, los horrores de la dictadura, este es un pueblo... Costa Rica, ojalá que aunque nos vamos acostumbrando al crimen, al femicidio, a muchas otras cosas, es un pueblo anti militar, anti guerra y lo teníamos ahí en la frontera. (Yamileth, 09/04/2013)

Nas palavras de Maria (22/06/2013), ter como vizinho um ditador era uma situação intolerável para muitas pessoas na Costa Rica: “(...) nosotros como somos tan democráticos cómo vamos a apoyar a un dictador?”. No trecho que mostramos a seguir, Marta conta como a imagem de um país democrático favoreceu o apoio ao sandinismo:

Estamos en los 70, bueno ahí... Ahí estuve dos años y ahí lo que me acuerdo era que teníamos una gran alianza, desde los distintos partidos políticos, inclusive el mismo gobierno, Costa Rica era como nuestra punta de lanza en el exilio, con el apoyo de la prensa, de los medios, del pueblo, Costa Rica entera estaba a favor pues de de de... del derrocamiento de Somoza. Costa Rica acordate también que el país punta de lanza en términos de democracia, la Suiza centroamericana, entonces claro se veía a Somoza como una cosa terrible pues el dictador que lo tenemos acá al lado, hay que eliminarlo, eh? Entonces Costa Rica era eso, un lugar donde llegaron a confluir los distintos movimientos y se hicieron las mayores reflexiones y actos políticos en la región, ve? Eso era Costa Rica...en la universidad en todos lados... (Marta, 01/05/2013)

Na percepção de Marta o apoio na Costa Rica à luta sandinista era generalizado. Passava pelos partidos políticos, a mídia e o governo. Assim é que um país com uma democracia

instaurada e sem exército era o lugar ideal para articular o trabalho de retaguarda que foi fundamental para o triunfo da revolução. Ainda assim, a democracia na Costa Rica não pode ser considerada uma unanimidade entre as entrevistadas. Mesmo concordando com a importância da Costa Rica para o fortalecimento das ações de retaguarda da FSLN, Luisa é mais crítica com relação ao regime de governo costarricense da época, cuja democracia era, para ela, uma ilusão que de fato favoreceu a luta contra a ditadura somozista. Para ela “en Costa Rica los riesgos eran talvés menos que en otros países, porque Costa Rica tiene una máscara muy grande que se ha sabido vender como un país de democracia. (Luisa, 16/04/2013)

Neste ponto, parece-nos importante destacar a questão do risco da participação. Se bem é verdade que a Costa Rica foi um lugar propício para a solidariedade e que não é possível comparar as condições dos dois países em termos de segurança, algumas das mulheres costarricenses entrevistadas relataram episódios nos quais tiveram sua integridade humana ameaçada. Yamileth, por exemplo, conta como esteve perante a situações de risco pessoal: “estuve en riesgo de ir a la carcel detenida como dos veces por un organismo policial que había acá de seguridad nacional para interrogarme sobre mis relaciones con Nicaragua” (Yamileth, 09/04/2013)

Não só ela, Piedad responde afirmativamente à pergunta sobre se correu algum risco pela sua participação em apoio ao sandinismo:

¡Claro! ¿Cómo no voy a correr riesgos? Sólo el hecho de que mi casa fuera una casa de seguridad, ahí yo me acuerdo que una vez que llegaron la seguridad de Nicaragua a una de las casas... ¡Cómo me puse yo! Estaba mi hermana en la casa y mi hermana se tiró de una tapia que no sé cómo no se mató, del miedo, y yo con las gemelas chiquiticas, y a mí no me dio miedo porque no había nadie, pero llegaban en cualquier momento, tan es así que se toparon a Carlos Fonseca, la seguridad de Nicaragua con la seguridad de aquí, todos con metralleta... Y el señor que nos alquilaba la casa, le dijo a alguien "mire a esta familia no la involucre en nada" lo que es la vida verdad? Ese nos salvó, y el de la pulpería... Después que se fueron y llegó uno de los sandinistas, amor, en la casa habían unos tarros de avena que no se podían tocar, esos eran con granadas y decía avena! (Piedad, 09/05/2013)

O fato de ter participado em atividades em apoio à FSLN colocou em risco não só às mulheres mesmas, as suas famílias estavam de alguma forma também em risco, tal e como responde Estrella à mesma pergunta, para ela o perigo estava no “exterminio total de tu familia”. De acordo com Luisa, hoje a sensação de perigo perante ao trabalho de apoio à revolução é mais

clara, segundo ela naquele então não se pensava nos riscos, inclusive chega a descrever tal sensação como uma experiência linda, vejamos o trecho em seguida:

Es que en ese momento que andás en eso no te ponés a pensar en el riesgo, si lo ves en retrospectiva uno dice "ala!" Si me dice que lleve armas de San José para la frontera ahora en un carro quien sabe si lo haría, en ese entonces me emocionaba hacer eso... O llevar medicinas al frente sur pues, esas cosas eran lindas pues, y uno no se pone a pensar, no se ponía a pensar en que riesgos podías tener. (Luisa, 16/04/2013)

Tendo o território costarriquenho como um lugar ideal não só pela sua proximidade geográfica, mas também pelas suas características políticas, as mulheres entrevistadas conseguiram se articular desde os diferentes grupos de ação em processos coletivos de participação para apoiar a luta sandinista.

A vontade de agir coletivamente, que faz parte da consciência política, podemos vê-la traduzida nas ações concretas de solidariedade das quais as mulheres entrevistadas participaram. Um elemento que chama nossa atenção é que quando essas ações são narradas pelas mulheres, neste exercício por nós proposto de construir uma memória política de solidariedade, é sempre em plural. Vejamos este trecho da entrevista de Yamileth:

En todo lo que fue la revolución nicaraguense las experiencias fueron muy muy buenas, o sea nuestras casas se convirtieron en casa de coordinación, de reuniones, de va y viene, que necesitamos esto y lo otro, que buscar medicamentos, de una cooperativa hacer uniformes para los combatientes de la zona norte, que ir con megáfono los domingos a los parques a perifonear para pedir medicinas y ropa para los nicaragüenses... Y nuestra organización se convirtió en una bodega que no se podía ni caminar de la cantidad de cosas y de alimentos que la gente daba. Nosotras trabajábamos con los grupos de solidaridad y hacíamos todo lo posible porque se ayudara a las mujeres y también decir a los niños de Nicaragua en aquel proceso tan tan difícil. (Yamileth, 09/04/2013)

Podemos ver nesta parte do relato de Yamileth que, para ela, o caminho possível para apoiar o processo revolucionário nicaraguense era trabalhar em grupo. Sempre falando em plural, ela se inclui dentro de um coletivo de pessoas que emprestou suas casas como lugar de refúgio, de reunião para organizar o trabalho; fala de ações nos espaços públicos para levantar recursos para enviar à Nicarágua, de como o espaço de trabalho funcionou como centro de coleta desses insumos e de como o objetivo claro era fazer o possível para ajudar. Para ela, toda mudança social depende da consciência de que sozinhas não se transforma nada, pois, toda mudança decorre de ações coletivas e não de esforços individuais.

Por sua vez, Georgina coloca a perspectiva de uma mulher católica adepta à Teologia da Libertação, militante do Partido Vanguarda Popular e ao mesmo tempo acadêmica. Desde este lugar ela se organizou para captar recursos, para levar informação confidencial, e para promover oficinas para conscientizar a população sobre o processo histórico pelo qual passava a Nicarágua. A seguir o trecho que fala a respeito:

Si, en actividades de correos y también enviando ropa, comida, esas organizaciones que se aprenden en la iglesias, eso se reproducía y era llevado, y la oración, te digo mujeres que pasaban orando por Nicaragua, y de la Teología de la Liberación y luego las académicas que andábamos haciendo los talleres por todo lado explicando qué era lo que había pasado históricamente, porque nuestro pueblo es muy olvidadizo de su historia(...) (Georgina, 17/06/2013)

A forma como as mulheres narram como seu cotidiano acontecia mostra a vontade delas de agir coletivamente. Muitas delas, por exemplo, combinavam a militância com o trabalho e o cuidado das filhas e dos filhos. Esse é o caso da Clara, no trecho que apresentaremos a seguir vemos uma descrição de como a vida acontecia envolvida às atividades em apoio à Nicarágua:

En esos últimos años, yo te estoy hablando del 76-77, mi participación era de mucha actividad porque además de que yo seguía en la universidad era funcionaria Ad Honorem, yo pasaba por lo menos la mitad del día presencialmente en la JOTA (juventude comunista), y yo trabajaba con la Comisión de Cultura, yo pasaba mucho tiempo de la actividad partidaria además de, qué sé yo, las reuniones del Comité, de célula, de pegas, de pintas, pasaba mucho tiempo organizando actividades culturales de apoyo a la Revolución Sandinista que era muy fácil, porque la efervescencia de grupos, verdad? De música sobre todo de música, de teatro apoyando a la revolución, nosotros teníamos la directriz, tu mamá se debe acordar muy bien, la parte cultural tenía una fuerza enorme, nosotros organizábamos actividades de solidaridad, también se recogían fondos. (Clara, 07/06/2013)

Como vemos, Clara coloca ênfase no tempo que lhe demandava organizar atividades culturais, mas na sequência conta-nos como uma outra parte forte do trabalho de apoio à luta sandinista estava em se preparar estrategicamente para apoiar desde a retaguarda. Neste sentido, o trabalho público de promoção cultural servia como camuflagem para o trabalho clandestino organizado pelos grupos de segurança do partido. No seguinte trecho, Clara narra sobre esta outra parte das atividades de sua militância:

Nosotros estuvimos en Cuba preparándonos en un trabajo más de inteligencia, no tanto militar, eso bueno, como me dijiste que es confidencial esta es la hora, no sé cuantos años después que yo no lo converso mucho, verdad? Sigo manteniéndolo comparimentado. Nosotros venimos acá a meternos de lleno pero con el trabajo de retaguardia acá, entonces había situaciones, condiciones que

favorecían mucho ya el trabajo del Partido propiamente... Bueno mi vida como militante, muy metida en la parte esta cultural que era la gran fachada pero haciendo una serie de trabajos que demandaban sobre todo desde la Comisión de Seguridad.

Entonces yo no me acuerdo en qué orden pero constantemente traíamos compañeros que había que alojarlos en diferentes casas, que había que prepararles cosas, que había que pasarlos a Panamá, eso era una actividad constante, una efervescencia enorme... (Clara, 07/06/2013)

Para Clara o apoio ao processo revolucionário fazia parte da sua militância no Partido Vanguarda Popular. Sua viagem a Cuba foi ordem do Partido e a organização de atividades culturais em que ela participava se dava na Comissão de Cultura do mesmo. Já no caso de Estrella havia uma dupla militância por ela assumida, que confirma sua vontade de agir coletivamente, a seguinte fala ilustra isto:

Recuerdo que yo le dije a xxxx “primero el partido y después la ayuda que yo les voy a dar”, es decir primero el partido y después la revolución y después no fue el partido sino fue primero la revolución, verdad? Entonces había que escoger, ahí en esa época hice doble militancia, los del partido no se daban cuenta que yo estaba metida, me ayudaba la llegada a la Alianza de Mujeres porque ahí me miraba con compañeros del Frente, era parte de la pantalla que yo tenía que presentar para justificar mi salida de mi hogar, así ingresé al Frente Sandinista, fui reconocida como militante en el acto de segunda militancia que se efectuó en Managua frente a la casa de Julio Buitrago y soy militante reconocida como de lo que estuvimos cuando ingresamos porque no éramos muchos, se hablaba que éramos cerca de dos mil para toda Nicaragua, eran pocos pero esos pocos habíamos organizado un montón. (Estrella, 09/05/2013)

Pelo que vemos Estrella começou a colaborar com a FSLN logo em seus primeiros movimentos. Nesta época ela já militava com o Partido Vanguarda Popular na Costa Rica e, pelo que foi previamente colocado por Piedad sobre o descontentamento do partido em relação ao seu vínculo com a FSLN, era necessário ter autorização da cúpula do partido para vincular-se a outras atividades ou grupos. Sendo assim, Estrella resolve não contar ao partido sobre sua relação com a FSLN e passa a ter duas militâncias, como dissemos acima, ficando para nós ainda mais clara a sua vontade de agir coletivamente.

4.8. Memória e consciência política: ações de solidariedade como formas de participação política.

Nos parágrafos anteriores, aproximamo-nos a eventos do passado que foram registrados e

colocados para análise, dando como resultado uma memória coletiva que traz para o debate público a participação política de mulheres costarriquenhas e nicaraguenses no processo de solidariedade com a resistência sandinista, que enfrentou à ditadura militar somozista na Nicarágua.

As categorias aqui apresentadas permitiram-nos mostrar os sentidos atribuídos pelas mulheres entrevistadas a uma época de solidariedade internacional, ao mesmo tempo que se apresentam como protagonistas de um momento histórico e colocam em movimento outras versões não escritas do passado político centroamericano.

As narrativas compartilhadas pelas mulheres entrevistadas falam de uma trajetória de compromisso e militância política que começou desde muito cedo na vida de cada uma delas. Diversas são as origens e formas de socialização política que vivenciaram. Algumas tiveram fortes referências de parentes envolvidos com política partidária, tal como contaram Yamileth, Clara, Estrella, Luisa e Georgina. Outras tiveram acesso a espaços formais de educação que marcaram a visão de mundo, como foi o caso de Georgina, Marta, Leonia, Fernanda, Clara e Maria, que fizeram o ensino médio em colégios católicos nos quais predominava a influência da Teologia da Libertação. No caso particular de Piedad e de Blanca, o processo de politização, visto como o momento de questionar as estruturas de poder, as desigualdades e a injustiça social, chega no momento da vida adulta quando são levadas por pessoas próximas para espaços de formação política, especificamente o Partido Vanguardia Popular. Marcela, por sua vez, nasce no sul da Costa Rica num contexto de disputa e luta política por direitos trabalhistas, as plantações de banana, lugar que na década de 1930 presencia a origem dos primeiros sindicatos, com uma forte presença de migrantes nicaraguenses.

Dessa trajetória de formação política, resulta uma consciência crítica que ajudou a perceber a ditadura somozista desde uma determinada perspectiva. Elas se vêm afetadas pelos acontecimentos políticos na Nicarágua, na época em questão. E desde os espaços de participação e atuação política, envolvem-se em atividades de solidariedade, pois era nelas que viram sua eficácia política para transformar uma situação percebida como injusta.

Mesmo que, para algumas das mulheres entrevistadas, a participação em ações de solidariedade com o povo nicaraguense se deu espontaneamente e sem muita reflexão sobre os riscos que aquilo implicava, fica claro para nós que esse engajamento desde a solidariedade é

oriundo de um percurso de vida no qual todas transitaram caminhos por meio dos quais foram formando uma visão de mundo onde não cabia a injustiça e a desigualdade.

O afetar-se com os acontecimentos na Nicarágua faz com que haja um redirecionamento na vida de todas elas e a quebra com o cotidiano aconteça. Assim, a participação e planejamento das ações de solidariedade chegam a ocupar grande parte do tempo de quem se comprometeu com a causa sandinista.

Tendo em conta que, no roteiro de entrevista aplicado, nos centramos nas ações de solidariedade com a Nicarágua, e embora tenhamos explorado brevemente a trajetória de vida de cada uma das entrevistadas, não podemos classificar o nível de comprometimento nem de consciência política de cada uma delas. Não pretendemos valorar o envolvimento das mulheres. O tipo de atividade e as formas de participação dependiam das condições particulares de vida e dos espaços desde os quais se atuava e não contamos com os elementos suficientes para extrapolar uma análise deste tipo a todos os âmbitos de vida das entrevistadas.

Entendemos, contudo, que a partir das narrativas de ações de solidariedade com o povo nicaraguense, que nos foram compartilhadas, é possível identificar aspectos que caracterizam determinados tipos de consciência que aparecem na trajetória política e de vida de cada uma delas.

Assim, podemos dizer que há, nas memórias aqui trazidas, manifestações que falam de uma consciência crítica que permitiu desenvolver sentimentos de empatia pelo povo nicaraguense, e com o decorrer, perceber como a solidariedade cumpria um papel político transformador, ou seja, uma consciência de solidariedade como um ato político, como uma forma de ação direta. Identificamos, também, traços de uma consciência revolucionária quando entendemos que, dentro daquele contexto político, antepõem-se os interesses de um grupo sobre os interesses pessoais e colocava-se em risco a vida própria e da família.

Neste ponto, é pertinente mostrar brevemente o que entendemos por cada um desses tipos de consciência. Para isso, partimos da idéia proposta por Josiane Magalhães (2001) de que a consciência contém elementos sociais, racionais e emocionais. Nela encontram-se as crenças, sentimentos, ideais e valores que o indivíduo constrói na interação social em determinado ambiente, portanto a consciência é histórica e socialmente definida. Para a autora a sociedade onde nos desenvolvemos não é homogênea, “a constituição mesma de cada indivíduo é uma

experiência bastante particular”, e o elemento emocional é por ela colocado como fundamental na formação da consciência e da subjetividade.

Para Magalhães (2001) o processo de individuação, do qual também fala Silva (2008), implica a construção e simbolização de conhecimentos e experiências. Desta forma, esses elementos que compõem a consciência não são fixos, e podem ser questionados o tempo todo pela interação com outros/as e com o ambiente.

A tendência generalizante que está proposta através da homogeneidade presente na sociedade, encontra-se com a heterogeneidade do processo de formação da consciência, assim é possível que certas experiências façam com que coloquemos em questão os valores e crenças adotados na socialização, o que pode levar à manutenção ou questionamento da realidade subjetiva (Magalhães).

Mas a autora vai apontar também para a diversidade dos ambientes nos quais o indivíduo interage. Neles os seres humanos produzem diversidades de tipo econômicas, políticas e sociais e as correspondentes relações de poder, exclusão, dominação, entre outras.

Nesta linha proposta por Magalhães (2001), a consciência seria o processo de objetivação “de valores que a sociedade (ou uma parte dominante dessa sociedade) acha por bem que os indivíduos desenvolvam em sua subjetividade” (2001, revista eletrônica sem numeração de página). E a consciência crítica viria de “um esforço individual de transcender esses valores e ampliá-los”.

Assim, os ambientes diversos nos quais as mulheres entrevistadas cresceram mostraram para elas outras formas de ver e interpretar o mundo, levou-as a se vincular a espaços e pessoas onde o questionamento dos valores e crenças postos era possível; e com isso desenvolver, desde uma consciência crítica, uma postura determinada em relação à ditadura somozista. Encontrando, desta forma, na solidariedade o lugar para atuar politicamente para mudar aquela situação avaliada como injusta, o que seria para nós uma consciência de solidariedade como ato político.

Há indícios nas narrativas de algumas das entrevistadas que mostram desejos de ruptura com a estrutura de poder dada, neste caso, com uma política intervencionista dos Estados Unidos da América que sustentava uma ditadura na Nicarágua. Mas também com uma estrutura patriarcal que atravessava não só a ditadura somozista, como a estrutura dos partidos políticos desde os quais atuavam. Seria esta uma consciência política revolucionária, definida por Sandoval (1994)

como aquele tipo de consciência que considera que é necessária uma reorganização macroestrutural profunda do poder, e acredita que o próprio bem é o bem comum (Silva, 2008), desta forma dita reorganização só é possível na ação coletiva.

Exemplo deste tipo de manifestações, são por nós identificadas no seguinte depoimento de Yamileth, quando respondeu à pergunta sobre como se relaciona atualmente com a política:

Primero que todo teniendo una visión de lo que pasa en el país, una visión crítica no complaciente, tampoco hablo de incidir, hay cosas que se pueden cambiar pero lamentablemente... Por eso digo que estoy en resistencia porque si incido estoy legitimando este sistema injusto y puedo conseguir mejoras, pero dentro de ese sistema la mejora que consiga ahora dentro de dos años me la pueden quitar... Y así ha pasado con muchos derechos que hemos ganado, los ganamos, los perdemos, tenemos que volver a luchar por ellos, hay otros que no nos los van a dar porque no les da la gana... Y que el hecho de avanzar hacia las cosas pequeñas, a las cosas que las mujeres podemos cambiar, principalmente que las mujeres tengan una visión de que pueden ser protagonistas de la historia, de hacer cambios... Cambios en uno, cambios de no ser complaciente con esta burguesía política que tenemos sin vergüenza, corrupta, en fin, hay tantas cosas que por eso la resistencia se fortalece cada día, y tener un proyecto emancipador propio y no mío sino para todo el mundo. (Yamileth, 09/04/2013)

Há nesse relato uma clara postura revolucionária que expressa a necessidade de ter um projeto político autônomo e emancipador porque a estrutura de poder que está dada não contempla os interesses de certos grupos, neste caso os das mulheres. Ao mesmo tempo que vemos o desejo de atingir o bem comum por meio da ação coletiva e da resistência.

No relato de Georgina encontramos também elementos de uma consciência política revolucionária, quando responde à pergunta sobre como se vincula atualmente com a política:

Bueno, el trabajo a través de la iglesia, de la teología porque ahí se hace política, no partidaria pero sí política, ¿verdad? Entonces mi vinculación es con eso ¿ves? Esto es un pueblo sumamente religioso e ignorante y con una religiosidad terrible! Entonces ese es el trabajo que hacemos mi hija y yo, bueno yo me hice Diacona, a mí me ordenaron Diácona, eso fue un escándalo nacional, me llevaron a los periódicos, a las radios, a la televisoras, porque no sé qué desde hace cuántos miles de años atrás no podía una mujer ser diacona y yo con este grupo logramos, y digo a la mierda los chayotes, hacemos una diacona y... Y eso fue un escándalo! Y ha seguido, yo soy diácona y ahora soy además vicaria. Ahora con esto de la iglesia, diay, montones de pleitos pero seguimos adelante haciendo cosas muy diferentes que van a marcar, espero, la historia. Con las mismas armas, esa es la política mía ahora, las mismas armas vamos a ponérselas, es muy homeopática la situación. (Georgina, 17/06/2013)

Georgina conta como resiste e luta com a hierarquia da Igreja Católica para que as mulheres ganhem espaços de decisão dentro da própria igreja, ocupando ela mesma um lugar que

milenarmente foi exclusivo dos homens. Identificamos também um projeto político transformador que busca politizar a igreja através da teologia e sempre falando em plural, o que nos remete à idéia de um projeto coletivo.

Mostramos aqui dois trechos que achamos são emblemáticos de manifestações de uma consciência política revolucionária. Mas acreditamos que não só nas narrativas de Yamileth e de Georgina se transparenta esse tipo de consciência. Pensando no conceito aqui posto, acreditamos que ações como proteger as pessoas nicaraguenses nas próprias casas, comprar armas, transportá-las, portar informação confidencial, entre outras, são ações revolucionárias em tanto que, mesmo colocando em alto risco a vida, antepunha-se o bem comum à própria segurança, e acreditava-se em um projeto coletivo transformador.

No caso específico das mulheres nicaraguenses, é claro para nós que só o fato de passar a colaborar com a FSLN, e tudo o que isso implicou: deixar a família e colocá-la em risco, passar à clandestinidade, sofrer em alguns casos aprisionamento e tortura, ver amigos e amigas morrer, e ter que sair de seu país e se engajar na solidariedade internacional na Costa Rica; fala de uma consciência revolucionária que abraçou o projeto sandinista de soberania e liberdade para a Nicarágua e seu povo.

Neste capítulo, transitamos através de trajetórias de luta, resistência e compromisso político, decorrentes de um contexto marcado pela violência e terrorismo de Estado que a ditadura somozista instaurou por várias décadas na Nicarágua. Nas memórias que aqui foram mostradas, é possível ver como mulheres de diferentes condições e origens foram convocadas pela solidariedade a se engajar politicamente com o processo revolucionário sandinista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumimos neste trabalho o desafio de construir um processo coletivo de elaboração de uma memória política a partir de narrativas de mulheres costarriquenhas e nicaraguenses cuja participação política foi fundamental no processo de resistência e luta, que deu como resultado o triunfo de um processo revolucionário que em 1979 acabou com 45 anos de ditadura na Nicarágua.

Essa participação política é trazida aqui em forma de ações de solidariedade que se gestaram na Costa Rica e aglutinaram a mulheres das mais diversas origens. Nesse sentido preocupamo-nos por fazer visível a diversificação das mulheres que participaram dos recentes eventos políticos da América Central, assim como dos lugares onde aconteceram as ações de solidariedade que aqui chamamos de políticas.

Os processos de re-democratização trazem consigo a elaboração de versões sobre o passado que passam pelo filtro de grupos com interesses políticos bem definidos. Dobles (2009) no seu estudo sobre as Comissões da Verdade na América Latina, aponta para a seletividade dos fatos que vêm formar parte da história oficial, definindo desta maneira os elementos que serão legitimamente reconhecidos como verdadeiros.

Desta forma a memória cumpre uma função social e política no auxílio da elaboração de lembranças que surgem como versões antagônicas aos interesses políticos dos grupos que tradicionalmente tem monopolizado o campo da escrita da história.

As memórias aqui trazidas para análise são o resultado de um momento político que se apresenta como uma oportunidade para que quem não teve uma escuta, consiga fazer ecoar sua voz na altura das versões oficializadas pela história escrita.

Como uma forma de resistência, utilizamo-nos dos recursos da produção acadêmica para encaminhar as vozes das mulheres que a história oficial não deu lugar. São memórias de luta, de compromisso, de irmandade e de solidariedade que falam de um passado onde houve um vínculo forte mediatizado por um fim coletivo de transformação social.

As elaborações aqui apresentadas são um exercício de resignificação das experiências das mulheres entrevistadas, que hoje fazem uma releitura do passado para que este cobre novas dimensões e os elementos da subjetividade se façam presentes.

Uma abordagem psicopolítica permitiu-nos estabelecer relações entre a memória e a consciência política, o que daria como resultado o que Ansara (2009) chama de uma memória política. É nessa memória onde se expressam as subjetividades que falam das formas nas que os processos políticos afetam afetaram as vidas das mulheres entrevistadas.

Conseguimos nesse caminho identificar uma consciência política que fala de crenças e valores, de identidades coletivas construídas, de identificação de adversários e interesses antagônicos, de práticas cotidianas desde onde é possível participar politicamente, e de sentimentos de injustiça que acionam a mobilização coletiva para atingir metas. Trata-se aqui das categorias do modelo de Análise de Consciência Política de Salvador Sandoval (2001), que nos permitiram fazer uma sistematização das narrativas das mulheres que foram entrevistadas para realizar este trabalho. Entendendo que a proposta de utilizar um modelo não teve como objetivo encaixar as narrativas das mulheres em categorias, se não, servir como fio conductor para destrinchar os sentidos nas falas das mulheres em relação ao tema que as convocou: solidariedade.

Nesse sentido o modelo acima citado fez possível estabelecer relações e contrapontos entre as narrativas das mulheres entrevistadas. A seguir apresentamos os elementos que consideramos se destacam dessa parte do trabalho que foi organizar as narrativas de acordo com as categorias do modelo de Sandoval (2001).

Em relação às crenças e valores conseguimos diferenciar um grupo de mulheres com uma visão mais institucionalizada da política, de um grupo com uma ideia mais informal onde a política faz parte da vida cotidiana e exerce-se desde diferentes lugares, não apenas aqueles destinados à política formal.

Nesta categoria ficou claro que para as mulheres a política tem um lado ruim e um lado bom. A parte boa refere-se à política como uma prática de vida orientada para a busca que justiça e do bem comum. A parte ruim tem a ver com o que as mulheres chamam de “politicagem” e é por elas vinculada diretamente com a atividade política-eleitoreira.

As identidades coletivas foi a seguinte categoria. Nas análises feitas podemos identificar três grupos com os que houve uma identificação: o povo nicaraguense como um todo, as mulheres nicaraguenses e os/as companheiros/as de luta. No caso das mulheres costarriquenhas vemos como para elas, que vinham de uma militância em diferentes instâncias, havia uma identificação

com a FSLN e seus princípios revolucionários, mas no grosso da população costarriquenha o que havia era um profundo sentimento de antisomozismo, que se sustentava numa cultura antibelicista que por sua vez mobilizava às pessoas. Neste sentido, como apontamos no capítulo anterior, era inaceitável para muitas pessoas ter como vizinho a um tirano como Somoza, sendo que na Costa Rica a paz e democracia são valores fundadores da identidade nacional e que tem suas bases num momento histórico de reforma política. Falamos aqui daquilo que descrevemos no capítulo I desta dissertação como o mito da democracia costarriquenha. E por que mito? Porque apartir da abolição do exército em 1948 criou-se uma ideia de um povo pacífico que optou pela democracia e não pela guerra. Sendo que dita medida formou parte de uma reforma constitucional que criminalizou à esquerda costarriquenha, para ser assim conivente com a política externa anticomunista dos Estados Unidos.

Passamos imediatamente para a identificação de interesses antagônicos e adversários, onde surgiram das narrativas das mulheres quatro grupos de pessoas que são vistos como adversários e com interesses antagônicos: o imperialismo dos Estados Unidos de América, o somozismo na figura de Anastasio Somoza e seus dois filhos sucessores como responsáveis de uma situação injusta que tinha que acabar, os grupos econômicos que colaboraram com a manutenção do regime militar e por último Daniel Ortega, presidente atual da Nicarágua e que teve um reconhecido papel nas diferentes etapas do processo sandinista. As mulheres entrevistadas expressaram neste sentido sentimentos de traição, pois a situação atual da Nicarágua deixa ver que o governo de Ortega está percorrendo caminhos muito similares aos percorridos pelo somozismo: poder político concentrado numa família.

A eficácia política como categoria analítica permitiu-nos sistematizar todas as ações de solidariedade nas que as mulheres chegaram a se envolver. Aqui ficou claro como a solidariedade concretizou-se em ações políticas desde as quais as mulheres entrevistadas engajaram-se no processo sandinista como colaboradoras.

Dai partimos para as outras categorias do Modelo de Análise de Consciência Política: vontade de agir coletivamente e sentimentos de injustiça, motores da ação coletiva orientada pela meta de pôr fim à ditadura somozista, vista esta como uma situação injusta que tinha que acabar, e na qual perceberam-se como capazes de intervir politicamente.

A memória como ferramenta teórico-metodológica e na sua dimensão política, reconstrói

um passado no qual as mulheres entrevistadas conseguiram resignificar suas experiências durante a época aqui trazida, e se colocar como atrizes políticas que fizeram parte de um grande projeto de transformação.

Mesmo que as análises tenham sido feitas sem estabelecer contrastes entre as mulheres nicaraguenses e as mulheres costarriquenhas como dois grupos separados, por não se tratar esta de uma pesquisa comparativa, é importante neste ponto reconhecer que as formas de exercício da solidariedade foram diferentes. Enquanto as mulheres costarriquenhas atuavam principalmente no seu próprio país para apoiar a solidariedade, em espaços em geral seguros, como suas casas, os lugares de trabalho, o Comitê Central do Partido Vanguardia Popular, as ruas, entre outros, as mulheres nicaraguenses eram obrigadas a atuar na clandestinidade. Por questões relacionadas à segurança pessoal e familiar, muitas migram para a Costa Rica, onde se incorporam nos trabalhos de solidariedade de modo clandestino, longe da família, isto porque o governo do seu país era uma ameaça direta à segurança pessoal e familiar delas. Migravam muitas vezes depois de ter passado por processos de aprisionamento, tortura e perda de companheiros/as militantes e/ou familiares nas mãos da Guardia Nacional. Vale destacar que estas diferenças aqui levantadas não indicam que as mulheres costarriquenhas não corriam riscos pelo seu envolvimento com a resistência à ditadura Somozista, mas sim e somente que as suas próprias vidas e a de familiares não eram diretamente ameaçadas pelo seu governo nacional.

Como vimos no capítulo 2 desta dissertação, toda memória é coletiva pois o ato de lembrar se dá sempre dentro dos marcos sociais da experiência humana, mas Ansara (2009) vai nos dizer no seu trabalho sobre a memória da repressão da ditadura brasileira, que nem toda memória coletiva é política. Serão os elementos presentes na elaboração de uma memória, no nosso caso de solidariedade, “com suas resignificações, crenças e valores” (Ansara, 2009:271), que vão marcar o caráter político dessa memória. Nas lembranças das mulheres por nós entrevistadas é possível identificar idéias e posicionamentos políticos claros sobre uma época específica, a maioria delas tem uma formação política que começou desde a adolescência nos centros de ensino médio, as que acessaram à universidade envolveram-se com o movimento estudantil e daí passaram a militar em partidos políticos de esquerda. A militância, seja em partidos políticos, seja no movimento estudantil, em grupos cristãos, ou na Frente Sandinista de Libertação Nacional, aproximou a estas mulheres à realidade que vivia o povo nicaraguense durante a

ditadura somozista. Com a militância veio também a experiência coletiva de fazer parte de um projeto social transformador que fez da passagem a se envolver na solidariedade com a Nicarágua um processo natural, onde não coube questionamentos sobre se colaborar ou não, onde não houve reflexão sobre os riscos à segurança e à vida própria e da família, onde tinha-se a certeza de estar fazendo a coisa certa.

As atrocidades da ditadura Somozista fizeram com que mulheres de diferentes origens e condições socio-econômicas se identificassem com a luta sandinista, uma revolução que tinha como fundo ideológico a luta de classes. Este pano de fundo envolveu milhares de pessoas ao redor do mundo e serviu de pavimento para a construção da solidariedade entre os povos costarricense e nicaraguense naquele período. Hoje, entre estes dois países, o que vigora são discursos nacionalistas que separam os povos, justificam atos de violência xenofóbica, sustentam políticas migratórias de exclusão e mantêm no esquecimento uma época de colaboração e solidariedade que hoje seria uma ameaça aos interesses políticos tanto das lideranças políticas dos dois países como para as forças políticas e econômicas internacionais que têm interesses na região.

Outras atrizes, outros cenários, outras formas de participação que não necessariamente privilegiam os espaços públicos de participação política. São estes alguns dos elementos que este processo de construção de uma memória política nos traz, e que gostaríamos de apontar agora para dar conta de saber quem são essas mulheres, quais os lugares que reportam como aqueles onde aconteceu a solidariedade e as formas nas que se expressava essa solidariedade.

Tal e como apresentamos no capítulo 3 em forma de tabela, as entrevistadas são mulheres que vêm de diferentes estratos sociais, de diferentes lugares de Costa Rica e da Nicarágua, de diferentes processos de formação política, e que em distintos momentos da vida e produto das relações primárias com seu entorno imediato, vinculam-se com grupos políticos desde os quais engajam-se no trabalho de solidariedade com o projeto revolucionário sandinista. Assim, há mulheres oriundas de grupos católicos de juventude como a Fernanda e a Leonida, ambas nicaraguenses; militantes de partidos políticos de esquerda como a Yamileth, a Clara, a Lia, Georgina e Blanca; lideranças comunitárias como a Marcela e a mesma Piedad que também militou num partido político de esquerda e posteriormente se vincula com a FSLN. Estrella teve um caminho de militância parecido com o de Piedad, começa a trabalhar com um partido político

de esquerda para depois passar a trabalhar com a FSLN como militante e colaboradora. Yamileth é a única que durante a época está vincula a uma organização de mulheres.

Estas mulheres eram psicólogas, médicas, enfermeiras, assistentes sociais, comerciantes, professoras, sociólogas, cozinheiras, donas de casa e estudantes. A maioria delas mães que durante a época em estudo tinham que organizar seu dia a dia com o trabalho de cuidado das filhas e filhos, com a militância e com as atividades que lhes permitiam gerar uma renda. Em alguns dos casos a militância absorvia a maior parte do tempo delas, a tal ponto da familiar se envolver em atividades políticas, principalmente aquelas de caráter público. Para aquelas que tiveram que passar à clandestinidade como a Leonida, a Luisa, a Fernanda e a Estrella, todas nicaraguenes, a militância significou se afastar do seus grupos de referência, pelo que as distintas células nas que atuavam passaram a ser esse grupo de referencia que dava um suporte emocional.

No decorrer do tratamento das entrevistas: a escuta, a transcrição, a leitura, e por último sua organização e preparação para a análise, foi possível ver como as lembrança de ações políticas de solidariedade vão surgindo atreladas à vida cotidiana das mulheres entrevistadas. A vida pessoal não aparece separada da militância. Fatos significativos como o nascimento de um filho ou uma filha, o casamento, o fim de um relacionamento, a morte de um ente querido, o ingresso na universidade, uma viagem; vão sendo lembrados em relação à solidariedade, tema que as convocou para falar; outra vezes são o apoio que ajudam a localizar no tempo o fato narrado e identificam as pessoas que fizeram parte dele. Desta forma vão aparecendo filhos, filhas, companheiros sentimentais, aparecem as avós e os avôs, as e os colegas de militância, a própria mãe, o próprio pai, irmãs, irmãos, professoras e professores do colegial e da universidade, colegas de trabalho e outro tanto de pessoas que vão tecendo a rede para dar suporte a uma memória que chamamos de coletiva.

Em relação aos lugares onde a solidariedade aconteceu, nas narrativas das mulheres entrevistadas aparecem ações focadas em duas regiões da Costa Rica: na capital, especificamente no centro da cidade e na região norte, na fronteira com a Nicarágua. A este respeito, é importante que apontemos para o que seria uma limitação do nosso trabalho, nele aparecem mulheres que atuaram, como dito, na região central da capital e duas delas, Estrella e Lia particularmente, na fronteira norte com a Nicarágua.

Como apresentado nos mapas no capítulo 3, a solidariedade aconteceu em espaços

públicos, como parques, restaurantes, nas universidades públicas; também aconteceu em espaços privados, entre eles as próprias casas das mulheres e nos comités centrais dos partidos políticos.

A partir do narrado pelas mulheres, diferenciamos dois tipos de atividades: aquelas que se deram no âmbito público e tinham como fim denunciar as violações aos direitos humanos que estavam se dando na Nicarágua da ditadura somozista, e ao mesmo tempo ganhar o apoio do grosso da população costarriquenha. No âmbito privado, a solidariedade aconteceu de maneira sigilosa e principalmente nas casa das mulheres. O trabalho tinha que ser compartimentado por uma questão de segurança. Nas casas das mulheres aconteciam reuniões de lideranças dos Partidos Políticos com a FSLN para coordenar ações de segurança, hospedavam-se pessoas da Nicarágua que iam para Costa Rica em condição de clandestinidade, perseguidos pela Guarda Nacional nicaraguense ou porque precisavam viajar de maneira clandestina. A Costa Rica foi ponte para a saída de pessoas nicaraguenses que precisavam sair da Nicarágua de forma segura e continuar para outros países, como Panamá, Cuba, Venezuela, México, Espanha e Alemanha, entre outros. Na Costa Rica as pessoas eram recepcionadas e conseguia-se passaportes para que não fossem detidas nos aeroportos.

Os motivos das viagens eram várias: algumas pessoas saíam da Nicarágua por uma questão de segurança pessoal como apontamos no parágrafo anterior, outras iam para países como Cuba, por exemplo, onde participavam de processos de formação militar para se incorporar posteriormente na luta armada, ou para se treinar em estratégias de segurança para trabalhar na parte de retaguarda; e outras saíam com a missão de comprar armamento, ou de buscar recursos econômicos para sustentar a guerrilha, de denunciar o regime militar somozista, e com isto fortalecer a solidariedade com a Nicarágua.

As memórias que neste trabalho trazemos representam a reconstrução feita por mulheres de um passado recente de solidariedade entre dois povos durante uns dos episódios mais tristes da história política centroamericana. A Cruz Vermelha estimou no momento do triunfo da Revolução Sandinista em 1979, que a ditadura somozista, durante a insurreição (setembro de 1978 a julho de 1979), tinha assassinado a 50.000 pessoas, 300.000 estavam desaparecidas e 400.000 presas. Essas estimativas não contabilizam os 45 anos de ditadura, nem os desaparecimentos de camponeses a partir de 1970, nem as pessoas confinadas nos campos de concentração clandestinos montados nas montanhas (Ferrero, 2009:176).

A Guarda Nacional sob o mandato de Somoza, massacrou o povo nicaraguense numa guerra desigual na qual não era possível combater sem estar disposto a morrer. “Patria libre o morir” era uns dos gritos de guerra dos e das guerrilheras do exército sandinista.

Esse projeto revolucionário que libertaria a Nicarágua e faria do país terra soberana, precisou de um enorme trabalho de retaguarda e custou a vida de milhares de pessoas.

Para nós este trabalho representa em parte uma homenagem a essas pessoas que lutaram e perderam a vida pela liberdade de um povo, mas também a nossa homenagem é para as pessoas que trabalharam desde outras frentes para manter viva a luta revolucionária. São essas as experiências que as mulheres convidadas para participar desta pesquisa, compartilharam em forma de memórias para trazer ao momento presente outras versões dos fatos, para se colocar como sujeitas políticas, para fazer parte da história, para politizar a solidariedade, para combater o esquecimento que mantém discursos de ódio e que separam aos povos, para conversar com o futuro e analisar o presente com uma visão crítica.

Nesse sentido chamou profundamente nossa atenção quando durante a entrevista da Lia lhe pedimos que falasse sobre aquilo que é importante lembrar. A continuação a resposta:

Para mí es importante recordar que la dictadura no surge siendo voluntariamente asesina, o sea que la violencia y la agresividad y la malditencia y el asesinato la criminalidad va en aumento conforme empieza a haber oposición, o sea en el primer tiempo convivíamos, no era...no es que Somoza fue sanguinario desde el primer momento, eso es uno, y lo otro es que Somoza era también populista, no es que Somoza fuera todo el tiempo beneficiado de su gente sino que tenía una actitud populista muy parecida a la ahora. (Aqui a entrevistada se refere ao atual governo de Daniel Ortega) (Lia, 24/04/2013)

Lia apresenta-nos essa visão crítica do presente a partir dos contrastes com o passado, ao se referir as semelhanças por ela identificadas entre a ditadura somozista e o governo de Daniel Ortega, onde há uma combinação entre autoritarismo, populismo e concentração do poder econômico que caracterizou as primeiras décadas da ditadura somozista e que segundo ela repetem-se atualmente.

Esse sentimento de que a história na Nicarágua está se repetindo foi expressado pelas mulheres quando perguntadas sobre as relações de Daniel Ortega com o passado revolucionário, tal e como analisamos no capítulo anterior quando tratamos sobre a categoria que se refere à identificação de adversários e discursos antagônicos.

Outro ponto que achamos não pode passar batido, é a questão sobre como o esquecimento,

no caso particular das relações entre a Costa Rica e a Nicarágua, opera como um mecanismo que mantém discursos de ódio que apaga não só uma época de solidariedade, como qualquer experiência ou iniciativa de integração entre costarriquenhas/os e nicaraguenses que não responda aos interesses políticos dos governos.

No seguinte trecho Marcela fala ao respeito quando perguntamos lhe sobre se é importante lembrar desse passado de solidariedade entre a Costa Rica e a Nicarágua:

¿Ese pasado de antes del 79? Para mí sí es importante recordarlo en el sentido de que con historia, como la historia, no olvidarse de que eso sucedió, que a veces lo olvidamos y caemos en lo que estamos ahorita, todo en contra de los nicas y los nicas y los nicas... A mí me asusta eso, me asusta tremendamente porque en esa época no había esa actitud. Entonces quizás si lo recordamos podemos ir y si sacamos toda esa parte de somocista cuando se venían los nicaraguenses para acá a trabajar y como estábamos en comunión los pueblos, yo no me acuerdo nada de gobierno porque no me acuerdo de nada, los pueblos como estábamos en comunión, inclusive en la Zona Sur que yo ni siquiera sabía si era tica o si era nica, yo no sabía y ni me interesaba, mi interés vino a hacerse después, ya en el pensamiento.

Marcela lembra como eram as relações entre as pessoas e não entre os governos. Para ela havia comunhão entre os povos, e responsabiliza ao esquecimento de que essa parte da história não se conheça.

Para Leonida por ejemplo, os problemas que existem atualmente entre a Costa Rica e a Nicarágua têm a ver com questões aleias ao povo nicaraguense e costarriquenho, neste ponto ela concorda com a Marcela quando lhe pedimos que nos desse sua percepção sobre a situação atual das relações entre a Costa Rica e a Nicarágua:

La relación es complicada por intereses ajenos al pueblo de Costa Rica y ajenos al pueblo de Nicaragua, porque la verdad que toda la vida los pueblos en la frontera han sido pueblos hermanos, el caso nuestro hacia el sur y hacia el norte y lo mismo ha sido con Costa Rica siempre pues, y ahora está una situación armando conflictos que suscitan eee... un fuerte espíritu de nacionalidad... (Leonida, 06/05/2013)

Segundo estas duas falas que acabamos de apresentar, existem interesses políticos por trás do esquecimento de uma época de solidariedade e irmandade entre os dois países. Embora não tenha sido possível nesta pesquisa aprofundar sobre quais exatamente são esses interesses, resgatamos a impotência de trazer um passado que poderia nos dias de hoje combater esses discursos de ódio que, segundo Leonida, sustentam-se num “forte espíritu de nacionalidade”.

As memórias aqui trazidas contribuíam com o reconhecimento da participação política de

mulheres que a história oficial manteve no anonimato. Pois, no caso da Nicarágua, quando fomos pesquisar sobre as mulheres da revolução sandinista, encontramos-nos com nomes que muito se repetem, que sem deixar de reconhecer sua importância para o processo revolucionário e para a política atual nicaraguense, representam um excesso de memórias que acabam por opacar a participação de muitas outras mulheres.

Na Costa Rica, acreditamos que seja a primeira pesquisa que se faz sobre como as mulheres costarriquenhas organizaram-se para apoiar, colaborar e participar do trabalho de retaguarda que foi fundamental para o triunfo popular da frente sandinista.

Estudar a participação política solidária dessas mulheres com o processo revolucionário nicaraguense, fez parte de um processo de revisão da minha própria história. Reconhecer meu envolvimento pessoal com esta pesquisa desde antes de entrar no mestrado, quando durante a especialização em Psicologia Política resolvi que queria estudar a participação política das mulheres latinoamericanas em contextos de repressão, permitiu-me uma aproximação ao tema sem medo de mergulhar nas emoções que vão surgindo no decorrer do trabalho. Isto tem a ver com um compromisso político desenvolvido ao longo dos anos, primeiro como filha de mãe e pai militantes de esquerda, depois aprendendo da militância feminista da minha mãe, cujas experiências de solidariedade aparecem nas memórias aqui apresentadas.

São muitas as inquietações que ficam uma vez terminado o trabalho de pesquisa. Pensar que esse passado de solidariedade da Costa Rica com a Nicarágua se mantenha na memória de quem participou diretamente dos fatos, e que quem hoje fala desse passado com um pseudônimo, coloca em nós a pergunta sobre quais os interesses por trás das políticas de esquecimento que operam em ambos países. Qual o papel dos governos em relação à manutenção de versões da história que legitimam e privilegiam certas leituras dos eventos políticos da história recente da América Central?

Qual a relação entre as políticas de esquecimento e os discursos de ódio exacerbados por um “forte espírito” nacionalista, tal como dito pela Leonida (06/05/2013)?

A ditadura Somozista provocou no mundo inteiro uma onda de solidariedade que foi chave no triunfo da Revolução Sandinista. Na Costa Rica as massivas manifestações públicas de solidariedade, o trabalho clandestino de retaguarda e de inteligência para dar suporte à luta armada são a expressão de formas de relação onde o bem comum e o trabalho coletivo eram

valores fundamentais. Contrário ao que se vê no que vem acontecendo nos últimos tempos na América Central a partir da implementação das Políticas de Ajuste Estrutural, onde as relações estão mediadas pela luta individual para satisfazer os próprios desejos e necessidades, clara expressão do neoliberalismo.

É importante entender como o atual contexto político orienta nosso olhar para o passado, pois ele explica como se instaura o esquecimento de uma época de solidariedade entre o povo nicaraguense e o povo costarricense. Nesse sentido, desde um olhar psicopolítico sobre um presente carregado de individualismo e egoísmo, os atuais discursos de ódio se contrastam com um passado de solidariedade.

Assim, é possível transcender a nostalgia na hora de lembrar do passado e, a partir do aprendizado político, poder construir outras formas de olhar para o outro/a que permitam pensar em alternativas de integração e colaboração entre os povos.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Laura. **El mito democrático constarricense y su impacto en la construcción de la práctica política en periodos de conflicto social**. 2010. 308 f. Dissertação (Mestrado). Facultad de Ciencias Sociales, Sede Académica México. 2010.
- ANSARA, Soraya. **Memória Política, Repressão e Ditadura no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2009.
- ANSARA, Soraya. Memória Coletiva: Um Estudo Psicopolítico de uma Luta Operária em São Paulo. **Psicologia Política**, 1(2), 2001.
- AGUILAR, Marielos. **Los Derechos Civiles en Costa Rica (1940-1980): Historia de un Proceso Democrático**. San José, Costa Rica. Instituto Costarricense de Estudios Sociales, 1989.
- ANDÚJAR, Andrea (cord.). **Hilvanando Historias. Mujeres y Política en el Pasado Reciente Latinoamericano**. Argentina: Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género, Universidad de Buenos Aires. Ediciones Luxemburgo, 2010.
- ARAUJO, Ana Paula. **Experiências de Resistência ao Regime Militar (1964-1985)**. Dimensões, Espírito Santo, Vol. 13, jul-dez 2001, 104-117, 2001.
- ARAUJO, Ana Paula e SEPÚLVEDA, Miriam dos Santos. **História, memória e esquecimento: implicações políticas**. Revista Crítica de Ciências Sociais. [On line] 79, 2007, posto on line 01 Outubro 2012. Consultado o 08 de agosto de 2013. URL: <http://rccs.revues.org/728>
- ARRATIA, Alejandro. **Dictaduras Latinoamericanas**. Revista Venezolana de Análisis de Coyuntura, 2010, Vol. XVI, No. 1 (ene-jun), pp. 33-51.
- BALTODANO, Mónica. **Memorias de la Lucha Sandinista. El camino a la unidad y al triunfo: Chinandega, Frente Sur, Masaya y la toma del Búnker**. Tomo III. Managua, Nicaragua: Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica de la Universidad Centroamericana, 2010.
- BARROS, Mercedes, María. **El silencio bajo la última dictadura militar argentina**. Pensamento Plural, Pelotas, No. 05, Páginas 79 - 101, julho/dezembro 2009.
- BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, N. PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Volume 1, 11ª edição. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1983, 1358 f.
- BIGLIA, Bárbara e BONET-MARTI, Jordi. **La construcción de narrativas como método de investigación psico-social. Prácticas de escritura compartida**. Forum Qualitative: Social Reserch. Vol.10, No. 1, Artigo 8, 2009.

BOLAÑOS, Manuel. El Proceso Democrático en Costa Rica In.: BOLAÑOS, Manuel Rojas (org). **Costa Rica: La Democracia Inconclusa**. San José, Costa Rica: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1989.

CHAVARRIA BRENES, Daniel Alexander; SOTO NAVARRETE, Henry Alonso. **Compromiso político y derechos humanos en las prácticas religiosas de las Comunidades Eclesiales de Base de El Salvador en los años de preguerra 1977-1980**. 2012. 612 p. San José. Tese (Licenciatura em Psicologia) Escuela de Psicología, Universidad de Costa Rica, San José, 2012.

CHARTIER, Roger. **El pasado en el presente. Literatura, memoria e historia**. Co-herencia, Revista de Humanidades, Universidad EAFIT, Colombia. Vol. 4, N° 7, pp 1-23. 2007.

DECCA, Edegard S. **Memória e Cidadania**. Secretaria Municipal de Cultura. O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania. (pp. 129-136). São Paulo: Departamento Patrimônio Histórico, 1992.

DE FRANCO, M e CHAMORRO, C. Nicaragua: Crecimiento Industrial y Desempleo. In.: **El fracaso social de la integración centroamericana. Capital, Tecnología, Empleo**. San José, Costa Rica: EDUCA, Centroamérica, 1979.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOBLES, Ignacio; Fernández, Daniel; Fournier, Marisol; Amador, K; Bolaños, E. **“Calero: Nacionalismo, conflicto, discursos**. San José, Costa Rica. Editorial Arlekin, 2009.

DOBLES, Ignacio. **Memorias del Dolor. Consideraciones Acerca de las Comisiones de la Verdad en América Latina**. San José, Costa Rica: Editorial Arlekin, 2009.

FACINA, Adriana e SOHIET, Rachel. **Gênero e memória: algumas reflexões**. Gênero, Niterói, v. 5, n. 1, p. 9-19, 2005.

FARGE, Arllete, PERROT, Michelle., SCHMITT-PANTEL, Pauline. et al. **A História das Mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia**. (tradução de Rachel Soihet, Rosana M. ^a Soares, Suely Gomes Costa) IN: Gênero. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero –NUTEG. V.2, n. 1. Niterói, EDUFF, p.7- 30, 2000.

FARIA, Francisco. Ramos de. (org). **Apontamentos em Memória Social**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

FERNÁNDEZ, R. C. **La entrevista en la investigación cualitativa**. San José: Revista Pensamiento Actual, Universidad de Costa Rica. (Documento sem data).

FERRERO, B. María Dolores. **Violencia y represión en el caso de los Somoza: las condiciones**

carcelarias de los presos políticos. Revista Historia Crítica N. 39, Bogotá, septiembre-diciembre 2009, p 154-178.

FIGUEROA, Carlos. **Dictadura militar y transición democrática en Centramérica.** Internacional Congress of Latin American Studies Asociation, XVIII, 1994. Atlanta, Georgia, Marzo 1994. Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades de la Universidad Autónoma de Puebla.

FIGUEROA, Carlos. **La revolución Sandinista y los contratiempos de la utopía en Centroamérica.** Bajo el Volcán, Vol.5, No. 9. Puebla, México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2005.

GAMBOA, Abelardo Morales. **Cruzar la raya: frontera y redes sociales entre Costa Rica y Nicaragua** In: Las fronteras del istmo: Fronteras y sociedades entre el sur de Mexico y America Central [en línea]. Mexico: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 2005 (generado el 20 septiembre 2014). Disponible en Internet: <<http://books.openedition.org/cemca/715>>. ISBN: 9782821828155.

GOLCHER, Erika. **Puntos Clave de la Democracia Costarricense (1950-1993).** Cátedra de Historia de las Instituciones de Costa Rica, Fascículo N°17. San José, Costa Rica: Universidad de Costa Rica, 1994.

GONZÁLEZ, Mirta. **Psicología Política.** San José, Costa Rica: Editorial UCR, 2008.

GONZÁLEZ, Roberto. **Nicaragua. Dictadura y Revolución.** Memorias, Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe. Año 6, N°10, Junio. Barranquilla, Colombia: UNINORTE, 2009.

GROSSMAN, Jonathan. **Violência e Silêncio. Rescrevendo o Futuro.** História Oral, Revista da Associação Brasileira de História Oral. v.3. pp. 7-24, 2000.

GUEVARA, Onofre. **Cien años de movimiento social en Nicaragua.** Managua: Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica, IHCA-UCA 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro Editora, 2012.

HELLER, Agnes. **Revolución de la Vida Cotidiana.** Barcelona: Península, 1998.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e História.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** España: Siglo XXI, 2001.

LÓPEZ Ana, GALICIA Luis, SOLÍS Isabel. **Memoria de Mujeres, Lucha e Identidad: Santiago Atitlán y Tucurú, Guatemala.** Ponencia presentada en el *Congreso Latinoamericano y Caribeño de Ciencias Sociales, FLACSO 50 años*, realizado en la sede de FLACSO en Quito, Ecuador, del 29 al 31 de octubre 2007.

LOWENTAL, David. Como conhecemos o passado. In.: **Projeto História. Trabalhos da Memória**. Nº17, pp 63-201, 1998.

MAGALHÃES, Josiane. **O que é consciência crítica?**. Revista Eletrônica Bimensal da Universidade Estadual de Maringá-PR. Ano I - Nº 02 - Julho de 2001. Acesso em 18/06/2014. http://www.urutagua.uem.br//02_consciencia.htm

MARTINEZ-GUAMAN Antar, Montenegro, Marisela. **La producción de narrativas como instrumento de investigación y acción sobre es dispositivo de sexo/género: Construyendo nuevos relatos**. Quaderns de Psicologia. V. 16, No. 1, pp 111-125, 2014.

MATTOS, Olgária. Memória e História em Walter Benjamin. In. Secretaria Municipal de Cultura. **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. (pp. 151-156). São Paulo: Departamento Patrimônio Histórico, 1992.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. São Leopoldo: Focus, 2004.

MINAYO, Maria Cecília De Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9ª ed. revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIYANO, Maria Cecília De Souza. (Organizadora) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

MONTERO, Maritza. Para qué Psicología Política. **Psicología Política**. V. 9. No. 18. pp 199-213. Julio. – Dez 2009.

MUÑOZ, Mercedes. **La Democracia Costarricense Frente a la Guerra Fría**. Cuadernos Digitales: Publicación Electrónica en Historia, Archivística y Estudios Sociales. Nº.11. Junio/11. Universidad de Costa Rica, Escuela de Historia, 2001.

NORA, Pierre. Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares. **Projeto História**. Nº 10, Dezembro/93., pp 7-28, 1994.

Organización Internacional para las Migraciones (OIM) y Proyecto Estado de la Nación. **Estudio Binacional: Situación Migratoria entre Costa Rica y Nicaragua. Análisis del impacto económico y social para ambos países**. Diciembre, 2001.

Oranización Iternacional para las Migraciones (OIM). **Perfil migratorio de Nicaragua 2012**. Nicaragua, 2013.

ORLANDI, Eni. (2010). **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. (1989). **Revista Brasileira de História**, v.9, n. 18, p. 09-18, ago.89/set.89.

PIMENTEL, Julio Pinto. Os Muitos Tempos da Memória. **Trabalhos da Memória**. São Paulo, Nº 17, Novembro/98.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. V.2, Nº3. 1989, pp. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. “**O Massacre de Civitella Val di Chiara (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luta e senso comum**”. In Ferreira, Marieta de Moraes & Amado, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*, pp. 103-130. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RODRÍGUEZ, Ileana. SZURMUK, Mónica (orgs). **Memoria y Ciudadanía**. 1ª edição. Chile: Editorial Cuarto Propio, 2008, 334 f.

ROMERO, Mayra. **Mitos y Carencias de la Democracia Costarricense**. Ciencias Sociales 69. San José, Costa Rica. Pp 21-27, 1995.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença**. Revista da Associação Brasileira de História Oral. História Oral, v. 16, n. 2, p. 129-148, 2013.

SAFFIOT, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOT, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1979.

SAFFIOT, Heleieth. **O poder do macho**. Editora Moderna, São Paulo, 1987.

SANDOVAL, Salvador A. M. **The Crisis of the Brazilian Labor Movement and Workers Political Consciousness**. Revista Psicologia Política, São Paulo, v. 01, p. 173-195, 2001.

SANDOVAL, Salvador. **Algumas Reflexões sobre Cidadania e Formação de Consciência Política no Brasil**. In: SPINK, M. J. A Cidadania em Construção: Uma reflexão Transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTIAGO, Vélez, Jose, G. **Los procesos de democratización en América Central. La inestabilidad entre pactos y votos**. Seminario de investigadores en formación, 15 y 16 de junio del 2009. Departamento de Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales. Universidad

Autónoma de Madrid, 2009.

SANTOS, Myriam Sepúlveda. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHMITTER, Philippe. **La Dinámica de las Contradicciones y la Conducción de Crisis en la Integración Centroamericana**. Revista Integración, V. 23, N° 1, pp 161-166, 1969.

SARTORI, Giovanni. **Politics, ideology and belief systems**. The American Political Science Review, American Political Science Association, Vol. 63, No. 2, pp. 398-411, 1969.

SEBE B. Meihy J. Carlos e HOLANDA Fabiola. **História Oral. Como Fazer, Como Pensar**. São Paulo: Editora Contexto 2007.

SALVATICI, Silvia. (2005a), “**Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres**”, *História Oral, Revista da Associação Brasileira de História Oral*, v. 8, n. 1, pp. 29-42, 2005.

SALVATICI, Silvia. (2005b), “**Narrativas de violência no Kosovo do pós-guerra**”, *História Oral, Revista da Associação Brasileira de História Oral*, v. 8, n. 1, pp. 115-127, 2005.

SANTANA, Marco Aurelio. **Militância, repressão e silêncio: relato de uma experiência com a memória operária**. *História Oral*, 3, 2000, pp 35-47, 2000.

SILVA, Alessandro S. **Luta Resistencia e Cidadania: Uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT**. Curitiba: Juruá, 2008.

SILVA, Alessandro S. **As Cores Memoriais (e Distorcidas) da (In)Diferença: com que cores se colore o passado no tempo presente da Homofobia?!** *Revista Bagoas* 1(1). jun./dez., 2007.

SILVA, Alessandro S. **Consciência e Participação Política: Uma Abordagem Psicopolítica**. *Revista Interações*. V.6. No. 12. PP 69-90, jul/dez-2001.

SOJO, Ana. **Ensayo Sobre el Feminismo y el Sujeto Popular**. San José, Costa Rica: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1985.

TORRES, Edelberto. **Las democracias malas de centroamérica**. *Revista Nueva Sociedad*, N° 226, marzo-abril-2010, pp 52-66, 2010.

TORRES, Edelberto. **La Piel de Centroamérica, Una visión epidérmica de setenta y cinco años de su historia**. FLACSO, San José, Costa Rica. 2007, 286p.

TORRES, Edelberto. **Contrapunto Entre Reforma y Revolución: La Democracia en Costa Rica y Guatemala**. Trabajo elaborado durante una estadia de investigación en el David Rockefeller Center for Latin American Studies de la Universidad de Harvard, 2000.

VILLAGRA, G. W. **Estado y Clases Sociales en Nicaragua.** II Congreso de la Asociación Nicaraguense de Científicos Sociales “Carlos Manuel Galves”. Colección: Blas Real Espinales, Managua, Nicaragua, 1982.

ANEXO 1

Modelo do Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Consentimiento Informado

Proyecto de investigación: Alianzas Trans-fronterizas: Memoria Política de Acciones de Solidaridad en Costa Rica en el Contexto de la Dictadura Militar Somocista.

Investigadora responsable: Elvira Riba Hernández

Nombre de la participante: _____

Propósito del proyecto:

Este trabajo de investigación está siendo realizado por la estudiante Elvira Riba Hernández como requisito parcial para obtener el título de Master en Ciencias de la Escuela de Artes Ciencias y Humanidades de la Universidad de San Pablo, Brasil; bajo la orientación del Dr. Profesor Alesssandro Soares da Silva y con la colaboración de la Dra. Profesora Mirta González Suárez de la Escuela de Psicología de la Universidad de Costa Rica, y de la Dra. Profesora Myriam Santos Sepúlveda del Departamento de Ciencias Sociales de la Universidad del Estado del Rio de Janeiro.

Con este proyecto se busca visibilizar el actuar político de las mujeres costarricenses y nicaraguenses en solidaridad con el proyecto revolucionario sandinista durante los últimos tiempos de la dictadura somocista. Las experiencias narradas por las propias mujeres serán la principal fuente de información para construir una memoria que permita colocar en el ámbito público el aporte de las mujeres a un proyecto popular que pretendía acabar con la tiranía de la dictadura militar y alcanzar la soberanía y justicia social que proclamaba el sandinismo.

¿Qué se hará?

Usted será entrevistada por la investigadora en dos o más ocasiones. Cada entrevista tendrá una duración aproximada de 60 minutos.

Usted ha sido invitada a participar de esta investigación por su actuar político en Costa Rica durante la época de la dictadura somocista. Se le realizará una serie de preguntas abiertas relacionadas a estas experiencias de participación. Su participación es voluntaria, es decir, usted tiene libertad para aceptar ser entrevistada o no, y podrá retirarse en el momento que así lo desee y/o decida.

Además dicha participación tiene un carácter anónimo, por lo que no se revelará en los documentos que se publiquen su nombre, para proteger tanto su intimidad como su vida.

Es necesario contar con su aprobación para que las entrevistas sean grabadas (únicamente por audio). El fin de dichas grabaciones es el de facilitar el análisis de la información a la investigadora.

Antes de autorizar su participación en este estudio, la investigadora Elvira Riba Hernández debe haber contestado satisfactoriamente todas sus preguntas sobre el mismo. Si necesitara entrar en contacto con ella posteriormente al momento de la entrevista, puede localizarla en los siguientes números de teléfono: 2254-1182, ó 8669-0523.

E. Recibirá una copia de esta fórmula firmada para su uso personal.

F. Su participación en este estudio es confidencial, los resultados podrían aparecer en una publicación científica o ser divulgados en una reunión científica pero de una manera anónima.

G. No perderá ningún derecho legal por firmar este documento.

CONSENTIMIENTO:

He leído o se me ha leído, toda la información descrita en este documento, antes de firmarlo. Se me ha brindado la oportunidad de hacer preguntas y éstas han sido contestadas en forma adecuada. Por lo tanto, accedo a participar como sujeto de investigación en este estudio.

Nombre, cédula y firma del testigo
fecha

Nombre, cédula y firma de la Investigadora que solicita el consentimiento
fecha

Modelo tomado y adaptado de la Fórmula de Consentimiento Informado de la Escuela de Psicología de la Universidad de Costa Rica, VERSIÓN FCI – APROBADO EN SESION DEL COMITÉ ÉTICO CIENTÍFICO (CEC) NO. 149 REALIZADA EL 4 DE JUNIO DE 2008.